Padre Assis

CRÔNICA DAS 12

João Pessoa - PB
1998

Padre Joaquim de Assis Ferreira

DISCURSO NA INAUGURAÇÃO DA BR-230 NA PRESENÇA DO MINISTRO MÁRIO ANDREAZZA, GOVERNADOR JOÃO AGRIPINO FILHO E DEPUTADO ERNANY SÁTIRO, JÁ ESCOLHIDO GOVERNADOR. TRECHOS SALVOS DE UMA GRAVAÇÃO DE FITA K-7, JÁ BASTANTE DANIFICADA. DENTRE AS INÚMERAS FITAS, NÃO SE ENCONTROU O FAMOSO DISCURSO DE SAUDAÇÃO À VIRGEM DE FÁTIMA, EM SUA PASSAGEM POR PATOS.

...Rostos que se refletem sem manchas no brilho dos seus trabalhos, de suas obras... Estou aqui numa admiração reverente para aplaudir... ao ensejo do futebolista que joga e o espectador que aclama e incentiva... Trabalhar não dispensa a simpatia dos outros... Fazer o bem exige o reconhecimneto de todos... Senhor ministro e senhor governador, o administrador cresce e se avulta, não pelo que é, mas pelo que deve fazer, pelo que faz... É o próprio sol fustigando os campos, para dar calor à vida... Antes que um gênio... é o suor que a fecunda. A glória de um administrador sobe da poeira de suas obras, de suas realizações... Assistimos às núpcias solenes do Piranhas e da BR-230. A festa do enlace guarda os primeiros passos dos colonizadores dos nossos sertões. Para o cerimonial tão bonito, tão significativo, os padrinhos de casamento não deveriam ser realmente outros, senão o eminente Ministro dos Transportes, Mário David Andreazza, e o ilustre Governador da Paraíba, João Agripino Filho... Foram homens que calçaram primeiro as luvas brancas da honestidade para que não sujassem de beleza... com a fita branca do asfalto o corpo bonito da Paraíba. Senhor Ministro e senhor Governador, sem estrada, não há grandeza, não há progresso; sem água, também o sertão perdeira a sua beleza. O inverno... anterior às periódicas secas virou agreste de fartura permanente...o Piranhas sabemos de sua perenidade, suas represas de Coremas e Mãe, d'Água vêm a continuar sendo como roteiro histórico desse novo curso em nossa civilização. Que nos ajude, senhor Ministro, a transformar o Velho Reino, com irrigação nas suas margens, num poço de prata e de equilíbrio, onde se lerá o poema... Excelentíssimo Senhor Ministro, Mário Andreazza, cumpri a imposição de Vossa Excelência, vindo a Pombal para abraçar o amigo, e a tanto não me levaria a

vaidade, mas, para agradecer em nome do meu povo e da minha antiga sede municipal, o presente régio que Vossa Excelência nos deu com a BR-230...Senhor Governador do Estado...pelo seu empenho e força de trabalho, Pombal e o sertão estão agradecidos. Espera - e nisso confiamos - que Vossa Excelência continue a crescer sem o cansaço de fazer o bem...A luta que nos sangra os pés, na estrada...Não tenha nunca, Excelência, pedras nas mãos, senão para construir, hospitais, escolas e iluminação. Excelentíssimo Senhor Ministro, Governador Eleito, Dr. Ernany Sátiro, por uma circunstância providencial, Pombal fica entre Patos e Catolé do Rocha, berços dos dois últimos governadores da Paraíba. João Agripino com Mário Andreazza nos dando a BR-230, Vossa Excelência certamente nos dará, com sua meta prioritária da produção, o Piranhas e suas margens fertilizadas e fecundas. Pois o Pombal fica tranqüilo e sorridente, com a certeza do asfalto e a esperança verde do rio... A BR-230 ficará gravada no corpo da Paraíba como uma tatuagem de beleza e de amizade. Antes de findar, quero apresentar a cidade de Pombal às autoridades e ao povo, as Suas Excelências, o Senhor Ministro Mário Andreazza e ao Governador João Agripino, as calorosas congratulações de Sua Excelência Reverendíssima Dom Expedito Eduardo de Oliveira, bispo diocesano de Patos que, impossibilitado de vir, me pediu que o representasse...AGORA, POMBAL, FALO EM TEU NOME, MAS GUARDA A LEMBRANÇA DESTE DIA COMO UMA NOVA ORDEM DE ARRANCADA PARA O PROGRESSO E UM DOS MAIS JUBILOSOS DIAS DA TUA HISTÓRIA. OUTRORA, COMO REZAM AS TUAS BONITAS TRADIÇÕES, A SECA TANGEU PARA LONGE A RETIRANTE, DEIXANDO AQUI A SAUDADE E AS LÁGRIMAS. O CABOCLO ERAS TU. NA CHEGADA DA BR-230 É COMO SE FORA A VOLTA FESTIVA DA TUA FORMOSA MARINGÁ, SÍMBOLO DA TUA PROSPERIDADE, IMAGEM RETOCADA DA TUA GRANDEZA. (APLAUSOS)

ÍNDICE

Prefácio

A um velho terapeuta.

Quando Fabiano Vilar e Tarcísio Fernandes me trouxeram uma pasta com as crônicas do Pe. Assis, numa amostra recolhida por Dom Epaminondas, dentre mais de doze mil edições do Programa "Crônica das 12", da Rádio Espinharas de Patos, pensei logo na longa tarefa que seria a leitura cuidadosa daqueles antigos textos datilografados que chegavam à minha mesa em precárias fotocópias.

O caminho suposto se tornaria inevitável. Mergulhei no exame daquelas páginas, na presunção logo confirmada de que, certamente, teriam sido escritas com a intenção de abordar motivos do cotidiano na forma descuidada em que sempre se produzem textos para locução radiofônica. Esta seria minha primeira advertência aos novos leitores. Com certeza, as crônicas do Pe. Assis não foram redigidas sob a preocupação de organizar coerentemente, na forma e no conteúdo, a expressão de um pensamento sobre as coisas e as pessoas que sua visão de mundo poderia alcançar. A diversidade, a alternância de assuntos que variam do transcendente ao coloquial, definiram um redator de temas que nem sempre se distanciam da preocupação onomástica ou cronológica.

Conheci o Pe. Assis quando eu era estudante do Ginásio Diocesano de Patos e ele orientador dos alunos então dirigidos pelo Pe. Vieira. No Colégio Cristo Rei, por algum tempo, fui seu acólito nas missas cotidianas que celebrava , ainda em latim, para as religiosas e as jovens internas. Sem dúvida um sutil privilégio naqueles tempos de encantos sublimados. Convivi com ele, portanto, em duas dimensões. Na do homem público, consultor comunitário, onde exercitava com maestria sua capacidade de comunicação. E em momento mais íntimo, na direção espiritual que se praticava então, como um terapeuta do espírito que sempre foi, aprofundando-se na exploração dos motivos profundos da paixão e do pecado.

Foi nesse exercício que o Pe. Assis ganhou prestígio de psicólogo, de uma psicologia ainda tributária da Filosofia e da Moral. Seu campo de observação oscilava entre a introspecção, carac-

terística de seu temperamento, e os registros de uma longa convivência de observador dos costumes, das práticas e do caráter dos homens e mulheres de seu tempo. Teria sido talvez esse conjunto de qualidades pessoais associado à fidelidade a sua Igreja, à obediência à hierarquia mais conservadora, intelectualmente menos dotada, o provável fator de sua opção pela humildade e pela negação de suas próprias virtudes. Humilde, segundo ele, numa de suas crônicas, "não é aquele que deixa de ver o que existe em si, seja a beleza ou a fealdade, o brilho ou as trevas, a grandeza ou a miséria. Humilde é aquele que reconhece, pela verdade, o que realmente possui e, pela prática, atribui a si o mal e todo bem a Deus."

Noutro lugar desta coletânea, ao falar aos jovens, adverte nosso terapeuta: "Certo é que Deus nem sempre quer que pratiquemos a virtude que escolhemos, mas pratiquemos a virtude que ele escolheu." E, sobre a santidade, assegura que esta não consiste "em praticar este ou aquele bem, esta ou aquela virtude, mas em fazer a vontade santíssima de Deus." E "não pretendamos obrigar a Deus querer o que queremos."

Ao dedicar-se à crônica do meio-dia, no "pingo do sol" como diz brincando com a linguagem do povo, dedica seu trabalho ao propósito de cantar a glória de minha terra e gemer a dor de minha gente". Ao tempo em que formula essa intenção, o Pe. Assis já se conforma a um papel intelectual que não era mais o que esperávamos viesse a cumprir. De vez em quando, nesses textos de ocasião, volta a preocupação filosófica, teológica ou mesmo sócio - científica que teria ocupado seu pensamento de jovem intelectual. Os textos dos filósofos e pensadores da Igreja são revisitados, com breves remissões a Tertuliano, Tomás de Aquino, Tereza de Ávila, ou a Saint Exupéry, Roque Schneider ou Jackson de Figueiredo.

Sua preocupação ecológica desponta ao referir-se às cidades nordestinas que deveriam conservar, "de mistura com os perfumes da civilização, os aromas silvestres de nossos baixios e tabuleiros". Na política, sua atitude é ordeira, conservadora, por vezes submissa. Apenas timidamente se permite defender eleições enquanto justifica tantas cautelas que a ditadura militar adotara para defesa da ordem. Foi mesmo o pensamento político que nos distanciou. Enquanto eu avançava para a integração com as

correntes inovadoras do pensamento político e religioso ele recuara para um conservadorismo sacralizado. Faz o elogio dos missionários da tradição para desabafar: "O ecumenismo não é carismático".

Sou favorável à preservação e à continuidade da publicação das crônicas do Pe. Assis como material de pesquisa para avaliar algumas questões importantes no estudo do desenvolvimento de nossa sociedade. Desde a função da emissora de rádio como único veículo de comunicação de uso continuado, por algumas décadas, no interior, até às mudanças que desde então transitaram nas relações da Igreja com as elites e com o povo que se emancipa. Enfim, o itinerário do Pe. Assis revela o papel social dos intelectuais perplexos ante tantas desigualdades não resolvidas. Num momento de suas crônicas afirma: "A religião não é apenas uma filosofia de vida, é sobretudo uma ética de vida". Para rematar: "Ninguém é sinal de Deus se antes não se tornou sinal coerente de si mesmo".

É aqui neste lugar que retomo o contato com o amigo. A reserva de seu estilo de vida nunca me permitiu provocar uma discussão em torno de idéias que poderiam convergir. Ele me via sempre no caminho das heresias, incompatíveis com sua idéia de religião conformada à lei, à norma, ao roteiro. Na religião não há dupla personalidade, advertia.

Certa vez quando voltei a Patos, encontrava-me com alguns amigos que ainda moravam por lá. De repente observei, ao fim da avenida, afastando-se a caminhar, um padre de batina. Ante a minha pergunta esclareceram-me: – é o Padre Assis. Tive vontade de segui-lo para um cumprimento. A distância, entretanto, logo o encobriria na próxima esquina que, ainda hoje, permanece como último ponto de uma saudosa convivência. Ninguém avalia o quanto sou grato ao velho terapeuta.

Ronald Queiroz

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Um pouco de Colírio

Para aclarar a vista e ter das cousas a cor exata da realidade, é de sumo proveito um pouco de colírio nos olhos inflamados, olhos vermelhos de qualquer tipo de inflamação.

Muitas vezes esquecidos da nossa condição de racionalidade, permitimos que as paixões ou interesses turvem a limpidez da nossa visão do mundo, da sociedade, dos homens e das cousas.

À luz clara e fria da razão, que aponta e ilumina, com acerto, os caminhos da nossa vida, preferimos imprudentemente inflamar os nossos olhos de uma forte e quente afetividade que sempre transforma em cores diferentes as tintas reais de cada cousa.

Quem vê, em matizes diversos da realidade, uma pessoa ou um objeto, não pode agir com aprumo racional ou retidão humana, cometendo injustiça ou erro no julgamento que faz.

Se, ao menos, por precaução, fosse omitido o julgamento, por força de uma prudente reserva, ainda se salvariam, em tempo, 90% da imprevidência.

Mas os apaixonados de qualquer espécie são sôfregos em julgar, desconhecendo completamente o que seja cautela, moderação ou comedimento. E no julgamento é que se contém a responsabilidade pelas sentenças afirmativas ou negativas que emitimos, uma vez que o juízo é a mais importante das operações da nossa vida intelectual e livre.

Quem julga, faz uma eleição, uma escolha, e quem escolhe livremente, é responsável por sua preferência.

Daqui é que, julgando apressadamente através do forte colorido da sua carregada afetividade, o apaixonado, qualquer que seja a forma do seu apaixonamento – amor ou ódio, poder ou glória, ambição ou cobiça, soberba ou vingança – incide sempre em erro ou sempre comete injustiça.

Já que a paixão anuvia a lucidez do espirito e prejudica o pleno exercício da liberdade, o apaixonado deveria primeiro retirar

os seus óculos de cor para só depois fazer os seus julgamentos sensatos e corretos.

A verdade e a justiça são senhoras respeitáveis que só trajam roupas limpas, soberanas que, na sua majestade, só vestem mantos da cor da luz.

São exigentes mas exatas, sinceras, imaculadas, impecáveis.

A beleza e o fulgor de ambas estão na correção das suas sentenças, dos seus veredictos.

A nossa grandeza de seres racionais está sobretudo no uso permanente da verdade, que vê com exatidão, e no exercício imperturbável da justiça, que julga com correção.

O contrário é uma triste fuga do primado da nossa espiritualidade.

Para evitar a contradição e essa fuga, há gente entre nós que deve por nos seus olhos inflamados de paixão: Um pouco de colírio.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Homenagem ao Estudante

O dia 11 de agosto, data consagrada ao Estudante, não foi feriado nos estabelecimentos de ensino da cidade, que resolveram transferir para hoje as homenagens que seriam prestadas aos seus alunos.

A figura do Estudante nem sempre é cercada do carinho e apreço, a que faz jus, como força potencialmente renovadora da sociedade, como o lenço verde das esperanças da Pátria, a acenar para a nossa grandeza futura.

Quem continuará o nosso esforço de crescimento em todos os planos, aprimorando-o sucessivamente através dos tempos senão o Estudante?

As novas gerações, sem o cultivo do estudo, representam quase apenas uma expressão demográfica para o povoamento, um coeficiente pouco significativo para o trabalho e este rotineiro e, dadas as atuais técnicas militares arrasadoras, uma força sem pujança para a defesa do País.

O que faz a grandeza de uma nação, não é ter somente gerações novas mas tê-las primorosamente qualificadas pelo domínio das ciências, das técnicas, das artes. É possuir uma juventude vigorosa mas brilhante, uma mocidante fervilhante de ideais nobres e sublimes. Gente que cresce em formosas ascensões e faz conjuntamente crescer o seu povo, enriquece-se a sua terra, elevando o nível de aperfeiçoamento das instituições do seu País.

Desaventurada a nação que, para a sua grandeza futura, não descobre, na sua juventude estudiosa, razões fortes de confiança.

A esperança não nasce das cinzas do passado, embora seja sagrado o patrimônio acumulado pelo suor dos séculos, mas das chamas crepitantes do presente, que são os jovens.

Mas como podem, sem o aprimoramento pelo estudo, responder os moços às esperanças de grandeza da Pátria, aos seus anseios de desenvolvimento e de glória?

É assim que devemos contemplar, com simpatia e respeito,

a imagem do Estudante.

Deixemos o hábito de vê-lo negativamente na sua irrequietitude, nas suas brincadeiras vezes incômodas, nos seus esnobismos passageiros, nos aparentes desmandos.

Isso não é característico do Estudante, é decorrente da idade.

Estude ou não estude a criança; estude ou não estude o adolescente; estude ou não estude o jovem – jovens, adolescentes e crianças, quando em grupos numerosos como ensejam tal circunstância os estabelecimentos de ensino, são sempre buliçosos, irrequietos, travessos, vezes desabusados.

Não é pelo fato de estudar que o Estudante é assim mas pelo fato de ser criança, adolescente ou jovem.

Portanto muito bem fizeram os educandários da nossa cidade, numa compreensão e alargamento do seu mister educativo, de avocarem a si próprios a promoção de hoje, de prestarem esta: Homenagem ao Estudante.

Varões de Deus é que eles têm sido.

Assim, através dos tempos, Ibiapina, Herculano, Martinho e, agora, neste quase meio século, o maior de todos, ao meu ver, Frei Damião.

humana como pelo entusiasmo e fervor religioso do povo. Todos, brandindo ramos, davam a impressão de uma floresta em movimento. Dom Mata, vibrante como era, não se continha e exultava. Cousa tanta nunca vista em Cajazeiras.

Daí por diante, à medida que se multiplicavam as missões pelas diversas paróquias da Diocese, crescia o nome e a fama do missionário.

Na paróquia de Catolé do Rocha, ao tempo, em que fui vigário, Frei Damião pregou missões por duas vezes.

Com Dom Mata, ajudei nas missões de várias paróquias.

Sempre me interessou pedir notícias de Frei Damião, em suas intermináveis andanças e correrias apostólicas.

Nunca muda. Sempre o mesmo homem extraordinário em todas as idades, em todas épocas, em toda parte, em todas situações.

Hoje, quase aos 71 anos, aos 46 de sacerdócio e de missionário, é o mesmo Frei Damião dos primeiros dias de Cajazeiras.

A mesma cousa. Madrugador, lépido e apressado no andar, quando sai pela manhã; tranqüilo e concentrado nas outras horas; incrivelmente incansável, pois nem sei se dorme; paciente e tratável com o povo; delicado e caridoso com os penitentes; prestimoso e jovial com os colegas; humilde e obediente aos superiores; sério e pontual com os compromissos; extremamente zeloso com os enfermos e com os pobres; solícito no púlpito ou no confessionário; solícito no catecismo ou administração dos sacramentos; solícito, quando prega, admoesta ou verbera; solícito, quando ensina ou instrui; solícito, quando repreende; solícito em tudo.

Vezes, sentido mas nunca zangado; vezes, impetuoso mas nunca violento; vezes, sonolento mas nunca cansado; vezes, teimoso no trabalho mas só pelo despreendimento de si mesmo, por amor às almas, pela glória de Deus.

Se vergasta, não é descaridoso; se lhe sai a apóstrofe em chamas, é só para o convencimento da verdade; se chicoteia o pecado e o vício, recebe sorridente o pecador; se adverte, não é com ares de profeta; se ameaça, não é com iras de apóstolo.

Quando fala, convence; se não fala, impõe respeito.

Inteligente, culto, sua palavra é luminosa e inflamada; sua

doutrina, segura e substanciosa; sua argumentação, contundente e arrasadora; sua exposição, clara e acessível.

A mensagem, que transmite, é autêntica, não é outra, é a mesma de Cristo.

Se um homem desses não é santo, ai de nós! Que cousa somos!

Se o povo reconhece naquele que lhe fala de Deus, que ele vive de Deus, se confirma a sua virtude invulgar – que mal faz que este povo ame ardorosamente o seu missionário, que o admire, respeite e estime, que queira bem ao velhinho.

Se há cordões policiais de isolamento, em derredor de astros e estrelas, de líderes e heróis, para protege-los do entusiasmo vibrante dos seus fans, devotos e admiradores – com que razões se condenariam o fervor e a exultação dos fiéis na presença do seu missionário!

Sobretudo, quando esse fervor ajuda eficazmente na aceitação e convencimento das verdades proferidas pelo pregador.

Somos realmente levados a receber com facilidade a palavra daquele, a quem amamos. E as sentenças do missionário são palavras de Deus.

Quem procura inflamar de amor o mundo, merece o amor dos homens.

Por que também pretender criticar, como antiquado, o método de apresentação da doutrina, seguido por Frei Damião?

O método é o meio de transmissão da verdade ou mensagem. Não é a própria verdade, não se identifica com a mensagem,

Se o mestre ou pregador consegue transmitir a doutrina, contida nas suas preleções ou prédicas, excelente é o seu método.

Quem melhor do que Frei Damião atinge a mente dos seus ouvintes!

O próprio exagero, segundo Jackson de Figueiredo, na base do espírito é um perigo mas já, com elemento de convencimento, é insuperável.

Por que azedar-se ainda com a pregação do missionário, fundamentada nas duras verdades eternas!

Quer cousa diferente, destrua o Evangelho.

O novo, só por ser novo, não é carismático, seja palavra ou sistema.

A humanidade adquire, em cada época, o colorido do tempo mas não muda em sua essencialidade, para que continue humanidade.

O novo só e o velho só são visões unilaterais e deturpadas do conjunto. Misturem-se os dois, e haverá harmonia e beleza.

Diga-se só a título de ilustração. Que cousa mais bela do que o ecumenismo! Bela e cristã! No entanto, o ecumenismo não é carismático.

Veja-se aí, em pleno século vinte, na super-politizada Europa, em pleno coração da Irlanda, essa guerra santa e sangrenta entre irmãos separados – católicos e protestantes.

A grande virtude de Frei Damião, como autêntico missionário e pregador da palavra de Deus – é a coragem de dizer ao seu auditório não as verdades que ele quer ouvir mas as verdades que ele deve ouvir.

Paremos por aqui, que já vai longa esta crônica, sem nos esquecermos de que é graça extraordinária de Deus uma missão e, por ser singular e rara, ninguém dela abusa inutilmente.

Muitíssimas cousas a mais tinha a dizer com agrado e simpatia sobre: Frei Damião o Missionário.

Crônica das 12 horas em Patos
Hoje, sob o título: Mensagem às Mães

Com que emoção, voltamos todos os anos, neste dia, a enaltecer a grandeza da mãe e a decantar-lhe a beleza sublime.

Certo que ninguém lhe exalta bastante o fulgor da formosura e os valores da bondade.

Quem lhe alcança a excelsitude! Quem lhe atinge a profundeza do amor! Quem lhe mede o heroísmo das renúncias! Quem lhe compreende os extremos do devotamento!

Ninguém. Só uma mãe compreende outra mãe, se é que compreende, pois só uma mãe cresce na beleza, a outra fulge na virtude; se uma se enrijece nas renúncias, a outra se esmera no devotamento; se uma se extrema no carinho, a outra se multiplica nos cuidados; se uma vigia, a outra reza; se numa lágrima é afeto, na outra é preocupação. Idênticas na vibração do amor, diversas nas maneiras de amar.

Quem há que pode desvendar o mistério fascinante da maternidade!

Dois olhos não bastam para ver todos os traços de beleza de um rosto de mãe. Duas mãos não bastam para escrever toda a doçura do seu nome. E uma boca só é pouco de mais para dizer-lhe os louvores que merece.

A poesia, a eloquência, a pintura, a arquitetura, são impotentes para expressar todos os aspectos encantadores de uma personalidade de mãe.

Palavras, tintas, cores, linhas, não as há tão brilhantes que exprimam a singularidade desse ser sublime, que se diz mãe.

Fonte inesgotável de sugestões é a mãe na riqueza dos seus atributos e na variedade dos predicados.

A pobreza não lhe altera o valor. A doença aumenta-lhe a veneração.

A cor negra da sua face não lhe tira a brancura de lírio da alma.

Nada lhe desfigura a nobreza. Tudo lhe realça a formosura.

Vezes, quanto mais pobre mais rica; quanto mais feia mais bela; quanto mais negra mais branca; quanto mais frágil mais forte.

Não é a riqueza, não é a beleza, não é a origem do sangue nem o vigor físico que decidem da sublimidade de mãe.

Sentada, quando ensina de pé, quando abençoa; de joelho, quando reza – a mãe não muda de grandeza nem difere de

encanto.

Junto ao berço de uma criança ou reclinada sobre o leito de um filho doente – a mãe é a mesma inspiração de amor e o mesmo anjo de bondade.

Se lhe sorri o filho, também sorri; e que cousa neste mundo há de mais belo do que um sorriso de mãe!

Se lhe chora o filho, também chora; e que cousa há neste mundo mais comovente e enternecedora do que uma mãe chorando!

Se lhe parte o filho para a defesa da Pátria ou lhe volta o filho de fronte refulgente de glória – são os mesmos braços quentes de heroísmo e os mesmos lábios inflamados de orgulho.

Brilhante na cátedra o filho ou suado no trabalho de oficina – envolve-o o mesmo olhar de mãe solícito e carinhoso.

Augusto no altar ou sublime no espaço o filho – acompanha-o a prece humilde e confiante daquela que lhe deu o ser e nunca lhe nega o amor.

Humilhado no cárcere ou justiçado no patíbulo, qualquer que seja a desventura do filho, onde ele se achar, caberá sempre a lágrima de uma mãe, a indulgência de uma mãe, o amor de uma mãe.

Ainda para o braço sacrílego e assassino, há no coração materno umas relíquias de amor.

Uma mãe se cansa de viver mas nunca se cansa de amar.

Se deixa de amar, na conceituação sublime da maternidade, já não é mãe, é outra mulher qualquer.

Que seria da humanidade sem a santidade das mães, sem a beleza dos lares sem a dignidade da família.

Seria um deserto sem oásis, seria um céu sem azul, seria uma flor sem perfume; um rosto sem sorriso; a terra sem amor; a vida sem graça.

Pois a ti, ó santa do lar, obra-prima do coração de Deus, nobre orgulho da estirpe humana, anjo da guarda de todas as nossas mães – a ti, ó mãe, no dia que te é consagrado, no mês que dedicamos à tua e à nossa mãe – Maria – recebe esta mensagem, feita de fé e de amor, que te devoto de joelho, porque só de joelho me contento em ti louvar.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Educação Social do Povo

Além do conjunto da educação de todos os indivíduos, que o compõem, o povo, de si mesmo, deve ter a sua educação própria.

Não basta à coletividade apenas a primeira, por mais primorosa que seja, uma vez que a educação do indivíduo, condicionando-se diferencialmente a cada tipo de pessoa, não pode ganhar um conjunto unitário perfeito e atuante. É mais uma justaposição de brilhantes elementos individuais do que a impossível soma de parcelas diversificadas.

Claro que não se conseguiria, ordinariamente, a educação social do povo sem o lastro, embora semi-fragmentário, de indivíduos bem formados mas isso só realmente não chega. Impõe-se alguma cousa a mais, que, é o sentido ou inspiração comunitária que, existindo em cada um, faz que todos formem uma unidade moral.

É algo sutil mas real.

O sentido comunitário pode ressaltar do confronto entre os dois seguintes exemplos diferentes:

Uma cidade ou uma instituição de gente individualmente educada pode ressentir-se da falta de educação social no seu trato com os visitantes, na sua convivência nos ajuntamentos coletivos, como sejam o cinema, o teatro, os clubes, sessões, festas, e no interesse ou desinteresse das promoções comuns ou em comum.

O outro exemplo. Uma quadrilha de gatunos, formada de indivíduos da pior espécie, de homens inveterados no crime, age sempre na mais estreita coesão e conivência de tal modo que visa mais ao êxito do grupo do que as vantagens pessoais da cada um. Pelo grupo ou quadrilha dão tudo de si.

Por mais estranho que pareça, no primeiro exemplo falta a inspiração comunitária, o gosto pelo interesse geral, a estima ao brilho da coletividade, a acentuada vocação do povo; enquanto, no segundo, é inegável o sentido vibrante de grupo, o devotamento, criminoso sim mas devotamento do conjunto.

Não posso dizer que, no segundo caso, exista educação social, que nem educação chega a ser, mas é convincente o sentido de grupo.

De mistura com o aumento da sua riqueza, com o desenvolvimento das suas indústrias, com a prosperidade do seu comércio, com a eficiência dos seus serviços públicos, com o aprimoramento dos seus estabelecimentos de ensino, com a benemerência das suas instituições filantrópicas, cada cidade deveria pensar também nesta cousa bela e nobre, que é a sua educação social.

Será que, pensando em nossos clubes, merece grau 10: A educação social do povo!

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia da Raça

Esta crônica foi solicitada como uma homenagem à Semana da Pátria e por alguém que me assegurou ser hoje o Dia consagrado à Raça.

A humanidade está dividida em raças e sub-raças que se diferenciam menos por sua situação geográfica do que por sua caracterização etnológica.

Supercialmente, à primeira vista, as raças diversificam-se pelo pigmento da pele, pela cor: a raça branca, a preta, a amarela, a vermelha.

Mais do que isso, entram para a diversificação elementos ou fatores como sejam a configuração anatômica, os hábitos, as instituições, a história, a cultura.

Todas as raças têm as suas características positivas e as suas marcas negativas, não valendo o mito da superioridade de uma ou outra.

O que acontece, é que uma teve mais oportunidades históricas de desenvolvimento do que outra.

Só seria válida a afirmação da supremacia racial, se, tomadas no mesmo nível de cultura, duas raças diferentes fossem postas em idêntico meio geográfico, em igual espaço de tempo, com idênticas condições de desenvolvimento e, se em circunstâncias adversas, contra ambas igualmente.

Por isso, o preconceito da superioridade que sugere a segregação racial, além de ser sempre anti-cristão, é também anti-social.

Diante de Deus, à luz da revelação, todos os homens são imagens e semelhanças suas. Em todos, merece igual respeito a dignidade da pessoa humana.

Por motivo da cor da pele, é que Deus não olha diferentemente os homens.

Também no plano puramente humano é inaceitável, entre raças, o preconceito de cor.

Portanto condenáveis todas as medidas de violência ou isolamento nesse setor.

Daqui, aplauso e louvor ao Brasil que, numa feliz inspiração, soube estruturar pacificamente a sua formação étnica com a amálgama de três raças: o branco, o índio e o negro.

Nessa miscigenação, são selecionados em linhas convergentes os valores positivos das três raças, de que poderá resultar, no conjunto e no futuro, a mais bela e vigorosa raça de todos os tempos.

No ano do Sesquicentenário da Independência e na Semana da Pátria, quando as mais formosas páginas da nossa história são lembradas e revividas, vale rememorar a contribuição valiosa que, para a nossa emancipação política e para a grandeza do Brasil, deram as três raças: o branco, o índio e o negro.

Bastaria, por mais perto de nós, recordar o orgulho e a glória de Guararapes, em que, ombro a ombro, como autênticos heróis brasileiros, lutaram pela nossa libertação, o branco Vidal de Negreiros, o Índio Camarão e o preto Henrique Dias, em que a diferença de cores serviu apenas para aumentar a beleza do quadro e o esplendor da bravura.

Nessas circunstâncias históricas, é, com agrado e ufania, que, no Sesquicentenário da nossa Independência e na Semana da Pátria, devemos festejar e enaltecer: O Dia da Raça.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Ser Feliz não é Ser Rico

A riqueza, quando bem compreendida e usada, pode ajudar na felicidade terrena mas muitas vezes, por mal compreendida e usada, pode estorvá-la ou destruí-la.

O certo mesmo é que ser rico não é necessariamente ser feliz.

Acontece com freqüência que aquilo que é causa da nossa alegria, pode ser razão da nossa tristeza; aquilo que é inspiração do nosso amor, pode ser motivo do nosso ódio; aquilo que é fonte da nossa felicidade, pode ser origem do nosso infortúnio.

O agricultor está eufórico com a sua roça de milho e o fazendeiro, orgulhoso de seu lindo animal mas, se vem o verão para a roça e a doença para o animal, o que antes era causa de contentamento, torna-se razão de inquietitude e pesar.

A esposa fiel é o enlevo e a grande inspiração de amor do esposo mas, se traído este, torna-se ela motivo permanente de repugnância e rancor.

Alguém põe no dinheiro a fonte da sua felicidade mas, se o mata o gatuno para roubá-lo, o dinheiro foi a origem do seu infortúnio.

Assim, não são valores materiais nem mesmo humanos que ocasionam e asseguram o nosso bem-estar ou ventura.

Na choupana do pobre, pode haver mais paz e felicidade do que no palácio do milionário.

Quase sempre a preocupação do muito ter não permite o sossego pleno e o bem-estar completo.

Muitas vezes a muita riqueza é o maior impecilho para a tranqüilidade.

Melhor uma camisa só com paz do que duas com preocupação.

Se necessariamente ninguém é feliz só por ser rico, também necessariamente ninguém é desventuroso só por ser pobre.

Desse modo, não admirem que, com os seus pequenilhos haveres, seja plenamente feliz olhar modesto de João Batista de Lima e Francisca Dantas de Lima que, no dia cinco de setembro,

comemoraram os seus trinta e dois anos de núpcias.

A estima de oito filhos afetuosos, e carinho de treze netos inocentes e o respeito de três genros devotados bastam para fazer pais e avós ditosos e contentes.

O peso da vida e do trabalho pode cansar mas valoriza, pode desgastar mas enobrece. E na medida, em que nos sentimos enobrecidos pelo trabalho, começamos a ser felizes.

O que preocupa e inquieta, angustia e tortura, é o desejo desmedido daquilo que está fora do nosso alcance.

Almejar uma cousa impossível ou sem que haja ao menos a esperança de obtê-la é construir o seu próprio calvário.

Podemos ter sonhos altos mas não utópicos.

A esperança dobra o aparentemente impossível mas não o realmente impossível.

Que adianta pretender asas de anjo para ir ao céu, se não temos sequer asas de ave para subir às alturas.

No seu pequenino pedaço de chão no sítio "Tanques" do município de Desterro de Malta, João Batista de Lima e Francisca Dantas de Lima souberam contentar-se, para serem venturosos, com o pouco que têm; e isso porque aprenderam cedo a grande lição de vida que: Ser feliz não é ser rico.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Liberdade, Sim; Escravidão, Nunca.

Sendo um dom natural ou uma prerrogativa inerente à nossa natureza, a liberdade não pode estar condicionada ao pigmento da pele.

O uso da liberdade ou, melhor, o direito de ser livre, que deflui ou decorre da própria dignidade da pessoa humana, não está, e seria absurdo que estivesse, na dependência da cor, seja branca ou preta, vermelha ou morena.

A escravidão, portanto, que fere frontalmente esse direito e essa dignidade, é uma aberração.

Tão alto, para o ser racional, é o privilégio de ser livre que a disciplina, que é a liberdade dirigida, só tem razão de ser como a delimitação, dentro da sociedade, dos diversos campos da liberdade individual.

Sob esse aspecto, a disciplina é necessária como a melhor garantia da liberdade de todos contra os possíveis abusos da liberdade por parte de um ou de alguns.

Que seria da sociedade constituída de seres livres, se, fundamentada na lei e nos ditames, a disciplina não marcasse para todos as fronteiras exatas até aonde poderia chegar o exercício da liberdade de cada um.

Assim, a disciplina é realmente o resguardo das liberdades individuais e a segurança da ordem na comunidade. Desse modo, toda perturbação da ordem supõe uma quebra de disciplina.

Não é contra a disciplina que nos devemos insurgir, pois isso eqüivaleria a patrocinarmos a desordem.

Não há duvida que anda bem a autoridade que, para assegurar o respeito à lei, impõe penas aos infratores da disciplina.

É contra a escravidão ou a negação da liberdade ao homem que têm vez as nossa reivindicações.

Se Deus quis correr o risco de criar o homem livre, não cabe a ninguém o direito de escravizá-lo.

A escravidão não é só uma ignomínia para o homem, é também um insulto e uma afronta ao próprio Deus

Bem é que se lembre igualmente que a liberdade não é só um privilégio, é também o mais grave engrazo para o ser racional.

Quem tem o direito de escolher, tem a obrigação de escolher bem, pois somos responsáveis pela nossa escolha ou opção.

A liberdade é a raiz e a fonte da responsabilidade. Somos responsáveis pelos nossos atos, porque somos livres em fazê-los.

Tudo isso vem ao caso em alusão à data histórica de hoje, a abolição da escravatura negra no Brasil.

A escravatura era um rubor na face da Nação, um labéu no rosto da Pátria.

Não cabe, nos limites desta crônica, discutir as razões e as circunstâncias históricas que ensejaram a escravidão no Brasil.

Cabe apenas enaltecer a mais nobre cruzada nacional, depois da Independência, que já se fez neste País, que foi a Campanha Abolicionista.

Cabe apenas exaltar o nome daqueles ilustres e eméritos brasileiros que se empenharam com todo o ardor na extinção do cativeiro entre nós.

Cabe sobretudo celebrar, com orgulho e regozijo, a brilhante data de hoje – a libertação dos escravos.

A escravidão era uma mancha negra em nossa história. Tirava-lhe o brilho e empanava-lhe a glória.

A abolição restituiu-lhe a formosura que bem merecia.

Não esqueçamos a grandiosa lição que nos deixaram os nossos antepassados, porque é a única condizente com a excelsa dignidade da pessoa humana: Liberdade, Sim; Escravidão, Nunca.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Democracia e Eleições Livres

Hoje, em todo o Brasil, realizam-se eleições para a escolha dos nossos representantes ao Senado da República, na Câmara Federal e nas Assembléias Legislativas dos Estados.

Todo o eleitorado do País está nucleado em dois partidos políticos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

O MDB apresenta uma linha partidária única, pelo que ostenta mais coesão política, embora não fuja, como qualquer partido, ao jogo das competições entre candidatos, enquanto, subdividida em duas faixas, a Aliança Renovadora Nacional manifesta menos consistência partidária ou unidade política, embora haja o acatamento aos postulados gerais do Partido.

O grande confronto configura-se entre o Partido da Situação que apoia politicamente o regime vigente no País e o Partido da Oposição que lhe faz frente.

É, dentro do quadro desse bipartidarismo, que o eleitorado nacional dará hoje o seu veredicto fazendo a livre escolha dos seus representantes.

Para o eleitor alinhado politicamente compromissado não existe nenhum problema quanto à livre preferência de candidatos.

Para o eleitor independente, isso só é inteiramente válido em relação à escolha dos candidatos ao Senado da República, uma vez que, para a Câmara Federal e Assembléias Legislativas Estaduais, a vinculação partidária o obriga a escolher os dois candidatos só dentro de um partido.

Não pode o eleitor, mesmo descompromissado, fazer a sua livre preferência de candidatos que pertençam a partidos diferentes.

Para o eleitor independente, não é o ideal mas em acatamento à lei e por patriotismo não anulemos o nosso voto, já que, em ambos os partidos, há gente de bem que sobra da escolha de dois candidatos.

O importante, o válido é que cada um leve o seu concurso

pessoal para que juntos demos todos um cunho marcantemente democrático a estas eleições diretas.

Esquecidas as dissensões e retaliações pessoais do calor da campanha, e procuremos contribuir para que a mais expressiva e convincente manifestação pacífica da vontade e do poder do povo, a sua chamada festa por excelência, não seja maculada na sua pureza e magnificência, nada perca da majestade da sua soberania.

Nos ataques azedos e quase agressivos que, vezes houve na campanha pelo rádio, pela televisão e nos comícios, reclamando liberdade ou negando a existência de uma realidade democrática, duas verificações impõe-se fazer.

A primeira decorre da própria circunstância das críticas acrimoniosas contra a falta de liberdade e democracia que, contraditoriamente, confirma a existência de ambas.

A segunda, dada a diversidade de formas de governo no mundo, resulta das modificações atuais impostas ao antigo conceito de democracia, que era liberdade para todos e para tudo, pois hoje a democracia condiciona a liberdade política só às diversas maneiras de trabalhar pela segurança e grandeza do País, excluindo a contestação direta e oposição demolidora contra o regime implantado.

Não entro no mérito da questão para afirmar que há acerto ou desacerto nessas novas configurações do conceito de democracia mas reconheço que existe lógica, por parte do regime vigente, em impor as condições indispensáveis à sua sobrevivência, porque, do contrário seria entregar-se a uma vocação suicida, à sua autodestruição.

Qualquer que seja o regime em uma nação, ele tende logicamente para a implantação de medidas que lhe garantam a permanência e perpetuidade.

Em nosso caso do Brasil, desde que existe abertura e possibilidade de crescente aprimoramento da nossa forma democrática, devemos contribuir decidida e pacificamente para isso, evitando, é claro, a exacerbação e provocação do poder.

Senão, assim, tanto o Partido da Situação, que dá respaldo político às medidas do Governo, como o Partido da Oposição, que se entrincheira pacificamente para denunciar possíveis erros

e apontar possíveis irregularidades, podem e devem trabalhar pela grandeza da Nação.

Desse modo, desde que o façamos de acordo com a consciência, podemos nós, na mesma linha patriótica, escolher livremente os nossos candidatos, embora sem nunca esquecermos que, mais do que as nossas ligações pessoais, devem posar, em nosso espírito, o nome e o brilho do Brasil.

Em acatamento à Lei Eleitoral e com respeito aos partidos políticos, é esta a minha palavra serena no dia, em que, no esplendor da sua soberania, o povo celebra a sua mais bela e nobre festa, que é: Democracia e eleições livres.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O que Exige a Juventude

A juventude exige das gerações adultas compreensão, afeto e ajuda.

Se não é compreendida, não é amada; se não é amada, não recebe apoio.

Com muito acerto, afirmou o nosso Tristão de Ataíde que cada idade tem a sua mentalidade específica, pelo que só a força da compreensão pode ensejar entre elas um harmonioso apaziguamento, uma pacífica coexistência.

De modo que as crises entre as gerações, resultantes das divergências de comportamentos, têm originariamente por causa principal as diferenças de mentalidade.

Sendo assim, condutas ou atitudes conflitantes mais difíceis de harmonizar são aquelas que resultam do radicalismo de ideologias que acentuam e aprofundam as divergências de mentalidade.

Cada um, em honra de sua racionalidade, procura agir, segundo pensa.

Ora, por ter, do mundo e das cousas, a sua visão própria, o jovem procura seguir os seus caminhos, mesmo que esses roteiros, na prática da vida, não sejam os mais prudentes ou acertados.

Sem o equilíbrio perfeito da idade madura ou as riquezas de experiência da velhice, o moço, sem a nitidez no olhar, não vê logo e claro os riscos que corre, estando sujeito a resvalar mais facilmente para os erros e desatinos.

É mais por imprevidência do que por maldade que o faz.

Dada a sua pujança e arrojo, sempre reage violento ou desabusado, se o procuram coibir ou reprimir, sem antes fazê-lo entender a razão de ser da correção ou reprimenda.

Então é preciso compreendê-lo para merecer-lhe a confiança de o orientar com agrado e encaminhá-lo com eficiência.

No entanto, por não ver claro os seus desvios e o acerto dos rumos que lhe apontam, o jovem só se reconhece compreendido, quando se sente amado. Reconhecendo-se realmente estimado, abre-se em franca disponibilidade e em generosa gratidão, aceitando qualquer ajuda ou incentivo.

Sobre isso devem refletir seriamente os pais, educadores, mestres e orientadores.

Para estes, para que seja proveitoso o seu trabalho, também se exige dos jovens, em contra-partida, a devida compreensão, nascida sobretudo da certeza de que é, por amizade, por amor, num sentido de nobre cooperação, que é por eles contraditado ou constrangido.

Se, diante dos olhos e do espírito do moço, e no seu encaminhamento para a vida, essa a bela imagem que tem dos pais, educadores, mestres e orientadores, tudo vai bem e resultará em triunfo.

Nessas circunstâncias, é recebida, com simpatia e reconhecimento, toda ajuda que lhe vem dos incentivadores e promotores da sua formação, da sua valorização pessoal.

São estas as considerações que lhe mando hoje, Regina Coeli da Costa Santos, nesta crônica em homenagem à data dos seus quinze anos.

Filha do casal José da Costa Santos e Leopoldina da Costa Santos, Regina Coeli nasceu em Patos, no dia 21 de maio de 1963.

Reside em nossa cidade, à rua Irineu Joffily, n.º 104.

Para os pais, a quem é obediente, e para os três irmãos, com quem vive fraternalmente unida, devota uma afeição especial.

É muito inclinada para o relacionamento social, em que sabe selecionar boas amizades.

Seu cantor predileto é Ronnie Von e, em literatura, por ser encantada com crianças, prefere Monteiro Lobato.

Cursa a oitava série do primeiro grau no Colégio "Cristo Rei"e pretende formar-se em psicologia.

Recusou quaisquer manifestações festivas na comemoração dos seus quinze anos, pelo que recebeu, como prêmio, um passeio a Brasília, onde residem muitas pessoas das famílias de seus pais.

Estatura média, cor alva, olhos e cabelos castanhos, muita jovialidade – Regina Coeli tem acentuadas marcas de simpatia pessoal.

Para o seu êxito na vida, fique certa, Regina Coeli, do afeto e devotamento, do aprumo e segurança, daqueles que são os seus legítimos orientadores, pois eles sabem perfeitamente: O que exige a juventude

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Toma a Tua Cruz e Segue-me

Esta crônica atende a um apelo que veio de um Estado vizinho numa carta dirigida ao nosso Pe. Levi.

É mais um esforço da minha parte no sentido de levar uma palavra de conforto a alguém que sofre, a alguém, em cujos ombros puseram uma pesada cruz.

Por mim, não haveria um só espinho neste mundo, não se derramaria uma só lágrima, não se ouviria um só gemido.

Por isso, sempre vou, quando solicitado, ao encontro de todos aqueles, a quem uma dor tortura ou aflige uma tristeza.

Faço-o por uma inspiração humanitária e cristã, embora reconheça que o sofrimento não é inútil, é uma permanente fonte de méritos.

Ainda bem que o tomar a cruz e seguir a Cristo representa um nobre e heróico enriquecimento da alma humana.

Assim, que se procure afastar a cruz que nos esmaga os ombros mas, quando não é possível, que a aceitemos decididamente, resignadamente.

Nessa aceitação humilde e corajosa da provação, é que está a nossa participação pessoal nos padecimentos santificadores de Cristo.

Não esqueçamos nunca que a cruz que mais pesa, é aquela que menos desejamos aceitar, que mais contraria a nossa vontade.

Bastantes vezes, recebe-se com heroísmo um grande sofrimento mas já não se tem força para renunciar a uma pequena afeição.

Como dói deixar uma atitude ou costume que parece bom e a que tanto a gente se apegou!

Se nos fosse dado escolher a nossa cruz, não preferiríamos comumente a que nos impõem, embora escolhêssemos uma mais pesada.

Certo é que Deus nem sempre quer que pratiquemos a virtude que escolhemos mas que pratiquemos a virtude que Ele escolheu.

Vezes, preferimos a humildade, quando Ele deseja a obediência; vezes optamos pela piedade, quando Ele exige a mansidão; freqüentemente, escolhemos a temperança, quando Ele quer sobretudo a caridade.

A razão é clara, pois a santidade não está em praticar este ou aquele bem, em cultivar esta ou aquela virtude, mas em fazer a vontade santíssima de Deus.

Nesse plano, há uma variedade imensa de manifestações da vontade do Senhor. Isso porque o Espírito Santo não faz duas formosuras iguais dentro da Igreja, o que prova o seu poder infinito de santificar.

Santifica a Madalena pela penitência e a Paulo pelo apostolado, a Vicente de Paulo pela caridade e a Francisco de Assis pela pobreza, a João da Cruz pela obediência e a Teresinha de Jesus pela piedade.

A todos santificou Deus mas de maneira diferente, já que multifária é a sua graça onipotente.

Com isso, vai ganhado o cristianismo em maior volume de beleza.

Assim, se quer alguém santificar-se e se santificar-se é fazer a vontade de Deus, que abra, em larga disponibilidade, o seu espírito para aceitação generosa dos intentos e desígnios do Senhor.

Não pretendamos obrigar a Deus querer o que queremos,

Sei que custa muito, sobretudo na velhice, desinstalar-se uma pessoa sincera de um hábito bom, que teve durante longo tempo e ainda o conserva com o mesmo agrado e ardor.

Custa, dói deixá-lo.

Suponhamos que seja uma ardorosa filha-de-Maria ou uma solícita zeladora do Apostolado da Oração que vem cuidando, por muito tempo, de um altar ou de uma igreja.

O zelo que põe no seu piedoso trabalho, enche-lhe a alma de alegria e felicidade. Dá-lhe o mesmo gosto do cuidado de uma mãe ou de um filho.

Afastar do seu serviço essa ardorosa filha-de-Maria ou essa solícita zeladora do Apostolado custa-lhe sumamente, quem o nega.

Mas, ao invés do constrangimento acabrunhador pelo afas-

tamento, o que vale é o espírito de renúncia e conformidade; em lugar de revolta, o que agrada a Deus, é a aceitação generosa do sacrifício.

Os motivos do afastamento correm por conta da consciência de quem afastou.

É ele ou ela que responderão diante de Deus pelo acerto ou não de tal atitude ou medida.

Vale também a pena lembrar que Deus, quando fecha uma porta, abre uma janela.

Confiemos, pois quem disse, foi o Senhor Jesus: "Toma a Tua Cruz e Segue-me"

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia de Todos os Santos

Nada mais consentâneo no calendário e na liturgia da Igreja do que um dia consagrado à comemoração festiva de todos os santos.

Durante o ano litúrgico, muitos são os santos mas não todos, que têm a data precisa da sua festa ou comemoração.

Bastantes têm as suas celebrações circunscritas a países, regiões ou dioceses.

Alguns vêem agrupados num só dia.

Outros não são comemorados no calendário eclesiástico universal.

Inumeráveis são os eleitos do Senhor, a quem não se deu canonicamente a honra merecida dos altares.

Quem sabe quantos santos existem no céu!

Só Deus pode conhecer o número incalculável dos justos glorificados pela luz da sua face.

Para que a Igreja, no seu calendário anual, reservasse um dia para cada santo, era preciso que, no paraíso, só houvesse 365 eleitos, o que é inadmissível.

Para resolver o impasse, é fazer como faz hoje a cristandade, celebrando conjuntamente a memória de todos os santos, de todos os eleitos do Senhor, de todos aqueles nossos irmãos já na posse da glória imarcescível

Depois, cada um de nós cultua o santo do seu nome ou seu santo protetor, sem se lembrar de fazer o mesmo em referência aos demais, quando todos merecem a nossa veneração,

Então inteiramente válida e aceitável a atitude da Igreja, determinando este primeiro de novembro como festa de Todos os Santos

Resta-nos apenas tirar as conclusões práticas para a nossa vida cristã.

Pensemos primeiramente que nada representa uma fração de tempo, por mais prolongada que seja, cheia de renúncias e sofrimentos em troca de uma eternidade feliz.

Que nos diriam hoje, na luz da glória, todos aqueles que

decididamente, com o suor ou com o sangue, seguiram o caminho da Cruz, o caminho do Cristo.

Como nos falariam um São Paulo ou um São Francisco, uma Inês ou uma Teresinha de Jesus!

Estariam arrependidos dos sacrifícios que fizeram ou do sangue que derramaram?

Pelo contrário, eles nos inspiram a aceitação corajosa e resignada dos sofrimentos, porque sofrer por amor a Cristo não é inútil, é fonte de eterno merecimento.

Ensinam-nos também que o tempo para nós, o povo de Deus, é apenas uma etapa transitória da nossa jornada para a eterna páscoa do Senhor.

Sugerem-nos que o mundo é uma condição de luta e um ensejo de solicitação contrária, em que devemos provar a nossa fidelidade a Deus.

Mostram-nos luminosamente que, apesar das maiores provações ou vexações permitidas, o Senhor nunca abandona os seus amigos, aqueles que Nele crêem, aqueles que sinceramente o amam.

Deles igualmente aprendemos que nada na terra, por mais terrível que seja, deve enfraquecer a nossa esperança do céu, a nossa inspiração de triunfo, a nossa inspiração à glória.

Todas essas verdades e muitas outras preciosas lições de vida nos sugere hoje: O Dia de Todos os Santos.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Dia do Funcionário

Transcorre hoje o dia consagrado ao Funcionário Público.

Como os outros feriados classistas, também este tem as suas razões de ser e os seus intentos específicos.

Entre as diversas finalidades dessas datas, podem-se enumerar algumas e vejam:

Reacender ou reativar os sentimentos de unidade e homogeneidade.

Incentivar a valorização da classe pela consideração da sua grandeza numérica, da sua importância social e da utilidade ou excelência dos seus serviços prestados à comunidade.

Despertada a consciência de classe, estimulá-la no estudo e solução dos seus problemas comuns.

Lembrar a necessidade da concórdia e solidariedade com os outros setores de trabalho, uma vez que em todos deve arder o interesse geral e superior da Nação.

Também expressar, por parte da comunidade, o seu reconhecimento e respeito pelo que representa cada classe para a vida da comunidade.

Se tudo isso tem validade geral, com maior razão se aplica em referência à honrada classe dos funcionários Públicos.

Infelizmente, deteriorou-se aos olhos do povo a figura do Funcionário Público, relacionada quase exclusivamente com a função do cobrador de impostos com as atividades fiscais e da vigilância.

Esquece-se o mérito dos outros setores ou faixas de trabalho, porque o funcionalismo público; é a viga-mestra da vida da Nação.

Acrescente-se ainda à imagem já deslustrada do Funcionário Público o conceito depreciativo de que ele é um parasita do povo, um sinecurista, um "boa-vida".

O erro e a injustiça residem na generalização, porque as exceções não invalidam a regra.

Reconheço que, apesar do zelo sempre crescente na moralização da função pública, há de tudo isso no meio do funcio-

nalismo, resultante sobretudo do nepotismo ou protecionismo político.

No entanto essas manchas ficam obscurecidas em face da probidade e honradez de incontáveis ocupantes de cargos públicos, dos inumeráveis benefícios advindos para o País através do devotamento e relevante trabalho dos servidores públicos.

Para aceitação e cumprimento dos nossos deveres de gratidão à honrada classe, nisso é que deveríamos pensar hoje: Dia do Funcionário.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia das Missões

A vocação missionária é a marca distinta da Igreja, o seu mais íntimo impulso, a sua vicejante fecundidade.

É esse o sentido exato da ordem do Salvador: "Ide e pregai a todas as criaturas".

É essa a resultante lógica da chama de Pentecostes: iluminou para iluminarem; inflamou para inflamarem.

Por isso, é de todo acerto e sabedoria o pensamento de Battifol: "a cristandade já nasceu católica".

Tal afirmação é feita não só no sentido da universalidade congênita da Igreja que foi instituída para todos os homens mas igualmente no sentido efetivo de que o Evangelho, através da pregação, deve ser levado a todos os homens.

Tempos mais, tempos menos mas a igreja nunca se descurou do cumprimento dessa sua obrigação primacial.

As missões sempre mereceram da Igreja o mais acendrado carinho e a mais vigilante solicitude.

A missão é a sua própria atividade específica.

Que seria do cristianismo, se não fora a sua atividade missionária, o trabalho heróico dos seus primeiros e grandes missionários, que foram os Apóstolos, e, posteriormente, de todos os seus sucessores na evangelização do mundo.

As páginas mais brilhantes e formosas da história do cristianismo foram escritas pelos seus missionários.

Pôr à terra a semente fecunda do Senhor foi o trabalho generoso de todos eles.

Tão fundamental é à Igreja a evangelização que o Concílio Vaticano Segundo pôs em destaque a vocação missionária de todo cristão.

Evangelizar, segundo as suas condições e de acordo com as suas possibilidades, é obrigação de cada um de nós.

Em todos os continentes, a Igreja tem exercitado a sua vocação missionária.

É através dessa atividade missionária que ela tem mais dilatado o reino de Deus e contribuído para a civilização do mundo.

Bastaria, para nós, pensarmos no que foram as missões para o nosso País.

No quanto lhes deve o Brasil nos seus primórdios e primeiros séculos.

Seria suficiente contemplarmos a figura augusta e escultural de Anchieta.

Ninguém com mais beleza e mérito entre nós do que esse inquebrantável apóstolo das nossas selvas.

Não só por sermos cristãos mas como brasileiros, somos forçados a amar as missões.

Temos em nossa terra o melhor exemplo da fecunda atividade missionária da Igreja.

Pois bem o mundo precisa ser recristianizado através do nosso esforço e das gloriosas tarefas apostólicas da Igreja.

Pensemos seriamente nisto, na necessidade da evangelização por todos. Isso hoje, se já não o fizemos oportunamente no domingo 24: O Dia das Missões.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Força da Idéia

Em nossa vida, é a vontade que comanda os nossos atos, que nos impulsiona a agir, que leva à execução os nossos pensamentos. Isso é certo.

Mesmo no caso de fortes apaixonamentos, em que nosso psiquismo sentivo tenta um domínio completo do nosso ser, é ainda a vontade que consegue impor ordem.

No entanto a vontade é uma potência que só se movimenta ou deixa atrair por uma razão de bem. Sem esse motivo, ela não se resolve a entrar em ação.

Acontece, porém, que à vontade, que tende intrinsecamente para o bem, falta o poder de descobrir as razões de bondade das cousas. Esse poder de visão ou conhecimento do bem é privilégio exclusivo da inteligência, pelo que fica a vontade sempre na dependência desta.

Antes, portanto, que a inteligência apresente uma cousa sob a razão do bem à vontade, esta não se inclina para tal objeto. Ninguém ama, ninguém deseja, ninguém quer o que não conhece.

A inteligência encarrega-se de descobrir os aspectos de bondade de cada cousa e apresenta à vontade.

A vontade, que só se volta para um objeto sob a razão de bem, é livre na escolha deste ou daquele e sempre dá a preferência ao que se manifesta mais atraente, porque mais enriquecido de bondade.

Embora seja a vontade que se mova para o objeto por força do seu atrativo, é a inteligência que o reveste de mais forte ou atenuado interesse.

É isso que explica porque, sendo uma potência intrinsecamente voltada para o bem, a vontade se inclina para uma cousa, em si, má, como seja a morte de uma pessoa, por vingança.

Tal acontece, porque a inteligência, encarregada de iluminar, apresenta o extermínio da pessoa à vontade sob a motivação de bem, de uma atitude nobre de desafronta, de honra lavada, de bravura.

Assim, embora - continue a ser objetivamente um mal, um erro, um crime – o homicídio passa a manifestar-se subjetivamente como um bem, como uma atitude imperiosa e justa.

Em face desse poder espantoso da inteligência, do pensamento, da idéia – duas conclusões práticas impõem-se como normas de conduta.

Primeira. Quando nos quisermos devotar com firmeza a uma cousa realmente boa como seja um ideal, uma iniciativa, um trabalho, devemos por a inteligência a enriquecê-la de fortes motivações de bondade, a fim de que a vontade faça uma adesão forte e permanente.

Esse trabalho da inteligência se faz pela atenção, pela repetição e pela reflexão.

Que se pense no objeto fixamente, repetidamente e aprofundadamente.

Quanto mais atentamente se considera o objeto, mais razões de bondade nele se descobrem. Se freqüentemente pensamos nele, novas razões de bondade aparecem, seriamente refletimos sobre ele, mais seguros motivos de bem encontrarmos.

Com isso se consegue a firme adesão da vontade que assegurará o êxito, pois só se consegue o que se quer ou deseja com inquebrantável determinação.

Segunda. Diante disso, que se haja de pensar atentamente, repetidamente ou de modo aprofundado naquilo que se impõe evitarmos.

Ressalte-se também que, no mecanismo psíquico da inteligência e da vontade, há uma grande interdependência entre as duas potências. Assim, só se quer ou só se ama aquilo que se conhece mas sempre se pensa com freqüência e com ardor naquilo que se quer ou que se ama.

Desse modo, tanto o pensamento ou idéia luminosa obriga a vontade a amar com ardência como o amor forte obriga a inteligência a pensar com empenho.

De qualquer maneira, como fator decisivo da nossa vida e da nossa conduta, que se reconheça: A Força da Idéia.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Exército

Esta crônica está saindo, hoje, em caráter extraordinário, para uma homenagem especial ao Exército, na data em que a Nação lhe consagra, 25 de agosto.

As Forças Armadas de um país destinam-se especificamente à manutenção das instituições e da ordem pela observância da lei, à defesa da sua integridade territorial e da soberania do seu povo.

Com isso, não se pretende isentar nenhum cidadão de idêntica obrigatoriedade mas não se trata de um dever específico, institucionalizado, como no caso das Forças Armadas.

Embora compreendam as Forças Armadas, a Marinha e a Aeronáutica também, pois há mares e céus que garantir e defender, é à Força de Terra, ao Exército, a quem cabem maiores e mais onerosos encargos, múltiplas e constantes tarefas.

Quando assim se afirma, não há o intento de minimizar o papel das outras duas Forças Armadas mas apenas o reconhecimento das dimensões inerentes à própria constituição do Exército que, em qualquer tempo, deve marcar sempre forte e atuante a sua presença na vigência da vida nacional.

A continuidade da ordem, a garantia das instituições e a vigilância da soberania da Pátria são encargos tão graves que impõem obrigações permanentes ao Exército que não pode fugir à contingência de uma renovação ininterrupta, a fim de estar devidamente aparelhado para qualquer possível emergência.

Para o atendimento à sua missão específica de segurança e tranqüilidade, para estar conscientemente vigilante, a Força de Terra deve ser de uma vitalidade pujante, não podendo estratificar-se em estruturas rotineiras, sob pena de não fazer o seu condicionamento vigoroso às exigências de cada época.

De modo diferente, não será o Exército o olho aberto da Nação e o braço forte da Pátria.

A renovação e o aprimoramento constante das suas diversas armas constituem um imperativo iniludível, resultante não só das necessidades internas como em face do crescente aperfeiço-

amento das Forças Armadas dos outros países que, dentro do jogo das vicissitudes da vida internacional, poderão alinhar-se, de um momento para outro, em campo adverso de batalha.

Qualquer imprevidência ou erro nesse setor pode surtir em resultado desastroso.

Enquanto as Forças Armadas germânicas se aparelhavam com os mais sofisticados instrumentos bélicos, a França, contra a opinião do então jovem oficial Charles Degaulle, obstinava-se em gastar rios de dinheiro na construção de uma pretendida linha de defesa inexpugnável – a Linha Maginot.

Estoura a Segunda Grande Guerra Mundial e o que se viu, foi a fragorosa derrota do valoroso exército francês diante das hordas de tanques de Hítler e as suas tropas pára-quedistas. De nada valeu a famosa Linha Maginot e o herói de Verdum, da Guerra de 1914, Petain, viu-se obrigado a aceitar a vergonha da derrota e a assinar um humilhante armistício.

Também, em termos de necessidade interna, como poderia o Exército responder as exigências do nosso desenvolvimento, no setor das vias de comunicações, sem haver melhorado a sua arma de engenharia?

Por tudo isso, fica bem claro que o Exército, pois para ele é a homenagem deste dia e desta crônica, não pode ser uma instituição parada, sem vitalidade, sem dinamismo, sem um clã de permanente atualização.

É forçoso admitir esses imperativos de renovação e constante crescimento, uma vez que cada nação só se sente segura e tranqüila, quando firmada na pujança e poderio das suas Forças Armadas.

Entre nós, a situação assume um caráter de maior seriedade, porque, além dos seus encargos específicos, as nossas Forças Armadas, a partir de 31 de março de 1964, aceitaram o desafio de dirigirem a Nação, propondo-se não só a fazer a restauração da ordem mas igualmente o desenvolvimento do País.

É uma conjuntura delicada para todos nós brasileiros, porque da experiência ou sai, no caso de êxito, um Exército, em especial, brilhantemente crescido diante do nosso respeito, admiração e estima ou, em caso de insucesso, o que até imaginado causa horror, será a mais amarga das nossas decepções históricas e

o mais rude golpe em nossas esperanças nacionais.

Não há duvidar, com militares da ativa e reformados nas múltiplas atividades setoriais do País, só a eles ou principalmente a eles é que atribuiremos o triunfo mas igualmente só a eles é que atribuiríamos o fracasso.

Nesta década decorrida, inegavelmente muita cousa foi realizada mas seria sumamente proveitoso qualquer processo de consulta à opinião pública para avaliar do agrado ou constrangimento do povo.

Mesmo na desigualdade patente de condições ou justamente por isso, as próximas eleições de novembro irão servir de um bom teste para verificar, pelos resultados, se o povo votou nos candidatos da oposição ou contra o situacionismo.

A mim me aflige o pensamento da alternativa de êxito ou de fracasso, porque sinceramente só desejo ver o nosso Exército com o garbo e a beleza dos velhos tempos de Caxias e de Osório e dos feitos imortais da nossa história.

Reconheço que é muito grande a responsabilidade das nossas Forças Armadas, particularmente, do Exército, a cujo esforço devem somar-se as parcelas do nosso trabalho, mas confio honestamente na vitória do Brasil, embora nem, tudo ainda vá às mil maravilhas.

É imperioso admitir que somos um País continental e que a casa estava mesmo muito desarrumada. Por isso, não exigimos milagre mas apenas nobreza de atitude, seriedade de propósitos, honestidade de ação.

Nas circunstâncias atuais, em que vivemos, ninguém pode pensar na grandeza do Brasil, sem desejar igualmente a glória das nossas Forças Armadas.

Essa é a expressão dos meus ardentes votos que manifesto num louvor antecipado nesta data, em que se comemora: O Dia do Exército

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia de Tiradentes

No próximo Domingo, dia 21 de abril, a Nação Brasileira, celebrará a Festa do seu Patrono Cívico, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Nada mais merecido do que essa consagração a Tiradentes e nada mais justo do que essa comemoração pela nossa Pátria.

Pela sua qualificação de proto-mártir da nossa independência, pela limpidez do seu idealismo e pela coragem da sua determinação, Joaquim José da Silva Xavier faz jus à veneração da nossa gente que o escolheu como luminar dos seus destinos.

O seu sangue generoso foi a sementeira fecunda, de que floriu a nossa libertação.

Se, com o sacrifício da própria vida, Tiradentes, magnânimo e intrépido, nobre e sublime, encarnou, em sua alma ardente e bela, os anseios de liberdade do seu povo, bem merece ser o orago cívico da Pátria.

Se a traição a um e a pusilanimidade a outros lhes retirou a oportunidade de uma auréola de grandeza, só a Tiradentes cabe a coroa de glória que a Nação lhe consagra e tributa.

Pedestalizado pela nossa gratidão, o Alferes da Inconfidência Mineira avulta diante dos olhos da Nação como o paradigma perfeito de cidadão e a imagem escultural de soldado.

O seu heroísmo e o seu martírio pela Pátria dão-lhe singularidade e excelsitude.

A sua estatura alta de nobreza não se confunde com o tamanho do cidadão comum. A sua bravura exige honras de herói. A beleza cívica do seu gesto reclama páginas de ouro em nossa história.

A chama que ele acendeu, nunca mais se apagará, porque Tiradentes não foi apenas o meteoro brilhante que passou mas a inspiração permanente que fica.

Por tudo que é de grande e belo, Tiradentes se impõe à escolha honrosa de Patrono da Pátria.

Para medir toda dimensão do seu valor, é preciso inseri-lo na contextura histórica da sua época, quando ele cresce ainda

mais na nossa admiração e respeito.

O seu idealismo e esforço, a sua generosidade e sacrifício, a sua honradez e devotamento, tudo isso, vivenciado e inflamado por um nobre amor à Pátria, lhe garante para sempre o reconhecimento do Brasil, um lugar de destaque no coração de todos os brasileiros.

Todos os atributos que lhe doiram e aformoseiam a personalidade, são como estrofes sublimes de poema da nossa Independência. E o seu sangue generoso é a antífona luminosa do salmo da nossa grandeza.

Tiradentes, é também o Patrono da polícia militar e civil, pelo que registramos aqui as nossas congratulações aos valorosos policiais paraibanos, especialmente àqueles que compõem as corporações da nossa cidade.

Que o Brasil se revigore sempre na sua determinação de crescer, cada vez que celebra a Festa do seu Patrono: O Dia de Tiradentes.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Os Dias Claros da Vida

Se já se disse que "a vida é um sorriso entre duas lágrimas", pois temos dois olhos realmente para chorar e uma boca só para rir – é compreensível e justo que saibamos aproveitar, agradecidos e com dignidade, os dias claros da nossa existência, as nossas fases risonhas de euforia.

Seria contra-senso que pranteássemos os nossos momentos de tristeza e enchêssemos ainda de apreensões angustiantes em face do porvir, em nossas horas de alegria.

As duas lágrimas da vida que aceitamos com resignação e heroísmo, para enriquecimento dos nossos méritos, mas que o sorriso restante o desfrutemos devidamente, com reconhecimento e nobreza, a fim de torná-lo igualmente em fonte de méritos, aumentando assim, pelas duas faces da vida, o nosso peso de glória eterna.

Desse modo, para nós, o sofrer com resignação e o alegrar-se com dignidade são apenas duas maneiras diferentes de crescer espiritualmente.

Aceitar com conformidade as provações da vida é seguir corajosamente o caminho do Calvário e exultar com gratidão no tempo de bonança, é participar com regozijo das alegrias da Ressurreição.

Tudo certo. Certo "per crucem ad lucem", pelo sofrimento é que se chega à luz, à glória. Certo também: os que voltam para agradecer dons e benefícios, contentam ao Senhor.

Sendo assim, em nada reprovável o transbordamento da mocidade em gozar, sem desatino, a sua esplendorosa fase juvenil.

Sendo assim, inteiramente aceitável que uma menina-moça construa, sem leviandade, os seus castelos doirados, povoe os seus dias de sonhos róseos, viva sofregamente o fulgor e a beleza dos seus quinze anos.

Quem estranha que uma jovenzita de 15 anos pinte de azul o seu céu, borde de ouro o tecido dos seus dias, avermelhe de calor humano o seu afeto, enfeite das mais alvissareiras espe-

ranças o seu futuro, exulte vibrantemente no contentamento de viver, se tudo, em derredor de si, só fala de felicidade e só acena com triunfos.

Que se prepare prudentemente para as duas lágrimas da vida mas, por enquanto, que viva com ardor o seu tempo do sorriso.

Que guarde os seus olhos para os possíveis prantos que vierem mas, por ora, que deixe aflorar em seus lábios a alegria do seu tempo de felicidade.

Ninguém censura ao moço a sua exuberância de viver. Censuram-se nele apenas duas cousas: a ingenuidade de pensar que a vida é uma eterna juventude, pelo que pouco se lhe dá o esbanjar desatinadamente as riquezas físicas, morais e espirituais da sua idade juvenil e a imprudência de, na específica despreparação, não se aparelhar devidamente para o futuro.

Sem o armazenamento dos tesouros da sua mocidade e sem um decidido esforço de formação, nenhum jovem terá o crescimento humano, de que é capaz, pelo aproveitamento de todas as suas potencialidades e isso em detrimento da melhoria da sociedade e do maior brilho da Pátria.

Nenhum ser humano tem o direito de privar o universo do acréscimo de aformoseamento, de que ele capaz.

As outras criaturas Deus já as marcou, desde o início, com o remate final da sua perfeição. Só ao homem foi reservado o privilégio de ele próprio realizar a plenitude do seu aperfeiçoamento. Por isso, foi tão enriquecido de dons. Se não o faz, deixa de cumprir o seu dever específico de criatura, privando o universo de uma maior quantidade de beleza.

Era isso, Edna Maria dos Santos, que eu gostaria de lhe ter lembrado na festa dos seus quinze anos que transcorreu no dia 20 de abril último.

Dizer-lhe que viva vibrantemente o esplendor da sua juventude, por entre sonhos róseos de felicidade e promessas de triunfo, pois o gosto de viver lhe assegurará o seu brilhante crescimento humano, com o justo orgulho de seus pais e grandeza para a sua família.

Esquecida ainda das duas lágrimas da vida, viva intensamente o sorriso dos seus quinze anos.

Prepare-se prudentemente para as duras lides da vida mas por entre a alegria da sua mocidade.

Edna Maria dos Santos, que nasceu em Jabitaca, Pernambuco, no dia 20 de abril de 1960, é filha do casal Otacílio Belisário e Joanita Cordeiro.

Reside com os pais, em nossa cidade, no Bairro de Santo Antônio, à Rua Irineu Jôfilli, n.º 298.

Tem quatro irmãs e estuda no Instituto "Vera Cruz".

O seu grande ideal, o que Deus permita que consiga, é ser médica, com que revela a nobreza das suas intenções.

Com o seu 1,50 m de estatura, cor alva, olhos castanhos, cabelos castanhos e longos, rosto bem feito, Edna é realmente uma jovem simpática.

A mãe acha-a muito bonita, e não é porque até coruja acha os filhos bonitos mas é porque Dona Joanita está com a razão.

Agradeço-lhe, Edna, o cativante convite para comparecer à sua festa de quinze anos, oferecendo-lhe, o reconhecimento, o louvor desta crônica de hoje, para aconselhar-lhe que viva com prudência e dignidade: Os dias claros da vida.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Cada um Constrói a sua Casa

Na terra e para o tempo, podemos nós ou os outros construir as nossas habitações.

A engenharia, e arquitetura ou a simples arte do pedreiro resolvem facilmente o problema.

A suntuosidade da mansão ou a singeleza da casa depende dos recursos e do gosto do proprietário. Da pobreza da choupana ao esplendor do palacete ou castelo, estira-se o escalonamento das situações econômicas e sociais.

Em grande proporção, a maioria das pessoas já compra as suas residências construídas. Nem ao menos se dá ao cuidado e incômodo de fazê-las.

Tudo isso é bem certo, em se tratando da nossa residência aqui, na terra, e para o tempo; mas, em referência à nossa moradia eterna, ninguém constrói a casa de ninguém, cada um há de construir, com o seu esforço pessoal, o seu habitáculo ou a sua tenda.

Nesse trabalho sério e definitivo, todos são relativamente iguais, pois de cada um são exigidos apenas o engenho e arte que possui.

De si, não são valores decisivos a riqueza, o prestígio social, a cultura, a nobreza do sangue, o poder, uma vez que, aos olhos atentos e infalíveis do arquiteto divino, o que valoriza cada moradia, é o brilho, é a formosura da virtude.

Pouco importa saber se o construtor da casa foi, no tempo e na terra, rico ou pobre, prestigioso ou anônimo, sábio ou ignorante, nobre ou plebeu, poderoso ou desvalido. O que interessa ao julgador divino, que distribui os prêmios e os habitáculos eternos, é saber se cada um construiu a sua casa segundo as normas autênticas do código oficial de construções, que é o Evangelho.

A arte cristã de construir, esta vale: a honestidade de vida, a limpidez de intenções, a humildade sincera, o desprendimento generoso, a fraternidade ardente, a verticalidade brilhante da fé, o cimento vivo da caridade, as cores bonitas majestosas da espe-

rança.

Então saberá o Senhor quem, seguindo os seus conselhos ou desprezando as suas advertências, construiu sobre a rocha ou edificou sobre a areia. Qual a edificação que, resistindo açoite de todas as tempestades, permaneceu de pé para sempre e qual a edificação que se esboroou ao sopro da borrasca final.

Tudo será devidamente medido e pesado, sem risco de engano nem perigo de injustiça, pois cada um receberá do que construiu com o seu suor e a sua generosidade.

Será transfigurado em fulgor de glória o quanto de beleza moral tivermos posto em nosso edifício.

Cuidemos todos, com afinco e com prudência, de preparar a nossa eterna moradia, porque o certo mesmo é que: Cada um constrói a sua casa.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Campanha da Fraternidade

Nenhum tempo mais oportuno para que os homens se lembrem de que são irmãos do que o ciclo da quaresma.

A humanidade e, em especial, a cristandade preparam-se, pelo espírito de penitência, para os augustos mistérios pascais. A cristandade purifica-se no enlevo da pureza de Cristo. Renovada em seus costumes, estará em melhores condições de aproximar-se da grandeza da Ceia e da sublimidade da Cruz.

Na Ceia, todos se reúnem em derredor da mesa do Pai, por isso esplende o sentido comunitário da fraternidade.

Na Cruz, Cristo, por amor aos seus irmãos, dá o sangue para nos salvar.

Na Ceia e na Cruz, brilha surpreendentemente a unidade da família de Deus na terra.

Todos somos um com Cristo e Cristo, um com o Pai.

De pronto, se vê o acerto e o senso maternal da Igreja em escolher o tempo da quaresma para nele situar esta formosíssima Campanha da Fraternidade.

Uma vez por ano, ao menos numa dimensão universal, a Igreja procura lembrar aos seus fiéis e ao mundo que todos nós somos irmãos, uma vez que qualquer sentido de paternidade procede do Pai que está nos céus.

Se originariamente, única é a paternidade, única também é a fraternidade universal da família humana.

Se somos irmãos, por que não nos amamos todos?

Se somos irmãos, por que não nos ajudamos reciprocamente?

Se somos irmãos, por que não procuramos construir um mundo melhor?

Assim, terrível é o ódio; horripilante, a vingança; detestável, a antipatia; insuportável, a indiferença; desagradável, a frieza.

Belo, o amor; suave, o perdão; doce, a simpatia; estimulante, a compreensão; envolvente, a polidez; formosíssima, a fraternidade.

Que encanto não seria o mundo, se os homens, compreen-

dendo-se entre si, fossem indulgentes uns com os outros, nos erros, e sempre ardorosos no amor!

A terra então seria realmente azul e não somente azul, vista do alto!

Essa foi a intenção do Criador, tanto assim que a primeira moradia do homem foi um jardim, em que a natureza o servia como a um senhor e rei.

O pecado feriu o homem de desequilíbrio e transtornou todas as cousas. O contágio de Satã ficou em cada um de nós. Desde então a terra deixou de ser azul, vista de perto.

Outra vez, Deus, através da graça redentora da imolação de seu Filho na Cruz, ministrou ao homem condições de voltar à sua beleza e felicidade de origem.

A Cruz é antes de tudo um ato de reparação e de amor. Ato de amor que Cristo resumiu nestas palavras fulgentes: - "Eu vim trazer o fogo à terra e outra cousa não quero senão que ele arda".

A Campanha da Fraternidade, na nobreza de seus intentos e no impulso de seus propósitos, é, nos tempos atuais, a cruzada cristã mais oportuna e urgente pela sublimidade do esforço de reacender entre os homens e de alastrar no mundo a chama do amor que Cristo ateou na terra. Por isso, a sua dimensão é universal, devendo atingir e ativar toda a humanidade.

Em particular, pelo que nos tange, que a Diocese de Patos se empenha toda com carinho e ardor, para que, em 1969, a mais bela e fecunda de suas iniciativas seja: A Campanha da Fraternidade.

Crônica das 12
Hoje, sobe o título: O Patrono Cívico da Pátria

Tiradentes – O Alferes Joaquim José da Silva Xavier – sob alguns aspectos, é a figura exponencial da nossa história. Ninguém mais do que ele cristãmente generoso, ninguém mais do que ele moralmente puro, ninguém mais do que ele civicamente idealista, ninguém mais do que ele patrioticamente belo.

Não lhe falta idealismo para líder, magnanimidade para apóstolo, coragem para herói, renúncia para mártir.

Inteiramente merecidos os epítetos ou qualificações, com que a gratidão e a reverência da Pátria, doiram a sua personalidade.

Chamam-lhe de proto-mártir da nossa Independência por ter sido o primeiro a derramar o sangue por nossa emancipação política. Cognominam-no de patrono de nossas polícias militares por ter sido o soldado paradigma em sua arma. Por fim a nossa carta magna atribui-lhe o título justo, nobre e consagrador de Patrono Cívico da Pátria por constituir-se a inspiração suprema, a chama sublime do nosso patriotismo.

Tiradentes, pela pureza do seu idealismo e pelo arrojo da sua bravura, fecundou, com o seu sangue ardente de herói e generoso de mártir, a semente bendita da liberdade nacional.

Se a valentia do seu amor ao Brasil não quebrou os grilhões da hegemonia lusitana, pelo menos insuflou no espírito dos brasileiros a determinação de liberdade, de independência.

O seu exemplo ficou como um evangelho cívico, como a cartilha da Pátria.

Depois dele e ao seu lado, não havia mais lugar para os covardes e acomodados, para os tímidos e interesseiros, para os mistificadores e vendilhões.

Se Tiradentes, no passado, foi uma bandeira de esperança para os brasileiros; no presente, continua a ser para todos nós, pelo exemplo que nos legou, o mais forte estímulo de aceitação de todos os sacrifícios pela grandeza da Pátria.

Pela fé que lhe inspirava os atos, pela generosidade que lhe ditava as atitudes, pelo desassombro com que aceitou pelo Brasil a própria sentença de morte- Tiradentes é o mais belo e autentico

herói brasileiro.

No dia que a Pátria, agradecida, lhe consagra para reverenciar-lhe a memória, duas sérias reflexões é bom que se façam.

Que se revigore na alma de cada brasileiro um grande apreço à Pátria pela consideração do heroísmo e dos sacrifícios que custou aos nossos ilustres antepassados a independência do nosso povo.

Não somos um País livre por encanto ou pela generosidade dos outros. Conquistamos a nossa liberdade à base de renúncias e da efusão do sangue de nossos heróis.

Para conservar livre e grande a Pátria que nos legaram os nossos maiores, que não nos acovarde nem o sacrifício da própria vida.

Que a segunda consideração seja no sentido de despertar em nossos corações, sobretudo, no coração da nossa juventude, um vibrante e profundo sentimento de gratidão aos heróis e mártires da Pátria.

Que a nossa mocidade se eduque num fervoroso culto de estima e respeito à memória de todos os guardiões da Pátria, em qualquer época de nossa história.

Esse fervoroso culto de simpatia e reverência será, para os moços, a melhor e mais sadia inspiração de patriotismo, porque, na medida dessa simpatia e dessa reverência, se imporá para eles a determinação de seguir o nobre exemplo daqueles que amaram ardorosamente ao Brasil, trabalhando ou se imolando pelo soerguimento do seu povo.

E que exemplo mais belo para a nossa mocidade do que a bravura desmedida de Tiradentes em holocausto pela Pátria.

Não teve uma pira sagrada, em que ardesse a chama do seu patriotismo mas o seu patíbulo se transfigurou no alto da Pátria. A sua fé em Deus e a sua esperança na grandeza do Brasil, a sua coragem sublime e o seu sangue generoso fizeram dele o mais belo de todos os nossos heróis e o mais nobre de todos os nossos mártires.

Ajoelhados diante do sarcófago do Proto-Mártir ou de pé diante da estátua do Tiradentes, exaltemos hoje, no entusiasmo febril de nossas almas e nesta data brilhante de nossa história: O Patrono Cívico da Pátria.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Como é Bela a Gratidão

As vezes, na obra artística, é o pequenino detalhe que mais ressalta a beleza do conjunto. Assim também numa pessoa, singular traço fisionômico aumenta toda a formosura do rosto.

O valor do detalhe, do último retoque, da pincelada final, do remate, é deveras surpreendente em qualquer obra de arte.

Acontece cousa semelhante com a personalidade humana.

A beleza moral de uma pessoa, comumente, mais se revela por um pequenino gesto de cortesia e gratidão do que por um grande rasgo de generosidade.

A primeira atitude, sem nenhuma oportunidade de exibição, manifesta, na pureza virginal da alma, toda a nobreza de sentimentos da pessoa.

A segunda, de ordinário, sempre vem mesclada de ostentação de grandeza, de vaidade.

Há mais beleza humana na finura de um gesto do que na grandiosidade de uma atitude.

O pequenino gesto, simples, despretensioso, autêntico, é um lampejo cintilante, porque se surpreende o fulgor de uma alma nobre.

Adverte-nos o próprio Evangelho que bem-aventurado é o servo que foi solícito e honesto nas pequeninas cousas.

Uma grande santa do cristianismo – Santa Teresinha do Menino Jesus – adotou, por mística, a infância espiritual, isto é, a prática das pequenas obras, cousa própria de criança.

Por tudo isso, nos convencemos de que é real e significativo o valor do quase invisível, do insignificante, do diminuto, do pequenino. Seu valor vem justamente da autenticidade do seu conteúdo. Não se impressionando ninguém com o medo da vida, o faz ou dele cuida com absoluta espontaneidade, com ausência total de segundas intenções.

Essa autenticidade é que marca de valor real e positivo as pequeninas cousas da vida.

Um gesto simples, no Domingo passado, sugeriu-me essas reflexões. Gesto simples mas de inconfundível beleza.

Estava no Hotel J.K., onde fui entender-me com o técnico Newton Monteiro que dera os retoques finais no recondicionamento do nosso transmissor.

Na hora de voltar e, ao discar o telefone pela segunda vez, liguei para a 555.

Do outro lado da linha, falou o nosso conhecido José Barbeiro que, não estando em condições de atender prontamente ao chamado, conforme disse, prometeu mandar um colega.

De fato, dentro de minutos, chegava um carro novo e bonito. Dei boa noite e entrei para o automóvel.

Conversando, em instantes, estávamos parados, no fim da corrida, em frente ao Colégio Estadual de Patos.

Antes de descer, tratei de fazer o pagamento. Recusa total do motorista, que é o próprio dono do carro. Insisti. Inutilmente. Não houve forma de receber.

Julgando, a princípio, que o José Barbeiro, que havia atendido o telefone, houvesse feito o pagamento, voltei a insistir. A mesma recusa de receber.

O segundo pensamento foi no sentido de tratar-se de uma atenção para com o Diretor da Rádio Espinharas, não só por dar-me muito bem com todos os meus amigos motoristas das três praças mas por ter feito há meses uma crônica elogiosa, em geral, à classe toda e, em especial ao Nemilson, que pertencia à praça 555 e havia falecido. Nova tentativa de pagamento; outra negativa de receber.

Que, ao final de corridas, diversos motoristas hajam dito "paga aí como o senhor quiser", estava eu lembrado de haver acontecido várias vezes; mas agora o caso era diferente: recusa total e constante de receber.

Como sempre me interessam muito esses pequeninos flagrantes da vida, esse meudinho do quotidiano, acendia-se cada vez a minha curiosidade. Era preciso descobrir o motivo da recusa.

Não me ficando bem indagar da razão da negativa, o único meio, de que dispunha, era insistir no intento de pagar a corrida, a fim de que o bem apessoado, atlético e atencioso motorista resolvesse a revelar a causa da recusa.

Nesta altura, de conformidade com a resposta do meu amigo, já teria a intenção de escrever esta crônica.

Surgiu-me então a idéia de que, tratando-se de um antigo conterrâneo do Município de Malta, pois ambos temos o orgulho e a honra tê-lo por berço, seria uma deferência toda especial ao nosso torrão natal comum.

Digo antigo conterrâneo, porque, havendo José Lindolfo – Dedé - nascido em Condado, hoje pertence a um município diferente.

Pela última vez insisti em pagar.

Dedé recusa mas, desta vez, se dá por vencido, revelando o motivo.

Lembra-se o senhor, disse ele, quando há quatro ou cinco anos era capelão do Hospital e me levou no carro de Peri muitas vezes até a garagem dos ônibus da Ipalma, no tempo, em que eu trabalhava para a empresa?

Respondi que sim.

Pois bem, hoje não quero receber nada do senhor.

Faça-se justiça ao Peri, a quem cabe em grande parte o mérito da atenção. parando, por iniciativa pessoal, varias vezes, o carro, para conduzir o colega de profissão e amigo pessoal.

Confesso que fiquei profundamente sensibilizado, comovido, com a nobreza de sentimentos de Dedé, o meu antigo conterrâneo

Nunca na minha vida senti tanto a emoção resultante do reconhecimento de um favor ou benefício feito.

Surgiu-me, naquele instante, diante do meu espírito, toda a beleza humana da gratidão.

Impressionou-me vivamente aquele gesto do Domingo. Aquele senhor motorista cresceu diante dos meus olhos como um tipo humano diferente pela nobreza da sua atitude, pela beleza moral da sua alma.

Guardar em silêncio, quatro ou cinco anos, a intenção de ser agradecido e aproveitar a primeira oportunidade para fazê-lo – perdoem-me, o Dedé poderá ter muitos defeitos mas que possüi uma alma nobre, é inegável.

É num pequenino gesto dessa natureza que se surpreende o valor de uma pessoa.

Pelo que senti e pelo que entendo, só tenho a dizer: Como é bela a gratidão!

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Os Caminhos da Vida

Seja a carreira brilhante do cientista ou o trabalho modesto do carvoeiro, todas as profissões constituem os diferentes caminhos da vida.

Não é por ser humilde que uma profissão deixa de ser nobre mas, sim, pela ausência de dignidade humana.

A honestidade do profissional é que torna a sua profissão nobre.

Sendo assim, todo ser humano, pela lisura e limpidez da sua conduta profissional, pode contribuir para o aformoseamento da humanidade, família de Deus na terra.

O Senhor criou o universo, inclusive o homem, com perfeição. Ele próprio achara tudo bem feito, como se lê no livro do Gênesis.

De todos os seres criados, pelo que se conhece até aqui, excluídos os anjos, só ao homem foi concedido o poder de alterar a obra da criação, pois Deus quis correr o risco de criá-lo livre.

Usando mal da sua liberdade, o homem, pelo pecado, alterou realmente a maravilha da criação e no sentido da fealdade.

O primeiro desastre operou-se nele próprio, obra-prima do Criador. Perdeu, na verdade, dons preciosíssimos quer naturais quer preternaturais, entre eles: o dom da integridade moral, por que todas as suas potências eram ordenadas e harmônicas; o dom da ciência infusa, do conhecimento gratuitamente recebido, pelo qual, só a exemplo, Adão deu nome apropriado a todos os animais, como diz o Livro Sagrado; o dom da imortalidade que lhe afastava a possibilidade de morrer; o dom da felicidade perene que o isentava de qualquer constrangimento na terra e lhe proporcionaria, em seguida, a bem-aventurança eterna.

Tudo isso e ainda mais perdeu o homem por sua desobediência a Deus.

Cabia-lhe particularmente, por seus atos livres, aumentar o brilho da já formosa casa de Deus, que é o universo. Ao invés disso, por esses mesmos atos livres, afeou tudo, alterando a beleza e a ordem das cousas criadas.

Então, como só a ele é possível, impõe-se-lhe agora o dever de restituir parcialmente às cousas a beleza primitiva e de melhorar a sua imagem de ser privilegiado antes tão bonita mas, depois, desfigurada por sua triste condição de perturbador da ordem implantada por Deus.

Em conluio com Satã, deslustrara a maravilha do Criador, ferindo-lhe a majestade e afrontando-lhe o poder.

Agora, nas novas condições de força e iluminação que, dele apiedado, lhe outorgara o Redentor, deve renovar-se e renovar as cousas. Urge que apareça um novo homem e um novo mundo. E isso será a segunda maravilha do Senhor, a maravilha da graça.

Portanto, pelo brilho do seu trabalho honesto e construtivo, pela fecundidade do seu suor derramado, pela nobreza das suas variadas profissões, é mister que o homem ponha um pouco de luz e de beleza a mais: Nos caminhos da vida

Crônica das 12
Hoje, sob o título: E as Esperanças se Foram!...

Tanto no triunfo como na derrota, vê-se quanto é profundo e intenso o sentimento de Pátria, quanto bole com a gente!

Agradável é celebrar uma vitória, cantar um epinício de glória em exaltação da Pátria; mas que travo amargo é o insucesso, o fracasso, quando estão, de qualquer maneira, em jogo, os interesses do País, o brio da nossa gente!

Todos sabemos que esporte é isto: deve vencer o mais habilidoso ou o mais destro, seja resultante de brilhantes talentos naturais ou decorrência de aprimorada educação, cousa que independe de cores, raças ou bandeiras.

Pouco importa seja o vencedor ou derrotado branco, preto, amarelo ou vermelho; seja culto ou iletrado, rico ou pobre, patrão ou operário.

Pouco importa, sabemos todos, pois, na dinâmica e estrutura do esporte, por ser ele universal, não devem interferir influências particulares.

O triunfo poderia ser decantado festivamente mas o insucesso não deveria ser recebido com tristeza nem vergonha.

Entre dois competidores que medem forças e preparo, uma alternativa se impõe: ou ambos são iguais ou um é superior ao outro. Isso e nada mais. Portanto a aceitação do resultado é imperiosa, devendo ser tranqüila e pacífica.

No entanto o próprio espírito de emulação já não aceita praticamente o que teoricamente é certo, pois mesmo, em reconhecidas condições de inferioridade, ninguém se conforma, sem desagrado e constrangimento, com a derrota que tem sabor diferente da vitória, é verdade, mas deve ser admitida esportivamente.

Agora, nos certames ou confrontos internacionais, o esporte mesmo, com a sua característica de universalidade, assume um colorido diverso, enriquece-se de um conteúdo novo que é o sentimento de Pátria, de brio de Nação, de pundores da Bandeira.

Nenhum povo, sem forte reação, admite que alguém lhe toque nos melindres nacionais.

Daqui se entende o abafado véu de tristeza que desceu

ontem sobre o País em face da nossa derrota na partida decisiva para a Finalíssima contra o selecionado da Holanda.

Em tese, nada mais lógico e justo do que a vitória da equipe holandesa, dada a sua superioridade e aprimorada preparação mas isso que é teoricamente incontestável, não conseguiu, na prática, evitar ou desfazer o contragos e amuado povo, sentimentalmente ferido nos seus pundonores nacionais.

Sem dúvida, o futebol não é privativo do Brasil, embora lhe tenha trazido tanto brilho, pelo que os outros países devem ter também a sua vez, já que somos tri-campeões, mas que é, por essa razão de brio nacional, a derrota amarga, é; é um incômodo espinho de garganta que faz sofrer bastante.

A quem responsabilizar pelo fracasso? Não sei nem me cabe insinuar.. Apenas julgo que a cousa deve ter começadc antes aqui mesmo, entre nós.

Por isso, desde que não é possível desenvencilhar o sentimento de Pátria dessas competições internacionais, a mim me parece que o Governo, através dos seus competentes órgãos administrativos, deve por toda vigilância e severidade no preparo das nossas futuras seleções.

Se o nome do País entra em jogo, não é abuso do poder interferir na formação dos nossos selecionados.

Por ora, só nos resta dizer baixinho e com tristeza: E as esperanças se foram.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Inquietitude

Que cousa encantadora é a paz! Que cousa suave é a tranqüilidade!

Certos bens, pelo hábito de os saborearmos com freqüência, já não temos deles a medida exata da sua doçura e preciosidade.

Na sua carência, é que, sobressaltos, reconhecemos a grandeza do bem pelo tamanho da perda, que lamentamos.

Só quando a vista encurta ou a cegueira chega, é que, surpreendidos, exaltamos a beleza de ver, a maravilha que é a visão.

Antes, não, desfrutamos o prazer de ver, sem pensar no dom grandioso que são os olhos.

A água, quem lhe decanta suficientemente as virtudes e os méritos, se a sede não o atormenta; mas quem no seu valor e gosto pensa por tomá-la diariamente e tantas vezes.

A falta do bem já saboreado sugere-nos muito mais a sua preciosidade do que a sua própria presença.

Na escuridão, é que cresce o pensamento da prestimosidade da luz.

Na paralisia, é que impressiona o valor da locomoção.

Na surdez, é que se mede a delícia de ouvir.

Na saudade, pelo tormento que experimentamos, é que sentimos todo o encanto que há na presença da pessoa ou cousa amada.

Nunca avaliamos tanto a alegria de possuir pai e mãe, como na sua ausência ou por morte deles.

Só a nostalgia dá a medida exata da beleza da Pátria e do benefício que é a sua presença.

O amor à Pátria é como o cheiro da canela brava; na distância, é mais intenso.

A razão de tudo isso é que a posse do bem, que gera a alegria e a felicidade, produz tão agradável estado de consciência que nos leva a esquecer subjetivamente a causa exterior que o sugeriu.

Se esta se afasta ou desaparece, experimentamos imedia-

tamente a sua ausência e o constrangimento da sua falta pelo efeito agradável que causou.

Parece mesmo que ficou na gente um buraco na consciência, que levaram um pedaço de nós mesmos. Fica em nosso "eu" uma sensação de vazio. É que o prazer ou efeito delicioso, produzido pelo bem presente, já havia se incorporado ao nosso psiquismo, já fazia parte, como estado afetivo, do conteúdo da nossa consciência.

Primeiro, a surpresa da ausência; segundo, a sensação da necessidade; por fim, a dor que é a expressão mais convincente do valor do bem que se perdeu.

Assim, só num estado de inquietitude é que se avalia, com exatidão, a grandeza quase inestimável desse dom precioso que é a paz, desse bem suavíssimo que é a tranqüilidade.

O gosto da casa bem arrumada, de cada cousa posta em seu lugar, do conjunto harmonioso de todas as partes, da doçura da ordem – produz em nós tal sensação de bem-estar que nunca chegaríamos a agradecer suficientemente o benefício incalculável da paz.

Só quando inquietos pela tranqüilidade de espírito que nos fugiu ou pela paz de consciência que se foi, é que abrimos bastante os olhos para ver, à distância, a formosura do presente que, perto, nos esquecemos de contemplar.

A doçura e grandiosidade da paz mede-se melhor pelo constrangimento da sua perda, sobretudo, pela dor da sua necessidade.

Só os que perderam a tranqüilidade de espírito, é que podem exaltar, com precisão os dulçorosos efeitos da paz.

Só na inquietitude é que aparece toda a beleza da sua face fulgente.

Portanto que cada um se agarre com unhas e dentes à sua tranqüilidade de espírito, à sua paz de consciência, porque vale pensar nesta cousa muito séria: o pensamento de extermínio gera o desespero; o desespero causa a angústia; da angústia é responsável a inquietitude.

Incêndio só se apaga no começo e, se o fogo é na alma, só no começo é que se apaga.

Assim, para fugir às cinzas do incêndio e às prováveis ruínas da destruição, que se evite resolutamente cedo no espírito este insidioso perigo, que é: A inquietitude.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Como é Doce o Nome de Mãe!

Com esta crônica, não apresento novidade mas apenas confirmo o que todos já sabem e é a doçura e o encanto que o nome de mãe encerra e expressa.

Dizer isso a uma criança é falar-lhe do que ela mais gosta; proclamar isso a um jovem é enternecê-lo e vezes angustiá-lo pelas incompreensões praticadas; lembrar isso à velhice é despertar-lhe agudas saudades.

Entre os próprios animais, a mãe é a imagem do afago, da solicitude, da bravura.

Quem nega o quadro de beleza, que é uma fêmea rodeada de seus filhotes, a acariciá-los, lambê-los, cheirá-los, a brincar com eles!

Se perto, como se sentem aconchegados e defendidos! Se longe, como se alvoroçam inquietos na busca da mãe que, desesperada, já os procura insistentemente.

Sabe disso quem, dentro da tarde, já observou, no pátio da casa, uma ovelha irrequieta, a berrar, chamando o cordeirinho tresmalhado. Verifica todos os grupos do rebanho, que vão chegando. E, quando ainda à distância reconhecem ambos o balido um do outro, como partem, alegres e felizes, para o reencontro. O cordeirinho embandeira a caldinha tremulante no ar e corre sôfrego para a ovelha.

Com tal força de atração e encantamento, em qualquer situação ou circunstância não estranha que seja quase mágico o poder que exercem as mães sobre os filhos.

Sendo assim, compreende-se a ternura e o enlevo que o nome de mãe possui.

Para exprimir essa ternura e esse enlevo, a linguagem afetiva serve-se de todos os recursos idiomáticos, recorrendo freqüentemente a tautossilabismos, hipocorísticos, diminutivos, como sejam "mamãe, mãezinha, mãínha, mamãezinha".

Num desafio com os puros sensitivos, nem poderíamos ser vencidos, já que somos a mais racionais, nesses primores de afeto e ternura em referência a nossas mães.

É interessante verificar que, em relação a nossas mães, tudo que lhe expressamos de doçura e afago, ainda achamos pouco, nunca chega, fica faltando alguma cousa.

E fica faltando mesmo, porque são inatingíveis a beleza e a excelsitude da maternidade.

Pude confirmar isso mais uma vez, no dia seu, à noite, em nossa Catedral Diocesana.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Mais uma Homenagem à Velhice

Recebi de um afilhado o pedido de uma crônica sobre os 81 anos de seu pai e meu compadre Cirilo Ferreira da Silva, Cirilo Garapa.

A data foi comemorada no dia 23 de Setembro.

Salvo casos especiais, não entra nos meus propósitos neste horário prestar homenagens a aniversariantes mas todos hão de convir comigo em que a solicitação de um afilhado deve pesar bastante na agenda das nossa atenções, pois se presentes nem sempre lhe podemos dar, sempre lhe devemos especial consideração.

E, se é, em favor do próprio pai, que o afilhado pede, cresce a força da solicitação.

Foi justamente o que aconteceu comigo em referência a esta crônica, a que se junta, para reforço do pedido, a circunstância de ser ela também um louvor à velhice, que tanto admiro e venero.

Essa a razão da homenagem de hoje ao meu velho compadre Cirilo Ferreira da Silva, no ensejo dos seus 81 anos de idade.

Embora tenhamos os dois "Ferreira" no nome, não somos parentes, pois nem, ao menos, afinidade possuo com garapa, mel, rapadura ou açúcar. Por sinal, até proibido estou de os degustar.

Pois bem respeitável idade já atingiu o meu compadre "mel com água. Falo assim, porque velho gosta de brincar com velho e porque ele não se zanga que eu misture as duas cousas, uma vez que "Garapa" é alcunha de família e nome de guerra. Na verdade, são os "Garapas" de Teixeira gente decidida e corajosa.

Cirilo Ferreira da Silva nasceu no município de Teixeira, no dia 23 de setembro de 1893, casando-se em julho de 1935, com Maria Soares da Silva, de 21 anos de idade e natural também de Teixeira.

Modesto agricultor trabalhou 11 anos no Sítio Mulungu lá da sua fértil Serra mas, ardoroso admirador da instrução como todo bom paraibano e sertanejo, quando viu a família aumentada, transferiu a residência para aqui, nas cercanias da cidade, a fim

do que os filhos pudessem estudar. Para isso, adquiriu uma faixa de terra, às margens do Rio Pinhara, onde tentou também uma vacaria.

Depois de 17 anos de residência aqui, quando os 12 filhos – 9 homens e 3 mulheres – já haviam estudado um pouco, com alguns já casados, cinco morando em São Paulo, onde fazem cursos de mecânica e eletrônica, dois vivendo no Recife, o casal, atraído pelo gosto telúrico da Serra, voltou ao seu querido Sítio "Mulungu", onde a maior alegria de meus compadres, segundo afirma o meu afilhado, é receberem a visita de um filho.

Embora saudosos dos filhos ausentes, vive o casal uma velhice folgada e feliz, na mútua compreensão e num fervoroso afeto.

Simples, honrados, católicos praticantes, os dois guardam hoje a consciência tranqüila de haverem cumprido fielmente as duas nobres missões de esposos e pais e continuam a fazê-lo com a mesma determinação de sempre.

Devotam-lhes os seus quarenta descendentes – 12 filhos e 28 netos – estima e veneração, pelo que se sentem compensados de todos os esforços e sacrifícios.

Se é bem certo: "quem planta vento, colhe tempestade", certo também o é: quem prepara canteiros, colhe rosas.

O lar tem destas maravilhas: o sacrifício heróico na formação e educação dos filhos reverte em alegria e glória para os pais. Isso sem falar nas bênçãos fecundas e graças eleitas da parte de Deus.

A família é esse majestoso edifício, pouco importa seja rico ou seja pobre, em que o suor derramado na sua construção se transforma em beleza e conforto, em grandeza e felicidade.

Esse é o caso do lar de meus velhos compadres do Sítio Mulungu da Serra do Teixeira, Cirilo Ferreira da Silva, Cirilo Garapa, e Maria Soares da Silva.

Creio que dei o devido atendimento à solicitação do meu afilhado, louvando-lhe os pais que tem, com esta crônica, em que junto também: Mais uma homenagem à velhice.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Tinha Razão o Santo

Santo Tomás de Aquino, mestre inexcedível em sabedoria e admirável em santidade, afirmou, com todo acerto, que não existe virtude com prudência, uma vez que a prudência é a medida de equilíbrio de todas as nossa atitudes.

Realmente, o excesso e a deficiência, o de mais e o de menos, desfiguram a beleza da verticalidade da nossa vida.

Pois bem é a prudência que, evitando o exagero e a deficiência, garante a situação de equilíbrio do nosso comportamento.

O povo diz, na sua sabedoria, tudo de mais é veneno e isso é verdade até mesmo em referência a qualquer virtude. Na realidade, o exagero na virtude deslustra-a, tirando-lhe a medida justa da perfeição. Transforma-se quase sempre em ostentação, em vaidade. Quebra a linha exata do comedimento, da prudência, sem a qual não há virtude perfeita.

O povo também diz, na sua comprovada filosofia de vida, que o que é pouco, ainda falta. Sem dúvida nenhuma, não atinge a perfeição aquilo que é deficiente, incompleto, faltoso.

É a prudência que usa freio e esporas para coibir o exagero e incentivar a deficiência, a fim de que não se ponha nem de mais nem de menos na posição de equilíbrio das nossas virtudes.

Se isso é a prudência em relação às virtudes, que não dizer da sua importância quanto às nossas demais atitudes humanas?

Nada nos causa mais embaraços, insucessos ou decepções amargas na vida do que a imprudência, seja sob a forma de imprevidência seja sob a forma de intempestividade seja sob a forma de displicência ou morosidade.

Se cada cousa não é posta no seu lugar devido, no seu tempo oportuno e nas suas justas dimensões, nada em nós atinge o seu grau exato de perfeição, a sua possível quantidade de beleza humana.

Se a ostentação aumenta ou se a negligência diminui, se há o de mais que exagera ou de menos que não chega, há defeito na medida.

A perfeição é alguma cousa que apenas chega e que, che-

gando, não sobra. Essa exatidão é a prudência que consegue, pois, mesmo entre as virtudes, só ela realiza essa maravilha de justeza.

Se a prudência não nos assiste na vida, se não nos orienta os atos, as atitudes, o comportamento, ficamos nas deficiências ou resvalamos para o exagero, expondo-nos a toda sorte de faltas e excessos.

Assim, a coragem de mais não é heroísmo mas, sim, desatino ou exibição, como a coragem de menos não é precaução mas covardia.

A justiça de mais não é justiça mas, sim, rigor, como a justiça de menos não é tolerância mas, sim, omissão.

A própria prudência de mais deixa de ser prudência para converter-se em temor, como a prudência de menos deixa de ser confiança em si mesmo para se tornar temeridade.

Portanto, se quisermos evitar na vida contrariedades e dissabores, sejamos cautelosos, comedidos, previdentes, porque, mesmo na prática das virtudes, é indispensável a prudência: Tinha Razão o Santo.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quando Recordar é Agradecer

Felizes daqueles que, na velhice, contemplando o seu passado, não se envergonham ou entristecem dos rastros deixados na longa estrada percorrida. Pelo contrário, deles se alegram e orgulhecem, ao recordarem.

Da nobreza das nossas atitudes e da honestidade dos nossos atos, não há testemunho de outrem que nos dê a segurança igual à garantia que nos proporciona o depoimento da nossa própria consciência.

Pode não corresponder ao nosso mérito a externa louvação nem ao nosso demérito a reprovação dos outros mas da realidade nunca se afasta o testemunho da própria consciência.

Reconhecemo-nos bons ou maus, não porque assim pensam e dizem de nós os outros mas porque o nosso indefectível tribunal interior dá sentenças favoráveis ou desfavoráveis.

É, por isso, que, numa tomada de posição, depois de meio século decorrido, vigorosa é a nossa tranqüilidade de espírito e vibrante a nossa exultação, quando um passado cheio de brilho volta a fulgir diante da nossa mente e da nossa saudade.

Esse brilho não é só a resultante de retumbantes êxitos, do fastígio do poder, do destaque de posições sociais ou da pujança da riqueza. Ele se irradia da dignidade da vida, que se teve; da hombridade das nossas afirmações; da coragem no cumprimento dos nossos deveres; do heroísmo em realizarmos a missão específica que nos coube.

Pouco interessa sejamos soberanos ou vassalos, nobres ou plebeus, analfabetos ou cultos, pobres ou ricos. O que importa, é que sejamos dignos de nós mesmos e daqueles que nos criou à sua imagem e semelhança.

Por assim ter vivido, durante cinqüenta anos, num lar fulgente de dignidade e perfumado de virtudes, é que o casal Duarte Augusto Machado e Josefina Fernandes Machado está celebrando hoje, com o mais intenso regozijo, as suas bodas de ouro de núpcias.

Foram cinco décadas de mútua compreensão, de afeição

ardorosa, de recíproco encantamento, de total devotamento à educação dos filhos, de corajoso esforço na atingência da nobre destinação da família.

Tão rica de beleza moral foi a vida que levaram os dois que hoje, ao recordarem esses venturosos cinqüenta anos, só têm motivo de agradecerem a Deus as preciosas bênçãos e inúmeros benefícios recebidos.

Assim, para o casal, para os dois, a saudade desse passado feliz é mais uma prece de gratidão do que uma fervorosa reminiscência.

Duarte Augusto Machado, com 23 anos, e Josefina Fernandes Machado, com 17, casaram, na matriz de Santa Luzia, no dia 12 de fevereiro de 1929.

Presidiu ao cerimonial religioso o Pe. José Maria.

Do enlace matrimonial nasceram 18 filhos, sobrevivendo 16.

Por um trabalho construtivo e tenaz, da agricultura e outras atividades, o Sr. Duarte Augusto Machado hauriu os meios para a educação da numerosa família, podendo contar, entre os filhos, com dois formados em medicina e um em engenharia.

Marcante, em Duarte Augusto Machado, é a vocação para a música, talento primoroso transfundido para os seus descendentes, prova disso é que ele, aos 73 anos, e nove filhos fazem parte da Filarmônica 23 de Maio da cidade de Santa Luzia.

Como sempre foi um lar, onde reinou a mais perfeita e ardorosa harmonia entre todos que o compõem, hoje, na comemoração do jubileu áureo de núpcias do velho tronco, pleno e geral é o regozijo da família, sincera e transbordante a sua felicidade.

É em circunstância assim: Quando recordar é agradecer.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: As Reticências da Expectativa

Expectativa é a nossa atitude de espírito, em que se espera sem excluir todo o receio ou em que se receia sem perder toda a esperança.

Não é um estado de espírito positivo, constituído só de esperança, nem tão pouco é um estado de espírito inteiramente negativo, constituído só de temor.

É uma mistura das duas cousas, em que predomina ora o elemento positivo da esperança ora o elemento negativo do receio.

De qualquer maneira, na expectativa não há certeza total, existem probabilidades fortes que se inclinam vezes para um lado vezes para o outro lado.

É sem dúvida uma situação psicológica que insinua sobressaltos quer para a alegria quer para a tristeza.

Na expectativa, ninguém está plenamente seguro de uma só cousa, pois fica sempre, tênue ou acentuada, a possibilidade do contrário.

Numa arrojada iniciativa, alguém, em face das precauções tomadas por força dos indícios crescentes, fica jubilosamente na expectativa do êxito, mas sem afastar completamente a possibilidade de um imprevisto ou eventual fracasso.

O general que entra em combate com o exército inimigo, arroja-se à luta na expectativa da vitória mas não consegue alijar da sua brilhante estratégia ou bem plantada tática, de modo absoluto, o incômodo de uma possível surpresa de insucesso ou de derrota.

São casos, em que predomina o fator positivo da esperança, predomina sim mas não domina exclusivamente.

Ao contrário disso, sai um homem de viagem, De chofre, chega a notícia sobressaltante de que houve um acidente com o transporte, de que resultaram algumas pessoas mortas.

A família daquele homem fica na angustiante expectativa de uma confirmação dolorosa mas sem deixar de admitir a possibilidade de que o seu ente querido tenha sido um dos que saíram,

do desastre, são e salvo.

Neste caso há o predomínio do elemento negativo do receio mas sempre sem a exclusão total do contrário.

Caso interessante e típico de expectativa é o do nordestino, do sertanejo, nos primeiros meses de cada ano.

Todos ficamos na espera ora do inverno mas com temor da seca ora com receio da seca mas aguardando o inverno.

Os dois tipos de expectativa variam de pessoa em pessoa, de grupo a grupo, de região para região, em conformidade com os sinais ou prenúncios que vão aparecendo. Muitas vezes, na mesma pessoa, no mesmo grupo, na mesmo região, os dois tipos se sucedem ou alternam. Gente que ontem confiava no inverno, hoje já se arreceia da seca; gente que hoje está atemorizada com a seca, amanhã passará a alegrar-se com a espera do inverno.

Lê-se o jornal, em que já começam a sair pronunciamentos ou predições sobre seca em 75 e a gente se enrodilha em tristeza, porque nordestino suporta a seca mas só gosta mesmo de inverno. Risca o relâmpago, pipoca o trovão, chega notícia de chuva e todos se reanimam por encanto com a esperança do inverno.

É a problemática intrincada de uma região que, como já disse alguém humorística ou sarcasticamente, vive de mão estendida, ora com a concha para cima a pedir esmola ora com a concha para baixo a ver se está chovendo.

É realmente uma fase difícil esta, em que a alternativa climática preocupa fortemente, não permitindo decisões definitivas, orientação segura a ninguém, uma vez que o planejamento de vida para a seca e para o inverno não se ajustam, diferem totalmente.

Como quem morre de véspera, é peru, por ora já que ainda estamos no período das chuvas, vamos aguardar um ano regular ou, pelo menos, de inverno escasso.

É isso mesmo: as incertezas que angustiam, as possibilidades que atormentam, as probabilidades que torturam, outra cousa não são senão: As reticências da expectativa.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: As Lágrimas da Imprevidência

A primeira resultante da imprevidência é uma situação de embaraço, de dificuldades, de ruína; a segunda realidade, que se segue, é o desconsolo, a lastimação, o sofrimento continuado, o estado de angústia.

Por não aproveitar-se da sabedoria das valiosas experiências alheias, firmado na gaiata filosofia de vida de que a única cousa que se aprende pela cabeça dos outros, é cortar cabelo – o imprevidente, como todos os desassisados e imprudentes, vai acumulando temeridades, desperdícios, desatinos.

Sem refletir nas dolorosas perspectivas do futuro, sem demorar no irrecusável e duro ensinamento do povo, com a sua concisa sentença: - de onde se tira e não se bota, tudo se acaba – o imprevidente impensadamente vai resvalando, escorregando, rolando para o abismo da situação insolúvel, da penúria, da miséria.

Numa espécie de tonteira ou embriaguez, continua a descer os degraus da escadaria do arruinamento total, como se a imprudência do degrau seguinte descido fizesse esquecer a temeridade do degrau anterior baixado.

Como nessa descida ou marcha incontrolável, mais um passo abaixo ou mais um passo à frente faz crescer o envolvimento das dificuldades, dos embaraços, da penúria – começa surgir a segunda realidade da imprevidência, que é o estado de desencanto e de desânimo, de angústia e de tortura, que é a lamentação, que são as lágrimas.

À maneira de uma vingança cruel, de uma desforra contra os repetidos e continuados desatinos, irrompe forte e cruciante a saudade dos velhos ou anteriores tempos de bonança, de fartura, de facilidade.

Essa saudade crescida agora pela ausência dos numerosos amigos, que foram se sumindo, aumenta, toma conta de tudo, não se arreda um instante, é um pranto íntimo ou aflorado em lágrimas, acompanhado algumas vezes de dolorosas lamentações.

Não se entende. Como é que hoje se tem pavor de uma situação que no passado houve condições de evitar e não se pro-

curou evitar.

Quanto, inesperadamente, se cai de uma vez numa situação de miséria, compreende-se, pois isso é ser arrastado para um matouro mas, sabida e demoradamente, caminhar para a ruína, para a miséria – isso é atordoante.

É, por isso, que o remorso e o arrependimento tornam mais amargas: As lágrimas da imprevidência.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Que Temeridade!

Falo em plano geral, sem referências pessoais a ninguém, já que não fui encarregado de fazer inquérito sobre nenhum caso, nem recente nem remoto.

O que me estarrece, é a temeridade com que se joga com uma vida humana temporal, o mais precioso dos nossos bens terrenos, o qual, uma vez perdido, está irrevogavelmente perdida para sempre.

Se fosse um dom transferível ou recuperável, ainda assim não se justificaria a atitude temerária em perdê-lo, dada a sua excelência e sublimidade. No entanto poderia ser reparado o grande dano. Assim, em lugar de um pai de família, homem honesto e trabalhador, desaparecido no desastre, fosse possível colocar outro, elemento ruim e perverso, que só faz mal a sociedade.

Até nisso se reconheceria o valor da vida, porque só, na base da violência total, é que o sujeito mau faria a desagradável substituição.

Nem o dom da vida, perdido, se recupera mais nem é possível a transferência de vida para vida.

Quem fecha os olhos no tempo e leva terra no rosto, fecha e leva para sempre.

Depois – gravíssima reflexão – se o instante fatal para existência terrena do desaparecido não o encontra em condições favoráveis à misericórdia salvadora do Senhor, pode ocasionar-lhe – cousa terrível e apavorante – o dano eterno.

Sendo assim, como é que, imprevidente e imprudentemente, se têm atitudes tão temerárias diante de cousas tão sérias.

Numa fração de segundo, uma dessas atitudes temerárias pode resultar, para uma ou diversas pessoas, no maior dano ou na maior ruína que lhe podem ser atribuídos.

Para o imprevidente e temerário, vá lá que aproveitem o remorso cruciante e o arrependimento tardio mas que adiantam mais para irreparavelmente prejudicados.

Bom é que reflitamos seriamente todos sobre essas considerações, a fim de que não sejamos causa da ruína dos outros

nem dos outros sejam efeitos das suas temeridades.

Vale aproveitar a oportunidade para verberar a freqüência, com que se está derramando o sangue humano, em nossa cidade, pois os casos se repetem, particularmente em certas épocas do ano.

Será que não bastam, na ceifa das preciosas vidas humanas, as doenças, a velhice, os gestos tresloucados, os acidentes imprevisíveis e inevitáveis, sendo preciso ainda matar?

Em face dessas reflexões, meu Deus: Que temeridade!

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quando Não se Vê Claro

Em quem existe senso de responsabilidade dos seus atos, é difícil e duro agir, quando não aparecem claros os rumos que tomar.

A indecisão para agir por preguiça ou falta de ânimo é inteiramente diferente da indecisão no agir pelo receio de assumir uma atitude errada, uma vez que não aparecem claros os roteiros pela frente. No primeiro caso, há moleza, negligência, mas a indecisão não perturba, não tortura; no segundo, porém, como interessa fortemente agir, como há o gosto de trabalhar, como urge fazer, mas, por não se ver iluminado o caminho, aparece o temor de desacerto – a indecisão aflige, atormenta, angustia.

No primeiro caso, quando se trata de preguiça, negligência, moleza, indisposição para o trabalho, há mais falta de decisão que é a ausência de deliberação em determinar-se a fazer, do que propriamente indecisão, que é o estudo psíquico, em que se fica vacilante entre o sim e o não, entre o fazer e não fazer, entre o agir e o não agir.

Na medida, em que interessa ou urge tomar um dos oposto – fazer ou deixar de fazer – nessa mesma medida, torna-se cruciante a indecisão.

Na verdade, para o homem limpidamente honesto e prudente, grande sofrimento é não poder agir com toda segurança e tranqüilidade de consciência, por não ter a visão nítida da estrada real do bem.

Para ele, a maior compensação dos trabalhos e renúncias da vida é a certeza da dignidade da sua conduta.

A correção dos seus atos e a nobreza das suas atitudes, que lhe dão formoso realce à personalidade, não o envaidecem mas lhe transfundem doce serenidade, profunda alegria, intenso prazer.

Esses frutos do correto agir é que tanto incentivam e encorajam a continuidade do comportamento sempre retilíneo.

A verdade, que se proclama; o bem, que se difunde; a justiça, que se distribui; a virtude, que se observa, proporcionam tal conforto moral que bem explicam e pagam esforços inauditos e sacrifícios heróicos.

É, por isso, que, para a honestidade e para a prudência, tanto angustia o agir: Quando não se vê claro.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Luminoso Ensinamento

Tão feia e repugnante é a ingratidão que nem, ao menos, para entendê-la, procuramos uma explicação.

Justificá-la alguma vez, nem possível é imaginar; mas já que se trata de um fenômeno psíquico e de um fato social, cabe certa indagação esclarecedora.

Como se compreende que não fique reconhecido ao seu benfeitor aquele que recebe o benefício, sobretudo, quando se trata de uma série numerosa de dádivas ou uma seqüência prolongada de favores.

Como é que se esquecem os noventa e nove favores anteriormente feitos, só porque se deixou de fazer o centésimo benefício. É o povo que lembra isso.

Será que o muito receber não nos dobra mais à sensibilidade da gratidão do que o menos ou o pouco receber!

Não supõe a prática da virtude a repetição dos atos, pelo que quanto mais repetidos estes, mais vigorosa ou segura aquela?

Assim, quantos mais atos de bondade praticados na concessão dos benefícios mais inclinados deveríamos ficar à gratidão.

Nesta altura, não para justificar mas para projetar um pouco de luz sobre o caso, é que entra o gênio arguto do grande filosofo grego Aristóteles, esclarecendo que o beneficiário, ao receber o benefício, não pratica nenhum ato de bondade. Quem pratica o ato de bondade, de generosidade, de nobre sentimento, é o benfeitor.

Sendo assim, em relação ao benfeitor, quantas vezes fica mais inclinado à bondade tantas vezes concede mais benefícios. Se a seqüência continua e permanece, termina resvalando para o "mão aberta", para o bonacheirão.

Ao contrário disso o beneficiário, isto é, aquele que recebe o benefício, que, ao recebê-lo, não pratica nenhum ato de bondade, conserva a qualidade dos sentimentos, que possui. Se é portador de nobres qualidades, arde em reconhecimento ao seu ben-

feitor, enaltece-lhe a bondade, nunca esquece o favor, a dádiva. Se é avesso à grandeza dos sentimentos humanos, gente ruim, sujeito mau, ingrato, continua como é, por mais que se multipliquem os benefícios, chegando mesmo aos noventa e nove favores.

Com tanto que se respeitem os casos, em que impera a caridade, é válida a advertência do povo: - "não se deve fazer favor a gente ruim".

Pelo menos, como explicação, a palavra de Aristóteles é: Luminoso ensinamento.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Gosto de Tumultuar

Há gente que, por seu gênio irrequieto, irrefreável e contundente, tumultua todo ambiente, em que trabalha, ou a comunidade, em que vive.

Ninguém, por mais tranqüilo e sereno que seja, consegue viver em paz com pessoas dessa espécie.

Parece mesmo que essa gente trouxe a vocação ou tem o frenesi da discórdia, sentindo-se mal com a tranqüilidade dos outros.

Perturba, irrita, provoca.

Talvez seja esse estranho modo de proceder uma evasão ou compensação da pesada carga de complexos, que conduz.

Psicologicamente sofrida, procura, por seu espírito de turbulência, levar os outros aos mesmos padecimentos.

Já que desgraçadamente não sabe o que é paz e felicidade, encontra, na comunidade de infortúnios dos outros, um pouco de alívio e contentamento.

A felicidade ou bem-estar de alguém, parece, aumenta-lhe as torturas, por isso, se vê ordem no ambiente, perturba-o; se encontra pessoas venturosas e contentes, irritá-as; se descobre a paz no coração de companheiros ou conhecidos, provoca-os.

Tranqüilidade é que ninguém goza na convivência com essa gente.

Pomo de discórdia é a qualificação que o povo lhe dá. Realmente, é um pomo de discórdia a espalhar sementes de malquerença por toda parte.

Se mora perto, é a maldição do mau vizinho; se convive na mesma sociedade ou grupo, é o espinho de garganta para todos; em qualquer relacionamento humano, é um entrave para o apaziguamento ou aproximação.

Para o bem da humanidade, essa gente poderia ter deixado de nascer, pois só veio ao mundo para intranqüilizar os outros, para sementar a discórdia, para fomentar rixas.

Se é por maldade unicamente que age, é, na sociedade, planta daninha, perigosa, indesejável.

Se é moral ou psicologicamente doente, é falta de sorte e infortúnio conviver com essa gente.

O pior é que pessoas dessa estirpe não suportam o isolamento mas mesmo que seja só para perturbarem o ambiente, procuram a convivência dos outros.

Para agüentá-las, é preciso que cada um se enriqueça das entranhas de Jesus Cristo, que se revista de heróica caridade e paciência.

Só é o que se nos impõe a fazer com essa gente que tem infelizmente: O gosto de tumultuar.

Crônica das 12
Hoje, *sob o título*: A Beleza da Conformidade Cristã.

A crônica de hoje é a resposta a uma carta do dia 29 de junho, que recebi do Sítio "Mundo Novo" município de mãe d'Água

A carta é de Marilene Lopes, filha de Manuel Lopes e de Dona Esmerina Davi.

Marilene pedia-me uma crônica em louvor aos seus 16 anos de idade,

Como não faço crônica de aniversário propriamente dito e como a minha missivista esqueceu de por na epístola a data do seu nascimento, reservei-me o direito de escolher, como matéria para a consideração de hoje, aquilo que julguei mais valioso.

Marilene é paralítica de uma perna, desde a idade de 7 anos, mas nunca perdeu a perfeita conformidade com a sua situação pessoal.

É essa resignação heróica que admiro e quero exaltar nesta crônica.

A resignação, imagem da cruz de Jesus Cristo, também apresenta duas hastes.

A haste horizontal representa a dimensão terrena dos acontecimentos humanos, enquanto a outra haste, aquela que se apruma para o céu, expressa a sublime conformação da nossa vontade com os desígnios de Deus. Por isso, a resignação é uma perfeita crucificação, dá-nos uma nítida semelhança com o Divino Crucificado.

É essa heróica conformidade, Marilene, com a vontade de Deus, de que você fala em sua carta, que lhe dá beleza e mérito à vida.

Você, sim, Marilene, pela coragem da aceitação, é que pode considerar-se bonita de alma e nobre de espírito, que outra cousa não é uma mocinha de 16 anos perfeitamente resignada com a situação pessoal, de que você é portadora.

Em circunstância idêntica à sua, talvez outra ficasse complexada, desperdiçando a riqueza de merecimentos, que você acumula dia a dia.

Continue, Marilene, serena e alegre no seu heroísmo, transformando o peso da sua vida no próprio peso da sua glória.

Desse modo, ao invés de louvor aos seus 16 anos, quero enaltecer em você: A beleza da conformidade cristã.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Força de Resistir

Empolgados pelo que contemplamos de realizações e êxitos, damos ordinariamente mais valor à força de agir do que à força de resistir, quando esta muitas vezes é mais fibra do que aquela.

Sobretudo para os temperamentos ativos, dinâmicos, é mesmo agradável iniciar empreendimentos, realizar tarefas, executar obras.

Para quem gosta de agir, é excitante trabalhar, a ação é uma espécie de desdobramento de si mesmo, as obras constituem como uma geração continuada e ininterrupta de filhos diletos.

O suor permanece salgado mas, como nas comidas, dá tempero, sabor agradável, à vida.

No entanto, mesmo nesses indivíduos ativos, dinâmicos, quando, em certas circunstâncias, só há lugar para aceitação do desafio de dificuldades, vindas de pessoas ou cousas, falha a têmpera da resistência, a força de garantir as mesmas posições conquistadas.

Brilha nesses indivíduos um alto nível de capacidade de ação, até de afoiteza de realizações, mas lhes escasseia a fibra da resistência, quando desafiados por circunstâncias adversas, por forças contrárias.

É nessas oportunidades que se põe à prova a paciência, a bravura do herói que, no campo de batalha, embora ferido, vai levando tudo de vencida, do que a valentia do mártir que, paciente e resignadamente, desassombrada e inquebrantavelmente, aceita o desafio do holocausto da própria vida.

No primeiro caso, esplende, formosa e nobre, a força de agir; na segunda conjuntura, fulgura, augusta e sublime, a força de resistir.

Quase todos sabemos, por experiência própria, que custa mais suportar uma doença, uma dor ainda repentina, a perda de um ente querido, uma decepção amarga, um torturante insucesso, uma injustiça ou humilhação, do que realizar um trabalho mesmo pesado, executar uma tarefa mesmo cansativa, levar à frente uma iniciativa mesmo ousada.

Não há duvida é de veras valiosa, em qualquer circunstâncias: A força de resistir.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Custa Recuar

Como nos outros embates, na luta de vida, é duro recuar.

Como nos outros caminhos, na estrada da vida, constrange recuar.

É que quem luta, quer obter a vitória; quem caminha, quer ir para a frente; e o recuo é um sinal, pelo menos, temporário, de insucesso ou retrocesso. Por isso, incomoda ou, mesmo, atordoa recuar.

Ninguém nega que haja os recuos estratégicos, em que a volta às posições anteriores representa uma astúcia, um recurso incômodo mas inteligente de obter o êxito ou retificar o caminho que ia errado.

Nesses casos, a nova visão do triunfo ou do acerto compensa o constrangimento do recuo.

Se as cousas saem a contento, se, nas novas condições, a luta promete favorável ou o caminho certo é reencontrado, tudo assume sabor de vitória.

O recuo, nessas circunstâncias, passa a ser uma estratégia de triunfo, um esforço árduo mas brilhante de vencer ou de ir para frente.

O difícil e o mais doloroso é quando é imprescindível retroceder por causa do desacerto ou desatino das nossas tomadas de posição.

Quando se torna imperiosa a reformulação da nossa conduta, porque reconhecemos o erro, em que incidimos e somos solicitados a continuar – é torturante o recuo, embora, uma vez realizado, sintamos a euforia de uma vitória íntima da consciência e contemos com o aplauso dos outros.

Na verdade, por mais renúncia que exija, custa menos evitar o mal do que abandonar a sua prática.

Arrepiar o caminho, de volta, quando já se vai bem avançado, exige mais da gente do que recusar o impulso forte de começar a perlustrá-lo.

Sempre renúncia e vezes, heroísmo é o retroceder de certas situações, criadas com exultação íntima e vivenciadas com

ardoroso empenho mas erradas, desatinadas.

Nessa conjuntura, quando é imperiosa a volta, quando se impõe retificar o caminho de vida, quando se exige a renúncia a hábitos já arraigados, quando é impreterível, com humilhação ou brilho, reformular o comportamento – não há dúvida, ninguém minimize o sacrifício, ninguém regateia o aplauso, porque, nessa circunstância, realmente: Custa recuar.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Os Riscos da Confiança

Grande cousa é a confiança tanto para aquele que realmente a merece como para aquele que encontra outro, em quem pode depositá-la, sem receio.

A confiança é uma espécie de entrega de si mesmo, por isso, exige, em resposta a tal largueza, seriedade e lealdade; por isso, repele a hipocrisia e a traição.

Quem entrega ao conhecimento e aos cuidados de outro os seus problemas, os seus interesses, os seus propósitos e, especialmente, os seus segredos íntimos, faz um destelhamento do seu interior, revelando a face real, límpida ou enrugada, da sua alma ou consciência, com que uma arma poderosa contra si mesmo põe nas mãos do seu amigo ou confidente.

Claro que quem assim procede, age coagido por uma necessidade imperiosa ou urgente de alívio ou de apoio mas atitude é essa que, a não ser por força de uma firme confiança, se afigura imprevidente, imprudente ou, mesmo temerária.

Só diante de Deus, é que, em total abandono, nos podemos por a descoberto. Fazê-lo entre nós mesmos, corre sempre um risco, salvo se se encontra um verdadeiro amigo, cousa difícil e rara de encontrar.

O custoso é descobrir alguém, diante do qual, sem temores, podemos abrir, de par em par, todas as janelas do nosso coração, dando-lhe a conhecer, em nudez moral, a nossa fealdade ou beleza.

Fazê-lo precipitadamente é ingenuidade, porque há sempre, por parte do outro o perigo do fingimento e o risco da deslealdade.

Vale aqui a sabedoria do povo que nos lembra que não devemos confiar em alguém, antes de comer um litro de sal com ele, isto é, antes de privar com ele cuidadosa e demoradamente, observando-o, estudando-o, fazendo provas.

Mesmo assim, há gente de tal modo envolvente e manhosa que, depois de comer uma cuia de sal com ela, ainda nos engana.

É agradável e reconfortante confiar mas estão sempre presentes: Os riscos da confiança.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Olho no Caminho

Esta expressão do nosso linguajar comum – o olho no caminho – pode ser tomada em duas acepções diferentes. Ora significa a prudência de viver, em que agimos, tudo encaminhado no sentido da nossa finalidade, do nosso fim último. Ora sugere certo apavoramento, com que, receosos, nos prevenimos contra a possibilidade de risco ou de qualquer surpresa desagradável.

No primeiro caso, cautelosos, procedemos com inteiro senso de responsabilidade, certos de que, dos nossos atos praticados, da conduta que tivermos levado na vida, dependerão os nossos êxitos no tempo, a nossa glória ou ruína eterna.

Quem age na convicção de que um dia, a um tribunal de última instância, portanto de veredicto inapelável, prestará severas contas de todas as suas ações e atitudes, se é sensato, não pode deixar de viver de "olho no caminho", o que vale dizer, com o pensamento sempre voltado para Deus, seu supremo julgador.

Só para uma referência à palavra do Senhor sobre essa prudência do "olho no caminho", ao olhar fixo no futuro, do pensamento em nosso fim último, que se lembrem as advertências do Evangelho: - "guardai tesouros para a vida eterna, tesouros que o tempo não gasta, a traça não estraga, o ladrão não rouba", o que se deve entender das boas obras é isso porque, ainda o Evangelho: - "que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se ele vier a sofrer detrimento em sua alma".

Por assim ser, recomenda o Divino Mestre: - "Vigiai e orai", o mesmo que aconselhasse vigilância, prudência e fortaleza, o mesmo que dissesse: tende sempre "o olho no caminho".

"O olho no caminho", que é prudência e sabedoria, é para cada um de nós orientar a conduta pela estrada real da vida, no rumo da nossa destinação eterna.

No segundo caso, "o olho no caminho" é acautelar-se para surpreender, ainda em tempo ou à distância, a possível presença de testemunha do que se está fazendo ou de um vingador certo ou presumível.

Embora sejam bem diversas as razões que, nos dois casos, inspiram a atitude, de sabedoria em uma e de receio em outra, em ambas as circunstâncias vale por vigilância e prudência: O olho no caminho.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Guerreiro da Fé.

Na ausência do Sr. Bispo Diocesano, Dom Expedito Eduardo de Oliveira, sob cuja responsabilidade está, aos sábados, "A Voz do Pastor", apresento hoje, preenchendo o horário, esta crônica sobre a Festa de São Sebastião, a transcorrer amanhã, dia 20 de Janeiro.

São Sebastião, santo de grande devoção popular e patrono de uma das paróquias da nossa cidade, é uma das mais belas e nobres figuras do martirológio da Igreja.

Estendo o meu louvor e a homenagem da Rádio Espinharas a todas as paróquias e capelas que, na Diocese e no Nordeste, o têm como orago ou titular.

Junto a minha voz a milhares de vozes cristãs que, especialmente amanhã, enaltecem a beleza da sua vida e o esplendor do seu heroísmo, agradecendo favores recebidos e graças alcançadas.

São Sebastião é uma rica personalidade de múltiplas e formosas facetas.

Foi valente pelas armas e mais intrépido ainda pela fé.

Numa época de tanto esmorecimento e vacilação, bem que é ele um perfeito paradigma para todos nós.

O seu valor militar só foi superado pela sua coragem cristã.

Na hora suprema da opção, mesmo com a certeza do sacrifício da sua vida, guardou a adesão e a fidelidade a Jesus Cristo, renunciando a tudo, com que de brilhante lhe acenava a carreira das armas.

O seu batismo de sangue tem a beleza sublime de um rasgo de heroísmo.

Se nunca se acovardou no combate, não vacilou um só instante na confissão da sua fé.

A última luta, que decidiu para sempre da sua glória imarcescível, aceitou-a com a fibra inquebrantável dos fortes.

O seu destemor de soldado consagrou-o como o guerreiro da fé.

Se não negaria o sangue à Pátria, não a negou a Cristo que

o iluminou e inflamou.

O preço do seu heroísmo valeu-lhe a honra dos altares e a perpétua veneração da cristandade.

O seu exemplo é um incentivo incessante para o revigoramento e defesa da fé.

A fé iluminou-lhe o espírito todo e enobreceu-lhe toda a vida.

Os séculos passaram mas o exemplo que nos deixou, tem a juventude perene das cousas eternas.

Quantos cristãos, animados pela valentia da sua fé, também deram a vida e o sangue por Jesus Cristo!

E quantos não aderiram à fé, atraídos pela beleza do seu gesto e dominados pela força do seu convencimento, confirmando o que do martírio dissera Tertuliano que "o sangue de um mártir é sementeira de novos cristãos"!

É que, diante do grande Guerreiro da fé, não há lugar para a covardia nem para a dúvida.

A sua atitude desassombrada convence e empolga, ajudando-nos a ser fortes mesmo diante do sacrifício.

O martírio cristão não aterroriza, arrebata, porque é um sinal palpável da presença de Deus no homem.

São Sebastião é um generoso e fulgente testemunho de Jesus Cristo.

O seu martírio rejuvenesceu a cristandade do seu tempo e aformoseou para sempre a Igreja de Deus.

Ainda hoje o veneramos com o mesmo ardor e embevecimento, com que o fizeram os seus contemporâneos nossos irmãos na fé.

Para o poderoso Protetor contra a peste, fome e guerra, reservemos um lugar de destaque entre as nossas mais ardorosas devoções.

Já que temos a sorte e alegria de possuirmos uma das quatro freguesias da nossa cidade a ele dedicada, procuremos expressar amanhã o nosso louvor e as nossas homenagens, tomando parte pessoalmente em todas as solenidades e festejos, com que a Paróquia do Padre Valdomiro celebra a glória do Senhor, exaltando: O Guerreiro da Fé.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Retiro de 74

Em conjunto, é que ultimamente vinha sendo feito o retiro anual dos dois cleros diocesanos de Patos e Cajazeiras.

Este ano, por certa circunstância de tempo, realizou-se separadamente o nosso recolhimento espiritual.

Cajazeiras fez o seu retiro imediatamente após a Semana Santa.

O nosso termina hoje, à 19:00 horas, com a concelebração na Catedral de Nossa Senhora da Guia.

O pregador do retiro, que é Dom José de Medeiros Delgado, arcebispo resignatário da arquidiocese de Fortaleza, tem sido muito seguro e feliz na colocação dos temas, na apresentação das verdades, para meditação, enriquecendo os seus preciosos ensinamentos com a sua longa vivência pastoral.

Foi mesmo luminoso no sugerir e expor de duas teses: a perenidade da revelação e a humildade no pecador e no santo.

Sem minimizar o valor incontestável da palavra escrita e da tradição, mostrou-nos com lucidez o aspecto estático e dinâmico da revelação.

Comumente, ressaltamos mais o aspecto estático de uma revelação já feita, parada, sem a sua atuante continuidade.

Cristo, Verbo Encarnado, é o grande mistério da revelação de Deus mas isso não parou no tempo e no espaço.

Jesus Cristo, por sua graça e sob a ação do Espírito Santo, continua a agir e a revelar-se em cada um de nós que compomos o seu corpo místico e, extensivamente, em todos os homens e nos acontecimentos.

Essa perenidade operante de Cristo permanentemente revelada nos homens é que nos convence das riquezas admiráveis, dos tesouros de sabedoria, manifestados em cada pessoa, por mais modesta ou humilde que seja.

Ele mesmo afirmara: - "Eu vim trazer o fogo à terra e outra cousa não quero senão que ele arda", que ele se alastre. Incêndio que não é só chama de amor mas igualmente centelha de verdade, revelação permanente de Deus.

Fogo que para, apaga-se; Incêndio que não se alastra, ex-

tingue-se.

O incêndio que Cristo ateou no mundo e com que inflama as almas, não parou no tempo, restrito a uma época histórica da humanidade. Continua vivo e flamante em todas as dimensões da história do homem.

Essa perenidade da revelação em nós dá uma nova beleza e um novo fulgor ao mistério de Cristo, no relacionamento constante entre Deus e o homem. E isso o pregador demonstrou com maestria e segurança.

É realmente uma tese cintilante de formosura cristã.

A outra grande verdade, oferecida aos sacerdotes para meditação pelo pregador, foi a virtude da humildade na dupla colocação nos pecadores e nos santos ou seja nas suas fases de ascensão para Deus.

A humildade, que é o fundamento e garantia de todas as virtudes, firma-me na verdade e na justiça.

Humilde não é aquele que deixa de ver o que existe em si, seja a beleza ou a fealdade, o brilho ou as trevas, a grandeza ou a miséria. Humilde é aquele que reconhece, pela verdade, o que realmente possui e, pela justiça, atribui a si o mal e todo bem a Deus.

Na marcha do retorno a Deus pelo reconhecimento da sua maldade, o pecador já revela Cristo, manifestando-se e agindo nele.

Na medida, em que cresce no pecador a sua humildade pelo arrependimento, aumenta em sua alma o brilho da presença do Senhor. É uma manifestação de Jesus Cristo, perenizando e dinamizando a revelação.

Isso na primeira fase da humildade, pois, na segunda, já no santo, é ela que, desgastando as asperezas ou impedimentos humanos, dá garantia a uma permanente união com Deus.

O Sr. Arcebispo Dom José de Medeiros Delgado enriqueceu a exposição das idéias inserindo-as praticamente na vida de grandes pecadores da Antiga Aliança e do tempo de Jesus Cristo, entre eles, deu destaque ao Rei-Profeta Davi e à Samaritana.

Ambos desceram enormente pelo pecado mas os dois se ergueram fulgurantemente pela humildade.

A humildade revelou neles concretamente os atributos divi-

nos da sabedoria, da misericórdia e do amor.

Perenizando a revelação, Deus se manifesta no pecador, falando-lhe à mente e acenando-lhe ao coração para a volta.

Nos santos, destina-se a humildade a desgastar as arestas rijas da natureza humana, para que se opera uma união mais íntima e sempre crescente com Deus.

No dinamismo e perenidade da sua revelação, nos homens, Deus se manifesta nos santos de todas as épocas, através de qualquer moção da graça e de qualquer inspiração de virtude.

Para subir até a surpreendente humildade de Cristo, Homem-Deus, o pregador enfocou a imagem humana sobrenaturalizada daquela que é o paradigma, o modelo inexcedível mas acessível para todos os humildes – a Virgem Maria.

Maria Santíssima é a explosão suprema da humildade, por isso também, o modelo supremo máximo da santidade, de união íntima com Deus.

Idéias tão másculas e fecundas, tão candentes e fulgurantes, marcarão profundamente o espírito dos nossos sacerdotes, impulsionando-os a uma calorosa vivência pastoral.

Estamos sinceramente agradecidos ao Sr. Dom José de Medeiros Delgado pelos ricos e fecundos ensinamentos que nos transmitiu, tornando realmente esplêndido: O retiro de 1974.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Força do Sentimento da Pátria

Não é propriamente sobre o patriotismo que desejo falar mas pretendo referir-me apenas ao dinamismo permanente que ele possui e esconde sob a sua aparência de tranqüilidade.

Todos temos amor à nossa Pátria mas vivemos sossegadamente no País sem explodir em constantes vibrações.

Certo que, nas festas cívicas, ao ouvirmos os acordes do Hino Nacional, os feitos brilhantes dos nossos heróis, referências elogiosas à Nação, ou diante do convencimento dos avanços do nosso progresso, nos ferve o sangue nas veias e nos afogueia a face mas isso não chega a instantâneas e coletivas manifestações de ardoroso entusiasmo.

Certo também que, no Brasil, o futebol é o esporte apaixonante das multidões mas, nos encontros dentro dos estádios ou nas partidas interestaduais, o fervor das ovações e do júbilo não contagia o povo, de modo geral, circunscrevendo-se à torcida de cada time e ao recinto dos clubes.

Como em família tudo se conversa, de tudo se fala, igualmente ora louvamos ora censuramos as cousas do País e o fazemos pacificamente, sem azedumes e sem exaltação, conservando intacto o nosso patriotismo, pois, na verdade, é por ele que tanto louvamos como censuramos.

No entanto, quando se trata de uma copa mundial do futebol, de encontros, em que se mede a grandeza nacional do esporte e em que entra em choque o interesse comum do País, como a cousa muda de repente e fundamentalmente!

O que era sentimento permanente e tranqüilo em cada um, transfigura-se, por encanto, em explosiva manifestação de incontido entusiasmo de todo um povo.

Ninguém mais distingue quem é aficionado pelo futebol ou quem não o suporta, porque todos, fraternalmente enlaçados por um ardente apaixonamento pelo País, exultam, do mesmo modo: agitam-se, levantam-se, sorriem, abraçam-se, gritam!

Crianças, rapazes, moças, homens sisudos, matronas respeitáveis, velhos de barba branca, todos viram, num instante,

meninos de pelada.

Que é um gol num cotejo de futebol? Uma cousa, corriqueira. No entanto não foi assim que aconteceu quarta-feira, dia 26, com o tento marcado pelo Rivelino no jogo da nossa seleção contra o selecionado da Alemanha Oriental.

Formada a barreira germânica, parte Rivelino para a bola, dispara o canhonaço, estoura o gol e uma nação inteira vibra incontida e exultante.

Ninguém se contém, ninguém se reserva, ninguém se controla e todos se agitam e todos exultam e todos se eletrizam e todos explodem numa ovação de aplauso e de júbilo.

Não são indivíduos, não são grupos, não são populações, não são estados, é o País todo que, de instante, se contagia febrilmente de entusiasmo e de alvoroço cívico e tudo dobra ainda de flamante ardor, quando o apito do árbitro estrila, confirmando a vitória do Brasil.

Não é possível um contágio coletivo de tamanha proporção formado de repente, sem um lastro anterior que o enseje, proporcione e justifique.

Como sentimento, o patriotismo, por mais profundo e forte que seja, é um estado afetivo permanente, duradouro, mas tranqüilo, enquanto a emoção é um estado afetivo explosivo e intenso, embora passageiro ou pouco duradouro.

Acontece, porém, que as atitudes emocionais mais impetuosas e dominadoras são justamente aquelas que já supõem, como lastro anterior, um sentimento forte e profundamente arraigado.

Sabemos todos do domínio que exerce sobre nós o patriotismo que, em certas circunstâncias, vence o nosso próprio instinto de conservação, uma vez que morremos generosa e heroicamente pela Pátria.

Isso explica a explosão de júbilo coletivo da última quarta-feira, pois, num certame ou campeonato mundial, qualquer que seja a sua natureza, entra em choque o brio nacional, o orgulho de nação.

Mais do que a vitória da nossa seleção, víamos o triunfo vibrante do Brasil. Era o orgulho de si mesma que a Nação sentia e daí vibrarmos todos sem distinção.

É sobretudo por essas grandes manifestações coletivas que se reconhece: A força do sentimento de Pátria.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Esperança ou Dúvida?

Há gente que confunde esperança e dúvida, não distinguindo com exatidão os dois estados de espírito.

A dúvida é o pêndulo que oscila entre os dois extremos, entre os prós e os contras sem inclinar-se mais para um lado nem para o outro.

Na dúvida, propriamente, ninguém toma decisão, permanece vacilante.

Em nossa conduta moral, impõe-se retirar a dúvida, para que possamos agir com acerto. Antes desse esforço, não se deve agir. Se é baldado o esforço, porque se permanece na dúvida, então é preciso retificar a consciência, argumentando de si para si que o que é duvidoso não obriga. Daí por diante posso tomar qualquer um dos dois lados.

Na verdade, diante de dois caminhos, sem saber qual é o certo nem qual é o errado, quem, por sorte, seguir o primeiro, muito bem mas quem, por infelicidade, tomar o segundo, não tem culpa.

O que caracteriza a dúvida, é a situação de igualdade entre os prós e os contras. É isso que ocasiona a nossa vacilação no agir.

Se mesmo ainda receoso de um lado, eu me incline para o lado contrário, por descobrir nele razões mais ponderáveis, então já me encontro em outro estado de espírito, que é a opinião.

Se decididamente eu tomo um dos dois lados, sem nenhum temor do contrário, estou num terceiro estado de espírito, a certeza, que é o firme assento da mente à verdade, à cousa.

A esperança tem das três situações do espírito um pouco, sendo mais da certeza. No entanto é diferente das três, apresenta as suas características próprias.

A dúvida, a opinião e a certeza podem referir-se ao passado, ao presente e ao futuro, enquanto a esperança só se relaciona com o porvir.

As três podem colorir-se de alegria ou de tristeza; a esperança é sempre jubilosa e festiva.

Não existe esperança triste, pois isso se chama receio, temor, *apreensão.*

A esperança é benéfica, tonificante, embora não em plenitude. A dúvida é torturante; a opinião não retira toda a angústia; e a certeza é um sentido total, urubu ou colibri.

A esperança, enquanto esperança, é sempre promissora, não se transforma em decepção, pois na medida, em que esta aparece, aquela se some.

A esperança é a certeza antecipada de uma cousa boa e alegre que ainda está por vir, que se aguarda.

Só por ser uma certeza antecipada, pode ceder, na realidade, o lugar à decepção mas nela não se converte, porque antes desapareceu, se extinguiu, acabou.

Claro que nada mais amargo do que vê morrer uma esperança e essa amargura cresce na medida de vigor da esperança e da importância da cousa esperada.

O apagar das luzes de uma esperança é como o desfazer-se de umas núpcias felizes de espírito, o pranto de uma viuvez.

Sem, pelo menos, uma nesga de esperança, de tão valiosa e indispensável que ela é, ninguém agüenta viver, porque cairia no desespero total.

Pensando bem nessas considerações, gostaria de saber se, na alternativa inquietante, que se nos apresenta o que temos, a respeito do inverno, é: Esperança ou dúvida?

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Dúvida Atormenta e Sobressalta.

Pelo que a dúvida inquieta e aflige, concluímos que o ser humano foi feito para a verdade e para a certeza.

A dúvida, em si, é sempre torturante, porque nem de um lado nem do outro dá segurança. De lado positivo, não chega a firmar uma nesga de esperança e, do lado negativo, ameaça sempre com a decepção, o insucesso ou infortúnio.

Quando o nosso estado de mente se inclina mais para um lado do que para o outro, a dúvida deixa de ser dúvida para transformar-se ou na esperança do bem ou na certeza do mal.

A dúvida é lâmina cortante que não desvia o seu gume nem para uma banda para aliviar a outra nem para a primeira para amenizar a segunda. Enterra-se inteira em nosso espírito e é sempre cortante.

Navalha a alma, atassalha a sensibilidade, dilacera a pessoa toda.

Se há estado de espírito, de que , ordinariamente, não se consegue fugir, é a da vida. Sossega-se a aspiração, modera-se o anseio, abandona-se a esperança, refreia-se a decisão, amolece-se a opinião, desvigora-se a certeza mas da dúvida ninguém consegue fugir, porque nem sossega nem modera nem amolece. É sempre atormentadora.

Pode, sim, retirar-se, desfazer-se ou acabar a dúvida pela presença da certeza em um dos dois lados mas a dúvida, enquanto dúvida, é permanente e inalterável.

Rigorosamente, não há mais dúvida ou menos dúvida, existe apenas dúvida.

Em relação à verdade das cousas, a dúvida é certo maldito fiel de balança emperrada, em que nem a mercadoria desce nem o peso sobe. Se uma concha se inclina, é a opinião; se a outra concha baixa toda, é a certeza; mas a dúvida continua o maldito ouro e fio da balança, sem diferenças, sem inclinações, impertinente, agressivo, intolerável.

Para a dúvida, em face da consciência moral, há o recurso não de exterminá-la mas de abrir um roteiro de conduta, retifican-

do a consciência.

Sirva de exemplo o caso, em que uma pessoa está em dúvida se cometeu uma falta ou não cometeu, se pecou ou não pecou.

Procura seriamente retirar a dúvida mas não consegue. Então retifica a consciência, argumentando que, se a dúvida não obriga a tomar este ou aquele lado, a seguir este ou aquele caminho, pode escolher qualquer um dos dois: que pecou ou que não pecou.

Como ninguém vai escolher o pior, pode concluir que não pecou e seguir tranqüilamente o seu caminho.

No entanto a dúvida, enquanto permaneceu dúvida, inquietou, afligiu.

Em face da consciência psicológica, se a certeza não surge, o jeito mesmo é agüentá-la martirizante.

De qualquer maneira e em qualquer circunstâncias, pelo receio e pavor que sempre sugere, é válido todo esforço de evitá-la porque realmente: A dúvida atormenta e sobressalta.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Mais uma Homenagem à Família

É a família o assunto que mais me empolga nestas crônicas e sobre que mais vezes tenho tratado, direta ou indiretamente.

E o faço, certo da sua validade, pois nenhum outro se apresenta mais oportuno e palpitante para considerações, sobretudo nos dias atuais, quando surgem tantas ameaças contra o santuário no lar.

Desta vez, volto ao tema preferido em homenagem aos cinqüenta anos de núpcias do casal Antônio Luís da Silva – Benigna Lopes de Sousa e também num louvor especial à festa litúrgica da Sagrada Família de Nazaré, que ocorreu no último Domingo, dia 28.

Jesus, Maria e José são os modelos exponenciais desta trilogia admirável que estrutura organicamente o nobre e harmonioso conjunto do lar: pai, mãe e filhos.

Em Nazaré, encontra a família cristã e a família humana a sua imagem perfeita e plena, numa configuração total de direitos e deveres recíprocos.

Jesus, o filho de Deus; Maria, a mãe virgem; e José o pai nutrício, ensinam-nos que a família, na sua dimensão autêntica, não são apenas esposos que se arrogam todos os privilégios e direitos.

Pai, mãe e filhos é que constituem harmonicamente e legitimamente a família.

Daqui, toda tentativa de desvincular os três é uma violência contra a unidade institucional da sociedade doméstica.

Assim, em princípio, é condenável não só o divórcio mas igualmente o desquite ou qualquer outra fórmula que resulte na separação dos três, o que vale dizer, da dissolução da família.

A lei não deve estar sujeita a interesses particulares nem tão pouco amoldar-se a caprichos e imprudência de ninguém.

A lei é a reta ordenação da razão para o bem comum, reta luminosa que não admite curvas nem linhas quebradas que prejudicariam o seu inflexível encaminhamento para o bem da coletividade.

Se a maioria ou quase totalidade dos casos de incompatibilidades *domésticas* procede da precipitação ou leviandade na escolha, que se fazem os candidatos ao matrimônio – abrir válvulas na lei seria incentivá-las e, consequentemente, multiplicá-las.

Se, em todo contrato jurídico, cada um responde, suportando as conseqüências decorrentes, por sua irreflexão ou imprudência, por que, no mais vivencial de todos os contratos jurídicos que é o matrimônio, há de amolecer o rigor da lei?

Se o terreno ou a casa, que imprudentemente vendeu, ninguém recebe de volta ou outros, de presente, em seu lugar – por que, só no caso da família, há de ter o homem ou a mulher o direito de receber, respectivamente outras esposas ou esposos?

Que culpa tem a lei pela imprudência de candidatos ao matrimônio, que fazem a sua preferência levados apenas pelo enlevo de dotes físicos mas esquecidos do valor mais alto dos predicados morais?

Um esposo ou uma esposa não são objetos ou animais de estimação que perdem a sua importância, a partir do momento que deixaram de merecer o calor da estimação.

A família é uma sociedade por sinal a menor e a mais bela, instituída e constituída, com vivência específica, nobre destinação e caráter irrevogável de permanência.

Se assim não fora, o seu próprio autor divino teria inicialmente insinuado as concessões e aberturas.

O que se impõe, é dar um sentido mais acentuado de seriedade ao lar, a fim de que os candidatos ao matrimônio sejam mais precatados na sua escolha ou preferências.

Não existem tantos lares felizes, como o que hoje merece a nossa homenagem e que durante cinqüenta anos, por uma vida honrada e virtuosa, soube impor-se ao respeito e admiração de todos?

Pergunte-se ao casal Antônio Luís da Silva e Dona Benigna Lopes de Sousa qual o segredo da sua venturosa existência no lar durante estas cinco décadas.

Os dois responderão, de pronto, que foi inicialmente o acerto da escolha e, posteriormente, o afeto mútuo e a compreensão recíproca que nunca deixaram de ter, a dignidade e a virtude com que sempre viveram e o senso de responsabilidade sobre a gran-

deza da vida em comum que abraçaram.

Quando são bem intencionados, os esposos, as dificuldades que o amor sozinho não consegue desgastar ou contornar, a graça do sacramento ajuda a vencê-las.

O lar não é uma gaiola doirada de aves sôfregas de liberdade, que sentem a angústia do confinamento, mas, sim, um canteiro florido de roseiras felizes que enlaçam os seus ramos para florir juntas e aumentar o perfume que trescalam.

Uma vida a dois impõe o crescimento moral e espiritual de ambos, o que valoriza a felicidade de cada um, pois, no lar só os dois são felizes ou um só não é feliz.

Por serem ambos venturosos, é que, na celebração das suas bodas de ouro de casamento, Antônio Luís da Silva e Dona Benigna Lopes de Sousa recordam emocionados e jubilosos os seus cinqüenta anos de vivência no lar.

O Sr. Antônio Luís da Silva que é proprietário no município de Malta, nasceu no dia 10 de dezembro de 1901, em Alagoa Nova, no Sítio "Camuca", vindo posteriormente residir com seus pais na Propriedade "Suécia", em Patos, e, em seguida, no então Distrito de Malta, município de Pombal.

Casou, no dia 2 de dezembro de 1925, com Benigna Lopes de Sousa, residente no Sítio "Ipueira dos Lopes" na residência dos pais da nubente.

Assistiu ao enlace matrimonial o Cônego José Viana, já falecido.

Nasceram do casal oito filhos, criando-se sete.

Além dos filhos, tem, como descendentes, 48 netos e 10 bisnetos.

No dia 2 do corrente, foi celebrada, na matriz de Malta, pelo Cônego Acácio Cartaxo Rolim, vigário da paróquia, missa em ação de graças, parabenizando o distinto casal, presto: Mais uma homenagem à família.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Mão, que Planta o Lírio, Colhe-o, quando Perfumado

Temos o hábito negativo de só olharmos e insistentemente para o lado ruim da humanidade, esquecendo as marcas de beleza e os toques de sublimidade que a enobrecem e aformoseiam.

Preferimos ver a mesquinhez a descobrirmos espíritos generosos; andamos à cata de negras traições em lugar de enaltecermos a lealdade de tantas almas límpidas; espantam-nos braços cruéis que se levantam para o extermínio de vidas, ao invés de nos surpreenderem mãos estendidas, de onde instila o óleo divino da caridade; entedia-nos a visão do ódio entre pessoas, sem que nos alegrem as bonitas perspectivas do amor entre os irmãos; revolta-nos o orgulho, que espezinha ou esmaga, quando nos deveria atrair a humildade, que ajoelha para ficar mais perto de Deus e mais alta diante dos homens; melhor do que nos angustiarmos com os caminhos do mundo, recobertos de urzes e espinhos que nos fazem sangrar os pés – é contemplarmos a terra, enfeitada de lírios que perfumam a humanidade.

Substituamos gatunos por honestos; perversos por justos; malfeitores por santos e teremos, da vida e da humanidade, uma visão mais bela e nobre.

Ponhamos, em cada recanto do mundo, um Francisco de Assis; em cada país, um Vicente de Paulo; em cada porção do cristianismo uma Teresinha de Jesus; em cada comunidade religiosa, uma Estanislava Dantas - e reconheceremos na terra novas maravilhas de Deus.

É como se o Criador adornasse o universo de outras galáxias, de outras constelações, de outros sóis, de novos brilhos.

Isso é sobretudo válido, quando tem razão Elisabete Leseur que, num instante de luminosa inspiração, disse: - "Uma alma que se eleva, eleva o mundo".

São estas as considerações que nos veem à mente na comemoração do trigésimo primeiro dia do falecimento, na cidade de Caicó e no Colégio "Santa Teresinha", da Irmã Estanislava Dantas da Congregação das Filhas do Amor Divino.

Se santo não é só aquele que faz milagres mas, autenticamente, todo aquele que, no cumprimento das suas tarefas específicas, tem plena integração em Cristo, podemos afirmar, sem exagero, que Estanislava Dantas viveu e morreu em odor de santidade.

Segundo o testemunho unânime das suas co-irmãs, que com ela conviveram em diversas casas da Congregação e lhe acompanharam o desempenho impecável dos encargos que ocupou – tal era a sua conduta retilínea e o acendrado devotamento à vocação religiosa que só de uma alma realmente santa poderiam proceder.

Se a alguém escandalizou mas isso no sentido positivo da admiração reverente, foi pelo aprimorado cuidado no aprumo do comportamento, na correspondência total à graça eleita que recebeu.

Na configuração da sua vocação religiosa, ela entendeu, na verdade e perfeitamente, que a Deus ninguém se doa pela metade, a Deus ninguém se dá aos pedaços. Deu-se generosamente toda. Por isso, foi a santa que foi.

A irmã Estanislava Dantas, que nasceu em Acari, no dia 17 de setembro de 1921, era filha de João Batista Dantas, já falecido, e de Dona Maria Margarida Dantas, ainda viva.

Entrou para a Congregação das Filhas do Amor Divino na cidade de Açu, no dia 24 de julho de 1944, onde recebeu o hábito em 25 de janeiro de 1945.

Fez o noviciado na casa e colégio da Congregação de Palmeira dos Índios, Alagoas, de 1945 a 1946, quando proferiu os seus primeiros votos, em Deus.

Sua consagração perpétua teve lugar no dia 2 de fevereiro de 1953.

Residiu sucessivamente nas casas religiosas da Congregação de Açu (duas vezes), Palmeira dos Índios, Currais Novos (duas vezes), Caicó (duas vezes) e São Gonçalo, Rio Grande do Norte.

Por motivo da idade avançada e da saúde precária de sua mãe, viúva, veio, para dar-lhe assistência, residir, a partir de 1971, no Colégio "Santa Teresinha", de Caicó, onde faleceu no dia 16 de julho último.

Tinha dois irmãos: o Pe., João Agripino Dantas, ilustre sa-

cerdote da Diocese de Caicó, a quem devotava extremoso afeto fraternal, tratando-o familiarmente do "Nego Velho", e a Irmã Olímpia Dantas, religiosa também da Congregação das Filhas do Amor Divino, atualmente residindo no Rio de Janeiro, e que, por vários anos foi secretária do nosso Colégio "Cristo Rei".

Alma límpida e lirial, tinha um carinho fervoroso para com as crianças, a quem preparava esmeradamente para a Primeira Eucaristia. Estimava os pobres e os doentes, objetos prediletos da sua inflamada caridade.

Entre os diversos cargos que exerceu, era mestra de pintura e pintora ela também.

Em tudo que fez na vida e por onde passou, deixou a marca brilhante da sua santidade.

Foi um anjo de pureza e de bondade. Foi uma chama ardentíssima de amor a Deus.

Quase diria: por ela não devemos pedir mas, sim, a ela devemos pedir.

Ao invés de renovar as minhas condolências, tenho mesmo o impulso de dar os parabéns ao meu ilustre colega, sacerdote, e a Dona Maria Margarida Dantas, sua mãe querida.

Assegurado o seu fulgente peso de glória eterna e já tendo trescalado bastante, pela terra, pela Igreja e por toda a sua Congregação, o odor suavíssimo das chagas de Cristo, só restava mesmo dizer, em referência ao Senhor: A mão, que planta o lírio, colhe-o, quando perfumado.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Os Talentos ou Habilidades Naturais.

Deus distribui os seus talentos ou dons como bem entende e quer.

Dá a um cinco, a outros três, aos restantes um ou quatro, segundo o seu modo livre de agir.

Às suas criaturas é que não cabe o direito de pedir-lhe contas da sua munificência.

Impõe-se-nos é a obrigação de indagar das razões de ser e das conseqüências das habilidades ou aptidões naturais.

Primeiramente, havemos de admitir que Deus exigirá mais daqueles, a quem mais deu ou presenteou.

Daqui se infere o dever que há para cada de cultivar os talentos recebidos ou habilidades naturais.

Não é, de forma nenhuma, aceitável o descaso que damos à nossas capacidades ou potencialidades.

Para ficarem incultivados, por negligência culpável, é que o Criador não concede a nenhum de nós os seus dons.

Para isso, não distribuiria os seus talentos com as suas criaturas.

Se há cousa óbvia, evidente, é esse modo de pensar.

Ele não enriquece de aptidões uma natureza humana só pelo gosto de enfeitá-la.

De acordo com a sua sabedoria, bondade e justiça, Deus não faz uma só cousa inutilmente, sem intenção certa e determinada.

Se nos dá alguma de suas riquezas de Criador, concedenos para alguma ousa.

Para nada é que ele não dá nada.

Portanto haveremos de convir na grave responsabilidade de possuir alguém talentos ou ser portador de habilidades.

Cuide cada um de cultivar seriamente as suas aptidões, pois disso lhe serão pedidas severas contas.

Se recebeu mais, obrigado a mais, é claro.

Cultivar na linha do bem e do amor fraterno, porque a ninguém assiste ou se confere a ousadia de torcer a intenção divina

que presidiu à concessão dos talentos.

Aqui, cabe a segunda consideração.

Todos nós constituímos na terra uma só família, a família de Deus no tempo.

Se não fora o sentido comunitário dessa nossa vivência na terra, Deus, na sua bondade e justiça, concederia a cada um os mesmos talentos, a fim de que todos tivessem idênticas oportunidades.

Isso só seria admissível numa concepção individualista do mundo.

Concedidas as mesmas aptidões, cada um que pusesse a valer o seu talento no intuito e esforço de sobrepujar os demais.

A conseqüência seria o entredevoramento e o extermínio de todos.

Nada mais contrário ao amor de Deus e ao sentido de família humana que somos nós.

Deus, na sua infinita bondade de Criador, não seria nunca o responsável por tão calamitosa situação.

A intenção do Senhor é bem outra e repleta de adoráveis riquezas de amor e generosidade.

Todos, apesar dos pesares, das rixas e guerras, das diferenças de cor e de costume, de condições e oportunidades – somos uma só família.

Assim, Deus distribui diferentemente os seus dons, a fim de ensejar a cada um a alegria e o mérito de contribuir individualmente para a riqueza, para a beleza e felicidade da família toda.

Dupla é a intenção divina na concessão dos seus talentos. Dá a cada pessoa condições de aperfeiçoamento pelo cultivo obrigatório das suas aptidões e impõe-lhe, ao mesmo tempo, a obrigação de por a serviço da humanidade as riquezas dos seus dons.

Desse modo, a beleza e a perfeição de cada um contribuem para a formosura do conjunto.

Sendo assim, não há motivo de inveja para ninguém de que outro tenha sido mais bem prendado, pois foi, a um só tempo, para ele e para todos, que recebeu mais talentos.

Dupla, portanto, é a responsabilidade de quem recebe um dom de Deus: o dever de cultivá-lo e a obrigação de pô-lo a serviço dos outros.

Responderá no dia das contas por uma e outra cousa.

Se, por negligência culpável, não cultivou o talento recebido, responderá por isso; se o cultivou, ganhando perfeição e valor pessoal, mas não o pôs a serviço dos outros, dará disso igualmente contas.

Considere-se o caso de Pasteur, o descobridor da vacina anti-rábica, isto é, contra a hidrofobia.

Como agradecer-lhe suficientemente a humanidade a soma incalculável de benefícios recebidos proveniente do seu maravilhoso talento de pesquisador.

Mas que responsabilidade não seria a sua, se houvera ficado negligentemente, sem cultivo, apenas com a vaidade do muito que recebera, ou se cultivando as suas primorosas aptidões, o tivesse feito exclusivamente em proveito pessoal.

Pelo que se vê, se os talentos que cada um recebe, são igualmente em proveito dos outros, não há razão para inveja nem despeito. Até, sob certo aspecto, é mais interessante receber pouco, porque é menor a responsabilidade diante de Deus. As contas são menos pesadas.

O que deve ficar bem claro em nosso pensamento e bem firme em nossa memória é que não podem ser usados criminosamente ou exclusivamente em proveito pessoal: Os talentos ou habilidades naturais.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Veterinário.

Veterinária é a medicina aplicada aos animais. Não é propriamente uma especialidade mas, sim, um ramo da medicina ou, melhor, em termos de seres humanos, é um plano ou setor diferente, em que é exercida a profissão médica.

Portanto médico veterinário ou, simplesmente, veterinário é aquele profissional da medicina que, por seus estudos e conhecimentos particularizados sobre os animais, cuida da saúde deles e do tratamento das suas doenças.

Ninguém discute a importância do veterinário, porque os rebanhos, que ele vigia e de que cuida, constituem, para cada país, uma garantia de subsistência do povo e uma fonte valiosa de enriquecimento.

Especialmente, do gado, presta-se para o consumo, indústria ou comercialização. Dele aproveita-se a pele, o leite, a carne, as vísceras e, para adubo, ossos, chifres e o resto.

Então, para que seja mais segura e significativa a rentabilidade, os rebanhos devem conservar-se sadios e nédios.

É imperioso cuidar da seleção dos animais, da sua linhagem superior, do acertado cruzamento de raças, da maior capacidade de produção de leite e de carne, da resistência às condições mesológicas, da aclimatação, dos reprodutores, matrizes e crias, sem esquecer a quantidade e qualidade da forragem e rações.

Tudo isso dentro das diversas especialidades da medicina veterinária, como sejam a bovinocultura, a ovinocultura, a suínocultura, a eqüinocultura, avicultura e outras.

Como o homem, na preservação da sua saúde através de cuidados higiênicos, profiláticos, dietéticos, numa palavra, preventivos, deve conservar-se o animal ou a ave fortes, vigorosos.

Para isso, não bastam apenas os conhecimentos empíricos dos criadores, embora ajudem muito mas não conseguem substituir os serviços especializados do veterinário.

A importância e o relevo da profissão do veterinário decorrem da própria importância e destaque dos animais na existência do homem, na sobrevivência dos aglomerados humanos.

Portanto tudo o que concorrer para tornar os rebanhos ou animais mais bem qualificados e resistentes, reverte em benefício do homem.

Como, porém, conseguir esses excelentes resultados, se não através da ciência, da técnica, dos conhecimentos especializados, da perícia do médico veterinário?

É a ele que se deve, em relação aos rebanhos, a consecução desta meta importante: - antes, o melhor do que o muito.

A rotina quase sempre não facilita soluções, cria problemas novos.

A rotina está espelhada na história lamentosa daquele criador de perus.

Admirava-lhe um vizinho de propriedade o garboso rebanho de perus. Eram muitos e todos na sua empáfia, quando não freqüentemente nos seus conhecidos rodopios.

Dois ou três anos depois, reaparece o vizinho para encontrar no terreiro do amigo apenas um peru solitário, pois o bonito partido havia sido dizimado pelas doenças ou vendido para compra de medicamentos ou de rações.

Então indaga o vizinho: onde está compadre, o seu formoso rebanho de perus ou apareceu muito dinheiro na venda!

Que venda que nada, meu compadre! Está tudo no papo desse ai!

A técnica é justamente o contrário: multiplica, seleciona, aprimora, revigora, faz render.

E essa maravilha da técnica quem opera, é o médico veterinário.

Por isso, quero levar à nossa Escola de Medicina Veterinária, aos seus mestres e alunos, especialmente aos nossos três funcionários da Radio Espinharas, universitários da Escola, Edileuso Francisco de Medeiros, Francisco Teixeira de Brito e Aloisio Araújo do Nascimento, a minha calorosa mensagem de felicitações, hoje quando se celebra: O Dia do Veterinário.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Gosto da Lealdade

Geralmente, quando nos referimos à lealdade, sempre a apresentamos como expressão de probidade, de honradez, de correção humana. O nosso intento principal é exaltar-lhe o valor, o brilho, a grandeza.

Tão empolgados ficamos no que ela exprime de correção humana que esquecemos um dos seus aspectos principais no relacionamento social, que é o gosto, o prazer, a doçura, que nos proporciona.

A lealdade é, sem dúvida, tranquilizadora, repousante. Propicia a alegria de viver.

Dá à convivência comunitária uma das mais belas e nobres dimensões, que é a confiança entre as pessoas, a segurança da sua autenticidade.

Ninguém se arreceia de conviver com uma pessoa leal, qualquer que seja o grau de nossa aproximação no contexto da sociedade.

Parente, amigo, conhecido, indiferente ou mesmo, adversário, sempre preferimos a pessoa portadora de lealdade.

Chegamos mesmo a preferir o inimigo leal ao amigo desleal, falso, hipócrita, que é de fato o pior adversário.

O indivíduo sempre de frente, sempre de costa, sempre de direita ou de esquerda, não nos mete medo. Sabemos sempre com quem tratamos e como tratá-lo.

O amigo, de frente, ou o adversário, de costa, dotados de lealdade, são inalteravelmente sujeitos legais.

É interessante essa maneira do nosso linguajar comum para expressar que a cousa transcorreu ou transcorre dentro dos moldes da probidade, as medidas da correção, os quadros da dignidade, a configuração da honradez, quando dizemos: legal! Está legal! Tudo legal! E ainda, para reforço, apontamos para cima o polegar, como confirmação.

Pois não é que o termo leal vem do vocábulo legal!

É sempre a corrente popular na legitimidade da língua, carreando, através do tempo e em suas mãos grossas, o ouro

nativo das origens legítimas.

Pois, é, sim, senhor, leal vem de legal e nada mais dentro das leis da dignidade e da justiça, nada mais ajustado aos preceitos da limpidez dos sentimentos humanos, do que a lealdade!

Por isso, é que, no relacionamento social, onde existe lealdade, há doçura de viver.

A lealdade não é o pano pelo avesso. É a fazenda pelo direito, com as suas tintas reais, com a sua padronagem exata, com a sua autenticidade de fabricação.

Por tudo isso é que, na convivência humana, sentimos, tranqüilos e exultantes: O gosto da lealdade

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Sofrimento não é Inútil

A dor é uma fonte de merecimentos para aqueles que a aceitam resignadamente a grande lição que nos ficou da Cruz do Cristo de Deus.

Por sua paixão e morte, Jesus Cristo redimiu a humanidade e tornou-se, por direito de conquista, o rei de todos os filhos do homem, porque os libertou do cativeiro, do pecado, deu-lhe a carta de alforria.

A púrpura do seu sangue é o seu santo régio, o fulgor da sua majestade.

O sofrimento fê-lo o nosso Salvador. O sofrimento reparou a justiça e a santidade do Pai Celeste, ultrajado pela desobediência dos nossos primeiros pais. O sofrimento conferiu-lhe os títulos mais brilhantes.

Se o sofrimento não foi inútil ao Cristo, Deus, a inocência por essência, como o poderá ser em cada um de nós, quando aceito resignadamente, se, além de outros motivos poderosos, existe a razão forte de reparar as nossas próprias culpas pessoais?

Pense seriamente nessas cousas, Dona Júlia Firmino de Almeida, e procure encontrar, na conformidade cristã, o bálsamo para as feridas do se coração.

Admito os seus tormentos e as suas lágrimas mas lhe aconselho a resignação, como o lenço macio para as suas lágrimas e o alívio suave para os seus tormentos.

Não entende a senhora que, por ser tão honesta, tão caridosa, tão cristã, lhe venha carga tão pesada de provocações.

Não compreende também que, por ser um anjo de bondade como esposo, como pai e como amigo, um homem honrado, pacífico e trabalhador – tenha o seu marido merecido morte tão inesperada e sofrida por um atropelamento, quando, ainda suado das tarefas do dia e da viagem de volta, regressava ao lar, o seu santuário de paz e felicidade.

Dona Júlia, se o sofrimento fosse inútil, eu nada teria a dizer-lhe nem mesmo contra o seu desespero que, no homem, é a

vingança de si mesmo, quanto mais em referência às suas tribulações.

Reflita bem e conclua alguma cousa em seu proveito.

Como descobrir a senhora os altos desígnios de Deus?

Pode garantir-me a senhora que o dia, em que morreu o seu esposo, e o modo da morte que teve, não eram as circunstâncias mais favoráveis para a glorificação dele? Ou tem o seu amor de esposa alguma cousa a apor-se à presença dele diante de Deus no céu? A tê-lo junto de Deus ou cá, na terra, qual a sua preferência?

O Senhor é quem sabe qual o dia mais propício e qual a maneira mais adequada de colher, pela morte, os seus justos.

Morrendo em outro dia e de outra morte, poderia a senhora assegurar a salvação do seu esposo?

Perdendo-o pela separação, vítima de um desastre, como gostaria que fosse o seu marido? Um homem digno, justo, voltando nobremente do trabalho para o lar, ou um sujeito de costume desbragados, morrendo no caminho de ida para a casa de uma amante?

Dona Júlia, convença-se de que certos tipos de morte, violenta, repentina, dolorosa, dando oportunidade, pelo menos, a um lampejo da consciência, é como que a última e total unção da graça redentora que basta para salvar ou levar-nos do que ainda resta dos nossos pecados já perdoados.

Para quem é vítima de uma morte violenta, é instantânea mas tão aguda a dor do susto de morrer e tão profundo o arrependimento que chegam para a salvação.

Ao invés de ficar o tempo todo a prantear a saudade do seu esposo e a cruciar-se de lamentações, alimente a esperança cristã do mais alegre e feliz reencontro com ele, na eternidade.

Para isso, continue na prática das boas obras, como vem fazendo, para perfumar das rosas da caridade a estrada da sua vida.

A prática do bem não nos exime da contingência do sofrimento, uma vez que este representa uma nova fonte de enriquecimentos espirituais.

São Paulo diz claramente que é preciso que cada um complete o que faltou à Paixão de Jesus Cristo. E que faltou à Paixão

do Senhor Jesus? A nossa participação pessoal, a nossa integração no Cristo crucificado.

O próprio Salvador disse em uma das suas aparições a Santa Teresa de Jesus: Gosto de fazer sofrer aqueles, a quem amo. Certamente porque isso lhes aumenta o merecimento e faz crescer-lhe o peso de glória eterna.

Portanto ser bom e sofrer é um sinal de predileção divina.

Medo faz, sim, é ser mau e ser feliz aqui no mundo.

Se ninguém é totalmente ruim, deve ter feito do mau algum bem.

Por outro lado, não deixa Deus o bem sem recompensa.

Se o mau sofre, é, em virtude do pouco de bondade que ele fez, a misericórdia divina trabalhando misteriosamente para conduzi-lo ao caminho certo. Se, pelo contrário, ao mau sorri-lhe a vida venturosa, é a justiça divina a pagar-lhe logo aqui, na terra, todo bem que haja feito. E, neste caso, que esperança restará para a eternidade!

Assim, sofra o bem para lustre maior da sua glória eterna ou sofra o mau para perfeito encaminhamento da sua conversão leva-a ao heroísmo da conformidade cristã, Dona Júlia Firmino de Almeida, a certeza de que: O sofrimento não é inútil

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Bancário.

Comemora-se hoje o Dia do Bancário, esse emérito servidor da sociedade, a quem tanto devemos todos.

Dada a atual organização do mundo, já é impossível compreender a vida humana sem a presença da instituição bancária na multiplicidade e diversidade dos seus setores de influência.

Do banco, órgão específico da movimentação do dinheiro, depende tudo e dependem todos.

Dele depende o Estado, o relacionamento internacional, qualquer tipo de empresa pública ou particular, a mais soberba ou insignificante iniciativa, a modesta poupança ou o volumoso depósito; depende o comércio, a indústria, a agricultura, a pecuária; o desenvolvimento, o progresso, a civilização; numa palavra, onde se inter-relacionam o capital e o trabalho humano, por força das peculiaridades das sistematizações sociais, ai se faz necessária a presença do banco.

Nesse acervo de conjunturas, não pode deixar de emergir e impor-se, na sua moldura de destaque, a figura do Bancário.

Claro que, dentro do seu código de honra, executando as suas variadas tarefas, o bancário está cumprindo honestamente o seu dever mas nem por isso deixa de ser merecedor do respeito, da consideração e da estima de todos os seus clientes que lhe solicitam atendimento pronto e eficiente.

O ramerrão diário e uniformidade cansativa do trabalho transformariam o profissional do banco em lugar do servidor tratável e prestimoso que é, num empregado áspero e explosivo, se não fora um conjunto de circunstancias favoráveis.

A própria organização da instituição bancária obriga o recrutamento de gente selecionada, da sua elite, que se reconhece no dever de apresentar uma linha elevada de conduta.

A camaradagem fraternal entre os companheiros de trabalho suaviza a execução das tarefas, desenfeza.

A engrenagem da máquina administrativa do banco dá a cada um a consciência de que todos estão a postos para ajudá-lo e de que ele é igualmente a peça harmoniosa de um todo, pelo

que permanentemente é cultivada a vocação de servir; a generosidade do trabalho solidário, num repúdio constante ao egoísmo.

Muito contribui também para amenizar os serviços duros do banco a variedade a cada instante da clientela, sempre renovada de rostos e falas, de indumentária e grau de cultura, de idade e expressões de beleza.

Seja como for, por virtude, por educação, por imposição do serviço, pelo gosto do trabalho ou inspiração vocacional – merece um registro especial o dono da data de hoje: O dia do bancário.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Amor no Espaço; Ódio na Terra!

Tudo o que o homem faz por amor – é belo – se esse amor conserva a pureza original que lhe fora dada por Deus. Por ódio, o homem faz só a destruição, é feio, horripilante.

Por amor à arte, faz-se o artista; por amor à ciência, faz-se o sábio; por amor à Pátria, faz-se o herói; por amor à vida, faz-se a mãe; por amor ao homem, faz-se o apóstolo; por amor ao Amor, faz-se o santo.

Assim tudo o que se faz por amor – é belo e sublime.

Belo o agricultor que golpeia a terra para fazer germinar a semente; belo o carvoeiro, de rosto preto e alma branca; belo o soldado do fogo por entre chamas para salvar uma criança; belo o lar que se perfuma de virtudes e felicidade; bela a fronte que se inclina em ajuda ao pobre; bela a mão que enxuga as lágrimas da orfandade; belo o homem que não mente, que não trai, que não calunia, que não odeia, que não mata.

Tudo o que se faz por amor – é belo.

Sublime a medicina em sua vigília permanente pela saúde; sublime o educador que dá lições de vida e sabedoria; sublime o sacerdote que se debruça sobre uma alma para salvá-la; sublimes os lábios que se abrem em prece e louvor a Deus.

Bela e sublime a mãe, de joelho, rezando pelos filhos.

Tudo isso se faz por amor e, se é amor que se faz – é belo e sublime

Belos e sublimes são esses três astronautas americanos que levam da terra a primeira mensagem humana as regiões selenitas. Tão audaz espírito de aventura inspira-se no amor à técnica, no amor à ciência,. no amor à glória, no amor à Pátria, no amor à humanidade.

A vergonha de ser pequeno diante da imensidade está se desfazendo no homem pela audácia de ser grande.

O escândalo da lua é o acontecimento número um da história da humanidade.

Nunca o homem cresceu tanto diante de seus próprios olhos.

Nunca foi tão brilhante.

Se mesmo santa, vaidade houvesse em Deus, nunca o Criador se envaidecera mais da obra-prima das suas mãos.

Agora, o homem começou a reencontrar-se na grandeza da sua pequenez. O fascínio da imensidade e o fulgor da glória o enobrecerão.

Ninguém poderá medir o efeito salutar de um feito assim. Depois de ser tão grande e tão bela, a humanidade terá vergonha de voltar a ser mesquinha e má.

A aventura da Apolo II, cedo ou tarde, reconciliará a humanidade consigo mesma. Vale para o homem, pela pureza do idealismo que a inspirou, por uma redenção geral.

Não é só uma nação que se enche de glória; é toda a humanidade que exulta de orgulho. A Apolo II não pode ser medida apenas em termos de humanidade, na terra; mede-se em dimensões do cosmo, na competição sideral do espaço.

A humanidade entrou ontem em uma nova era. Agora, já a inquietam os problemas do universo. Arde-lhe a febre de conquista de outros mundos. Outros planetas, estrelas e galáxias são a sua meta. A terra só começa a cansar-lhe o pensamento e a enfastiar-lhe o querer. As dimensões do seu espírito são mais amplas e extensas do que a própria imensidade.

Todo esse escândalo de proezas geniais do século XX é um ato de amor do homem ao próprio homem.

Tempo virá, o tempo do – "um só rebanho e um só pastor" – em que a humanidade toda, já cansada só de amar-se, sairá fulgente da beleza em busca do infinito, esplendente de glória em procura de Deus.

O amor salvará o homem.

Quem foi criado para amar, só no eterno amor encontrará tranqüilidade e repouso.

Mensagem de amor é o que pelos espaços a fora vão levando esses três gênios da humanidade, irmãos de todos os homens! Guiados também por estrelas são eles os três magos do século XX que, como os outros de outrora, vão em busca da luz, procuram Deus!

Que cousa! Tanto amor e beleza pelo espaço e ainda tanto ódio e fealdade na terra!

Enquanto a gigantesca América do Norte envia os seus

cosmonautas à lua dois pigmeus da América Central – Honduras e Salvador – odeiam-se e lutam.

Mas o efeito de tanto amor já se faz sentir no repúdio maior e na maior vergonha pela condenação do ódio.

Que os homens se amem para crescer! Não se matem para envergonhar-se!

Acompanhando pelo espírito e com as nossas preces a grandeza desses três heróis em caminho da lua, que pensemos no contraste que deve desaparecer: Amor no Espaço; Ódio na Terra.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Os Parabéns da Humanidade!

Você tem razão, Aldrin! A terra é linda!

Gagarin a viu, de longe e do alto, e afirmou: "A terra é bela e azul!"

Você a vê, da superfície da lua, e exclama deslumbrado: "A terra é linda! Como é lindo o planeta que habitamos!"

A terra é formosa sobretudo, porque você e os seus companheiros de surpreendente aventura dão ao planeta que habitamos, neste instante, a sua mais fulgente beleza de todos os tempos.

Nem sei, pela beleza extrema que os envolve, se vocês continuam ainda seres humanos ou se se transfiguraram em anjos, de tão brilhantes que se mostram ao nosso espanto e de tão belos que aparecem à nossa emoção.

Como vocês cresceram tanto em tão pouco tempo!

O gênero humano se orgulha desse feito!

Nunca um acontecimento – esse é o primeiro – uniu assim todos os homens, fraternizou assim a humanidade inteira!

A partir de ontem, à tarde, a humanidade era uma só família, apreensiva mas orgulhosa, antes divergente mas agora cordial, marcada ainda de desgraças mas já brilhante de glória, contemplando o deserto da lua e ouvindo a voz de vocês.

Só esse primeiro efeito de união e pacificação dos espíritos compensaria todos os gastos em dinheiro e todos os danos em vida humana.

Não procuremos sofismar. Há problemas cruciantes na terra mas o problema central da humanidade é a conquista da paz. E nada já contribuiu tanto, neste mundo, depois da graça do Cristo, para unir e pacificar os espíritos do que esse episódio singular e excepcionalmente maravilhoso da pousada de seres humanos na lua.

Eram todos pedindo pela sorte dos três! São três aumentando a grandeza de todos!

Depois da Redenção, foi o instante mais sublime da história do homem.

Epopéia fulgente de beleza! Cintilante de sublimidade!

Como é portentoso o gênio humano!

O homem, esse sol brilhante dentro da noite de um grão de argila, como nos convence do esplendor de um Deus, inteligência infinita!

Se é tão maravilhoso o infinitamente pequeno, que não há de ser o infinitamente grande que faz arder galáxias pelo espaço e enfeitou os céus da formosura dos cometas!

Pela matéria e pelo espírito, se o homem é um pedaço de noite com brilho de estrela, que fulgor incandescente não há de ser o Espírito puríssimo, que é o Senhor, criador de todos os mundos!

Se o homem é apenas a gota de orvalho pendente da folha verde, e Deus! que é a luz irisando de beleza essa gota d'água!

Se o homem assombra pelos artefactos que fabrica, e Deus! que fez florir o ser do nada!

Se o homem é grande, mesmo dentro das suas dimensões limitadas, e Deus! que, por ser infinito, nem a imensidade o contém!

Pela formosura dos seres criados, apenas se suspeita e vislumbra a beleza infinita do Senhor!

Este o segundo efeito salutar da façanha dos astronautas na lua. A Apolo II ergueu a humanidade, fazendo-a subir pelos pensamentos elevados e sentimentos nobres, que lhe inspira.

Quem pôs a fronte na luz, já não põe o rosto na lama.

Mais uma vez fica patente o acerto da sentença de que os extremos se tocam, por isso, as duas condições únicas de o homem aproximar-se de Deus são a humildade e a sua grandeza. Na verdade, de joelho na terra, fica o homem mais junto de Deus; alcandorado no espaço, fica mais perto do céu.

A Apolo II:

Há milênios que a humanidade sonhava com essa proeza; mas só o nosso século assistiu à maravilha.

O homem na lua!

Que prodígio! Que fascínio!

Você, Armstrong, no momento em que pisou o solo lunar – 23:56 horas do dia 20 de julho de 1969 – criou uma nova era para a humanidade, iniciou a história do homem no universo.

*Você com a sua beleza humana não maculou a virgindade do solo da lua. De volta à terra, virá como um mensageiro dos céus.

Que tragam você e os seus companheiros uma inspiração de paz para o mundo, uma promessa de amor para a humanidade, mais beleza para os homens!

Collins, Aldrins, Armstrong, recebam: Os Parabéns da Humanidade

* Que vaidade para a terra! Que orgulho para as Américas! Que soberba para os Estados Unidos!

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia Nacional de Cultura

O termo cultura pode ser tomado em vários sentidos ou acepções.

Ora significa cultivo ou trabalho cuidadoso de alguma cousa. Assim o cultivo de hortas ou horticultura; o cultivo de flores ou floricultura; o trabalho cuidadoso e sistematizado de abelhas ou apicultura; a criação cuidadosa e metódica de peixes ou piscicultura.

Ora expressa grande saber e sobretudo harmonioso conjunto de vastos conhecimentos.

Ou então e dentro dos quadros da sociologia, cultura exprime sistema vivencial de atitudes, usanças, costumes, em consonância com os valores espirituais e materiais, as instituições, de uma região, de um povo, de uma época.

Nisso se incluem, de cada gente ou país, os hábitos, o modo de viver, o grau de desenvolvimento, as suas realizações, as instituições, o sistema de governo, a língua e dialetos, as manifestações científicas, literárias, artísticas e religiosas, o regime dietético, folclore, as tradições, particularmente, tudo aquilo que revela peculiaridade, que dá fisionomia própria moral e social a um lugar ou aglomerado humano.

A cultura é a marca distintiva que caracteriza tal região ou tal gente.

Em confronto uns com os outros, os povos se caracterizam e distinguem, no concerto internacional, por suas culturas.

É a cultura que configura a imagem própria de cada nação. Ë ela que marca, de cada povo, o seu rosto diferente, a sua glória, o seu esplendor, a medida de sua dimensão.

Se, em síntese, a cultura é, em todas as suas expressões, a vivência comunitária do povo, compreende-se o motivo do empenho, com que os governos procuram dar-lhe consistência e continuidade, aprimorá-la, enaltecê-la, valorizá-la, inspirar, em todos, para com ela, apreço e amor.

Assim agindo, os poderes públicos intencionam patrioticamente sugerir, no povo, o gosto de si mesmo, o cuidado de si

mesmo, o interesse da sua própria valorização, a fim de que a nação não venha a descaracterizar-se pela perda da sua fisionomia marcante.

Que se proceda ao crescimento do país mas dentro dos limites da sua configuração cultural.

Não se trata de uma sugestão de xenofobia, pois muito bem podem e devem ser incorporados e absorvidos, através do intercâmbio e meios de comunicação, valores alienígenas, com tanto que não quebrem as vigas mestras que estruturam a cultura do povo.

Guardando e valorizando o que é nosso, defendendo o rico patrimônio cultural do nosso povo, é nesse sentido que devemos por todo interesse e ardor na comemoração da data de hoje: O Dia Nacional da Cultura.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Tropeço das Dificuldades

Todos sentimos que é agradável percorrer, mesmo a pé, um caminho plano, limpo, sem nenhum embaraço. O próprio jornadear não aborrece nem fadiga, espairece e reconforta.

Se é pela manhã ou sobre a tarde, torna-se um alegre passeio.

Mesmo ao pino do meio-dia ou no pingo do meio-dia, como diz o nosso povo, a canícula pode fustigar mas o caminho não incomoda, sobretudo se o margeiam, num convite à doce carícia de uma sombra, espaçadas e frondosas árvores.

Tudo muda, no entanto, se o roteiro, por que vamos, é cheio de impecilhos: sinuosidades, terreno movediço, pedras, ladeiras, atoleiros, cursos d'água.

Em situação assim, a caminhada torna-se enfadonha, cansativa, enjoada, desalentadora.

Para vencer os obstáculos e chegar ao termo da viagem, é mister determinação e paciência.

Nada adianta correr, que cai; nada adianta parar que angustia; nada adianta retroceder, que é fracasso e pura perda de tempo. O que adiante, é ir para frente com serenidade, pertinácia e ânimo forte.

As lamúrias e recriminações apenas aumentam o tormento da viagem, enquanto o êxito suado em cada etapa vencida retempera a fibra e a decisão de chegar.

Em face das dificuldades, cada triunfo obtido rejuvenesce o nosso espírito.

Semelhantemente, assim se passa na estrada da vida.

Tudo é suave e exultante, quando nada impede a alegria de viver, o encantamento de viver, o deslumbramento de viver.

É um néctar inebriante a existência, se tudo corre bem: a saúde, a liberdade, os haveres, os negócios, as iniciativas, os empreendimentos, a prosperidade, os trabalhos, as realizações, os êxitos, o relacionamento humano, as amizades, a família, os parentes, os encargos, o prestígio, a fama.

Não há sobressaltos, apreensões, dias cheios de preocu-

pações nem noites mal dormidas.

Se tudo certinho na medida e no peso, é uma delícia viver.

Agora, se a doença ameaça; se a liberdade está cerceada; se os haveres diminuem; se os negócios vão mal; se as iniciativas emperram; se os empreendimentos fracassam; se as finanças se malbaratam e diluem; se os trabalhos não dão resultado; se as realizações se complicam; se os êxitos viram fracassos; se o relacionamento humano constrange; se as amizades atraiçoam; se a família se divide; se os parentes se desentendem; se os encargos se tornam vexatórios; se o prestígio se empana; se a fama se deslustra e se esvai; nessa situação, se não é triste, é pelo menos, duro viver.

Não mais a alegria de viver; não mais o encanto de viver; não mais o deslumbramento de viver.

A euforia de antes transformou-se em entristecimento de agora.

As velas pandas de outrora não põem mais o barco, célere, a correr, pois os ventos já não sopram de feição. Agora são rotos panos encardidos que já não se distendem nem enfunam.

O mar está encapelado. Vagalhões enfurecidos ameaçam por tudo a soçobrar.

No alto, a tempestade enfarrusca-se e as praias já não acenam com as suas areias alvinitentes.

Se um sopro que ajude, se uma nesga de céu azul que anime, sem uma fímbria sorridente de horizonte que se aproxime, sem uma orla branca de praia que se avizinhe, tudo e todos parece que se precipitam para torpedear o barco da nossa vida.

É preciso ter, nessa circunstância, a segurança inquebrantável dos velhos lobos do mar e a afoiteza dos indômitos jangadeiros do Nordeste para enfrentar os terrores da procela.

É preciso tê-las, custe o que custar, até que se concretize o prodígio da determinação heróica e o milagre do esforço pertinaz,. Só assim hão de brilhar as alegrias de uma quase ressurreição.

A pior cousa seria perder o ânimo, entregar os pontos, deixar-se vencer pelas adversidades.

Nada está perdido, quando ainda nos inflama o ânimo de vencer.

Se a tua fé e a tua caridade não surpreendem a presença de Cristo em teus irmãos e seus irmãos, sobretudo naqueles que vivem na penúria e na miséria, então, pelo egoísmo e pelo desamor, os teus olhos estão vendados para tudo o que há de mais alto, belo, nobre, sublime, humano, cristão, na terra.

Olhos que não vêem o irmão, não vêem nem verão também a Deus, pois, segundo as palavras sagradas, se não amamos o que vemos, como amaremos o que não vemos!

Não te censuro, meu irmão rico por vestires bem tu e tua família; por teres a tua mesa farta; por habitares a tua mansão confortável; por teres o teu automóvel bonito para o transporte; as tuas vastas extensões de terra, o teu rebanho numeroso, o teu comércio próspero, a tua indústria bem montada, o teu gordo emprego público ou em empresa particular. Condenar-te-ia por tua indiferença e omissão em distribuíres um pouco do teu supérfluo com os teus irmãos necessitados.

Peço apenas que os teus olhos, penalizados e generosos, iluminados de compreensão e de amor, enxergues numa pobre mulher viúva, mãe de sete filhos menores, um ser humano, imagem e semelhança de Deus, presença viva do Cristo torturado, digna da tua solidariedade e da ajuda.

Dona Maria de Lourdes do Santos mora numa casinha alugada na proximidade da lavanderia do Bairro do Juá Doce.

Dos seus sete filhos, o mais velhinho tem quinze anos, enquanto o caçula possui apenas 13 meses.

É viúva de Antônio Vitorino dos Santos que faleceu vítima de atropelamento, em 25 de fevereiro deste ano, na Br-230, perto do Posto de gasolina do Dr. Ruy Wanderley, num Sábado, à tardinha, quando voltava para o seu lar, vindo de um dia duro de trabalho nas Propriedade "Fechado".

Com a morte do esposo, que, em vida, com o seu suor honesto, mantinha magramente mas mantinha a família – tudo virou escuridão para a desditosa viúva e uma mãe que, por força dos lamentos e lágrimas de seus sete filhinhos, se viu compelida e constrangida a suplicar a caridade pública.

Nenhuma indenização recebeu pelo atropelamento fatal do marido, porque o caminhão, sob cujas rodas foi esmagado Antônio Vitorino dos Santos, não foi identificado.

Os donativos, que eu espero bastante e continuados, podem ser entregues à viúva em sua moradia, ao senhor Raimundo Germano junto à antiga usina da Claygton, à Irmã Anunciada e aqui, na vizinhança da Rádio, à senhorita Neusa Figueiredo.

Que a cidade compreenda e ajude essa pobre viúva e mãe aflita que vive de porta em porta: De mão estendida.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Sublime Pensamento!

Ontem, foi o ilustre jesuíta, Pe. Roque Schasider, quem, com a sua luminosa sentença – "cada coroa de louros oculta outra de espinhos"- nos sugeriu as considerações deste horário; hoje, é o inconfundível e fantástico Saint-Exupery quem nos inspira o assunto desta crônica, com o seu sublima pensamento: - "A tua pirâmide não tem sentido se não termina em Deus".

Matéria e espírito, corpo e alma – o homem é uma interseção de duas dimensões: uma, que em sua horizontal idade se estende para a terra, para o tempo, e a outra, que em sua verticalidade se apruma para o alto, para a eternidade.

Com esses dois planos, cada um de nós há de construir a sua pirâmide humana.

A pirâmide esparrama-se no seu embasamento sólido, volumoso, mas dirige todas as suas linhas para o alto, concentrando-as na agulha fina e brilhante de seu vértice.

Formosa imagem essa da vida humana, em sua plenitude.

Por força da nossa condição de matéria, de corpo, não podemos fugir à dura contingência de nos emaranharmos em múltiplos cuidados terrenos, de nos enchermos de ocupação de ordem temporal.

Quem desconhece o volume imenso das tarefas que nos esmagam em nossa existência no mundo! Todos estamos assoberbados de trabalhos e preocupações. A urdidura da vida humana e social é simplesmente admirável e espantosa.

No entanto o ser humano, em sua plenitude, não é só essa soberba horizontalidade e interesses terrenos e temporais.

Ficariam sem razão de ser, em face só de cousas contigentes, a sua espiritualidade e a sua imortalidade que arquem uma destinação suprema para realidades mais altas e perenes.

Diante dessas conjunturas, só resta ao homem arrumar harmoniosamente todas as cousas e construir, com acerto e brilho, a sua pirâmide.

Não podendo fugir ao uso das cousas terrenas e tempo-

rais, há de, por seu uso honesto e digno, construir, com elas, a base da sua pirâmide. Seria, no sentido do Evangelho, ganhar, com riquezas perecíveis, tesouros eternos.

Na verdade, é pelo uso correto dos bens temporais que nos santificamos.

Desatino seria querer ficar só na construção da base, mutilando o ser humano na sua plenitude, decepando-o da sua parte mais fulgente, que é o espírito.

Essa só dimensão horizontal não responde à nobreza da nossa destinação.

Loucura idêntica seria partir para o vértice da pirâmide mas dirigi-lo para outros rumos, diferentes daquele único e supremo marcado pelo nosso Criador.

É aqui que entra o gênio de Saint-Exupéry para proclamar com luzes do inspirado: - "A tua pirâmide não tem sentido se não termina com Deus". Sublime Pensamento.

futuro, abre-se numa franca disponibilidade aos conselhos de seus pais, às advertências de seus mestres, à orientação dos seus preceptores. Eles lhe mostrarão, com acerto e com nobreza, a estrada real da vida, que você deverá perlustrar com decisão e segurança.

Seja sempre agradecida e acessível aos que lhe apontam, na existência, o caminho do bem, da verdade e da justiça.

Os pais, os educadores, os mestres, são os seus melhores amigos e os seus maiores benfeitores. Siga-lhe os conselhos.

Josileide Santana, que é filha do casal Manuel Santana de Medeiros e Severina Tavares de Santana, nasceu no dia 15 de setembro de 1960, em Patos, onde reside, à rua 18 de Forte, n.º 182.

Tem dois irmãos e estuda no "Roldão Meira".

Cor morena, cabelos pretos, olhos castanho-escuros, estatura 1,47 m, tem tudo para ser uma jovem simpática, como realmente o é.

O seu temperamento moderado a torna tratável e atenciosa. É determinada nos seus propósitos mas acessível aos conselhos.

É vontadosa sem ser pirrônica, serena sem ser indolente, segura sem ser vaidosa. Tem motivos bastantes para confiar no seu futuro.

É assim que, comemorando uma festa de 15 anos, volto a exaltar: Outra vez, a juventude.

rais, há de, por seu uso honesto e digno, construir, com elas, a base da *sua pirâmide*. Seria, no sentido do Evangelho, ganhar, com riquezas perecíveis, tesouros eternos.

Na verdade, é pelo uso correto dos bens temporais que nos santificamos.

Desatino seria querer ficar só na construção da base, mutilando o ser humano na sua plenitude, decepando-o da sua parte mais fulgente, que é o espírito.

Essa só dimensão horizontal não responde à nobreza da nossa destinação.

Loucura idêntica seria partir para o vértice da pirâmide mas dirigi-lo para outros rumos, diferentes daquele único e supremo marcado pelo nosso Criador.

É aqui que entra o gênio de Saint-Exupéry para proclamar com luzes do inspirado: - "A tua pirâmide não tem sentido se não termina com Deus". Sublime Pensamento.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Outra vez, a Juventude

A este assunto sempre urgente e tão delicado, que é a juventude, estamos a voltar com freqüência, pelo interesse que nos desperta.

Aproveitamos os ensejos que se nos oferecem, para uma palavrinha de orientação se não lúcida mas sincera, aos moços.

Dada a sua natural imaturidade e em face do seu insopitável ardor, a juventude necessita de generosa ajuda, especialmente, na escolha dos seus roteiros de vida, para que os tome certos.

Quanto mais, orgulhecido de si mesmo, um jovem recusa ajuda ou orientação, tanto mais esta se torna imperiosa, pois aí já são dois perigos a perdê-lo: a falta de experiência e a vaidade. A primeira vê de menos; a segunda vê de mais, A deficiência e o exagero são ameaças ao aprumo das nossas atitudes.

Raramente isso acontece, salvo quando ferida em seus brios ou quando já maldosamente trabalhada em seu espírito, pois a juventude é sempre atenciosa, mesmo quando renitente em seus extravasamentos ou esnobismos.

Sabe o moço que lhe faltam aos olhos as lentes de longo alcance da experiência, por isso, ainda quando petulante, é receoso de ser temerário.

Quando não reflete, é arrojada nos seus ímpetos mas, quando pensa, vezes é até reticente nas suas decisões pelo pavor do fracasso.

Sempre agindo por força do calor humano da sua idade, o jovem não tem a frieza dos calculistas nem das premeditações. Não é a janela que se afasta devagarzinho, meticulosamente, medidamente. É a porta que se abre de par em par ou se fecha toda no momento, de uma só vez. Despreza ou desconhece a astúcia sinuosa da raposa para aceitar o arranco impetuoso do rebanho numa só direção. Não tem a paciência do filtro que côa a água, de gota em gota. Possui o alvoroço do luxo das enchentes.

O que a juventude tem soberbamente, é o sentimento vibrante de liberdade. Assim rapazes e moças fazem contestações aos pais, não porque, propriamente, não reconheçam acertados

os seus conselhos mas, certamente, porque os acham coercitivos.

É essa fibra vibrátil da personalidade do moço que torna a juventude uma força quase violenta que carece e precisa de disciplinamento.

Nisso é que reside sobretudo o segredo de qualquer orientação à mocidade. É necessário, por parte do orientador, sutil cuidado no trato dessa pujante vivência da liberdade. O Jovem permite que lhe abram os olhos mas nunca se deixa conduzir de mãos atadas.

Abrir os olhos a outro não pode ser uma atitude imperiosa ou desabusada mas, sim, um gesto de simpatia e generosidade.

O moço só se deixa orientar facilmente, depois que sentiu o calor dessa simpatia e a largueza dessa generosidade.

Sem nenhum desapreço ou falta de respeito na comparação, poderíamos dizer que a juventude não se deixa conduzir como quem arrasta um touro ao mourão mas como que põe o cabresto no animal velhaco, depois que lhe acenou com a mochila de milho.

A mocidade quer compreensão, exige afeto, necessita de generosidade, pois ninguém lhe toma chegada de chibata em punho, mas de mão estendida para um aperto de mão franco e cativante.

É isso que se deve lembrar aos pais, aos educadores, àqueles que nobremente desejam orientar.

É isso também que, em contrapartida, se deve lembrar aos jovens, sobretudo àqueles que ardorosamente apenas penetraram na faixa etária da idade juvenil, para que se armem de uma franca e generosa disponibilidade.

É isso igualmente, Josileide Santana, que gostaríamos dizer-lhe hoje, um dia depois da festa dos seus quinze anos, quando você enfeita a sua imaginação de todos os sonhos róseos da juventude, quando você doira o seu espírito de todas as esperanças viridentes da mocidade, quando você perfuma o seu coração das mais ricas promessas de felicidade.

A mocidade não mente, quando nos promete tudo, apenas, como toda fase etária, ela passa, para que à realidade da vida desbaste os exageros.

Então, para que não lhe venham decepções amargas no

futuro, abre-se numa franca disponibilidade aos conselhos de seus pais, às advertências de seus mestres, à orientação dos seus preceptores. Eles lhe mostrarão, com acerto e com nobreza, a estrada real da vida, que você deverá perlustrar com decisão e segurança.

Seja sempre agradecida e acessível aos que lhe apontam, na existência, o caminho do bem, da verdade e da justiça.

Os pais, os educadores, os mestres, são os seus melhores amigos e os seus maiores benfeitores. Siga-lhe os conselhos.

Josileide Santana, que é filha do casal Manuel Santana de Medeiros e Severina Tavares de Santana, nasceu no dia 15 de setembro de 1960, em Patos, onde reside, à rua 18 de Forte, n.º 182.

Tem dois irmãos e estuda no "Roldão Meira".

Cor morena, cabelos pretos, olhos castanho-escuros, estatura 1,47 m, tem tudo para ser uma jovem simpática, como realmente o é.

O seu temperamento moderado a torna tratável e atenciosa. É determinada nos seus propósitos mas acessível aos conselhos.

É vontadosa sem ser pirrônica, serena sem ser indolente, segura sem ser vaidosa. Tem motivos bastantes para confiar no seu futuro.

É assim que, comemorando uma festa de 15 anos, volto a exaltar: Outra vez, a juventude.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Estudante.

Embora tenha recebido apelo para fazer coincidentemente duas crônicas hoje, é imperioso que omita uma e outra, a fim de comemorar a data que hoje se festeja: O Dia do Estudante.

Hão de convir as duas jovens que solicitaram as crônicas, alunas ambas de estabelecimentos de ensino, quanto ao acerto da minha decisão e preferência.

Há certas prioridades que são dominadoras e improrrogáveis.

Não há por que deixar a data de hoje sem um louvor e a sua comemoração, uma vez que o Estudante, no quadro da nossa vida humana e social, representa o aceno da nossa esperança no presente e a promessa da nossa grandeza no futuro.

A educação, do lar à universidade, tomada na sua configuração total de aprimoramento integral e harmônico do ser humano, é o índice maior de desenvolvimento e civilização de um povo.

É impossível pensar em progresso e grandeza de uma nação, sem antes pensar em escolas, cultura e estudante.

Digo educação, por ser um termo mais amplo que compreende, em seus diversos planos ou setores, a plenitude do aperfeiçoamento humano e não apenas instrução que é propriamente a educação intelectual, pois esta é maravilhosa mas, na verdade, ela, só, pode converter-se num infortúnio, numa desgraça, numa ruína.

É inegavelmente um prodígio o domínio do átomo pela ciência e pela técnica, que são expressões altas de instrução, de educação intelectual, mas que perigo não é a posse da bomba atômica por alguém ou por uma nação sem nenhum sentido de humanidade, sem nenhum senso moral, sem nenhuma consciência jurídica, sem escrúpulos!

Conhecer o manejo de uma arma de fogo pode ser uma cousa boa ou um mal, pois nas mãos do caçador é meio de subsistência mas nas mãos de um assassino é instrumento de crime.

É nesse sentido global de educação que nos devemos referir ao Estudante, aquele que, a serviço de um ideal belo e nobre,

procura plenificar todas as suas potencialidades ou capacidades e não apenas ao aprendiz exclusivo de ciências, de letras, de artes, de técnicas.

Nessas duas conceituações, o Estudante corresponde aos ardorosos anseios de grandeza do seu povo e dele temos todos o direito e a obrigação de nos orgulhecermos . Do aprendiz, não.

Como teremos estadistas lúcidos e dignos, administradores honrados e eficientes, funcionários devotados e honestos, uma Pátria formosa e brilhante, sem darmos à nossa infância e juventude uma adequada formação social, cívica, moral e religiosa!

A Pátria não são apenas sábios, literatos, artistas, técnicos. Tudo isso é brilhante mas não tem plenitude humana. A pátria é tudo isso e mais virtude, honestidade, honradez, devoção ao dever, devotamento ao trabalho, brio, vergonha na cara.

Assim, é desenvolvimento pleno, é progresso total, é civilização autêntica.

Se a educação visa só ao aperfeiçoamento parcial do ser humano, no caso a instrução ou perfeição intelectual, é incompleta, imperfeita, deformada, manca.

As conseqüências dessa educação falha e defeituosa começam a senti-las logo cedo, durante os próprios currículos escolares, mestres, educadores e pais, pelas vexações, a que são submetidos.

Para não termos uma imagem descolorida do nosso Estudante, vamos imaginar, pelo menos, hoje, que os nossos educandários ou estabelecimento de ensino são realmente perfeitos.

Só assim teremos, diante dos nossos olhos, a figura bela e fulgente do Estudante, que nos enche das mais promissoras esperanças, que nos acena com um porvir de grandeza para a Pátria.

Agrada-nos ver pelas ruas e pelas praças, indo aos colégios ou voltando das escolas, essa estudantada alegre, eufórica, vigorosa, consciente, responsável, pondo beleza no espírito da gente e ardor no coração.

Contemplando essas crianças, rapazes e moças, como aves ensaiando vôos para ascensões de grandeza, já podemos crer nos destinos da Pátria, no futuro do Brasil.

É a Pátria renascendo todos os dias mais forte e bela.

São horizontes que se dilatam diante do nosso espírito, mais azuis e alvissareiros.

São estrofes vibrantes que vão compondo o epinício da nossa vitória, o poema da nossa grandeza.

Não é um gigante adormecido que desperta, não é sepultura que se abre para uma ressurreição - é um sol já brilhante que procura fulgor.

É assim que gostamos de ver a nossa juventude já de estatura alta, porte esbelto, aspecto brilhante, rosto bonito, marchando resoluta e processionalmente para a futura apoteose do Brasil.

Assim, é uma Pátria, reverdecida ou remoçada, florindo em promessas.

São ninhos que gorjeiam; são canteiros desatando em flor; são luzes que polvilham os nossos céus; é a vida explodindo em beleza e em vigor; é o Brasil jovem a crescer e a brilhar.

É com esse entusiasmo e exultação que queremos comemorar hoje: O Dia do Estudante.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Mais um Louvor à Velhice

Sempre volto, de tempos em tempos, a expressar a minha veneração à velhice.

Gosto sinceramente dos velhos, não só por já incluir-me em sua faixa etária com os meus 66 anos de idade mas por admitir que cada ancião é uma relíquia de vida e um tesouro de sabedoria.

A memória dos velhos é um baú, em que se guarda a prata de lei de preciosas experiências de vida, uma bíblia humana que enfeixa conceitos quase sagrados.

Depois, a velhice é muito generosa na distribuição com os outros das suas ricas lições de sabedoria. Não tem ciúmes dos seus tesouros acumulados, pois os usa menos em proveito próprio do que em doação aos outros. Por isso, todo velho tem o vezo de aconselhar.

Ainda, enquanto a criança é um feixe de luz doirada do amanhecer, o ancião já é o sol fazendo roda para se pôr, para penetrar na escuridão da noite.

Desse modo, tenho pena dos velhinhos que sentem saudade da vida e se amofinam com a aproximação do fim, pois estou convicto de que nenhuma dor dói tanto como a saudade de si mesmo, do vigor da mocidade que já se perdeu.

Também, pelo contrário, experimento uma grande satisfação, quando encontro um ancião que encara a velhice esportivamente, contagiando todos, sobretudo os jovens, da sua alegria de viver.

Faz um bem imenso à gente essa euforia da existência.

Aquele capucho de algodão desfiado na cabeça é mais um sinal da bravura da sua consciência do que mesmo um lenço branco acenando saudoso para o passado.

De qualquer maneira, tenho para com os velhos uma estima especial, um grande apreço, uma forte veneração.

Por isso, quando sou solicitado para uma exaltação à velhice através deste horário, sempre procuro um jeitinho de atender.

Desta vez, o pedido me veio de Francisca Dalva de

Medeiros, aluna do Colégio Estadual "Pedro Aleixo" e neta do Sr. Antônio Cesarino de Medeiros, que me fez o apelo insistente de uma crônica para comemorar o aniversário natalício do seu avô que iria transcorrer no dia 14 do corrente.

Como não faço crônica social, pouco me interessam datas aniversarias, salvo em casos especiais, mas a condição de longevidade do homenageado, esta si, me importa, me interessa.

Assim, não é um aniversário que comemora tardiamente, é uma ancianidade que enalteço.

O Sr. Antônio Cesarino de Medeiros nasceu na fazenda "São Bernardo" do município de Jardim do Seridó, Rio Grande do Norte, no dia 14 de agosto de 1887, contando atualmente 88 anos de idade.

Casou-se, aos 29 de janeiro de 1919, com sua prima Maria Rosa de Medeiros, na matriz da sua paróquia.

Morou em Jardim do Seridó, em Timbaúba dos Batistas, até 1923, quando, em 24 de dezembro do mesmo ano, transferiu a sua residência com a família para a Fazenda "Maria da Paz" no município de São José de Espinharas, em nosso Estado, onde permanece até hoje.

Houve do casal 16 filhos, criando-se apenas a metade, sendo 4 homens e 4 mulheres. Dos 8, resta solteiro apenas Abílio que mora com o pai, atualmente viúvo, pois Dona Maria Rosa de Medeiros faleceu em 30 de junho de 1973.

Além dos 8 filhos, a descendência de Antônio Cesarino de Medeiros compreende 44 netos e 18 bisnetos, ao todo 70 descendentes vivos.

Depois que enviuvou, Antônio Cesarino, com Abílio, seu único filho solteiro, passou a residir na casa de sua filha mais velha, Gercina Dalva de Medeiros.

Sempre foi um homem simples, pacífico, trabalhador, dedicado inteiramente à agricultura.

Católico fervoroso, afora uma dancinha inocente na base dos três metros de distância, nunca o atraiu a farra, a bebedeira, o jogo.

Com os seus 88 anos de idade, ainda está inteiramente lúcido e já goza os benefícios da merecida aposentadoria, como agricultor.

Nesta homenagem a Antônio Cesarino de Medeiros, a crônica de hoje vale, da minha parte, por: Mais um louvor à velhice.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Mestre

Espero das pessoas que me pediram crônicas para estes dias, uma generosa compreensão.

No setor, em que trabalho, os assuntos de ordem geral têm prioridade. Por isso, muitas vezes, somos levados ao não atendimento a pedidos de caráter particular.

Esta semana veio repleta de datas importantes e feriados classistas, portanto assuntos atinentes à coletividade.

Só no Domingo, doze de outubro, reuniram-se o Dia da Criança, o Dia das Américas e a Festa da Padroeira do Brasil Nossa Senhora Aparecida.

Hoje, quarta-feira, Dia do Professor e, sábado , Dia do Médico.

Junte-se a isso a circunstância de, por falta de energia elétrica em nossa cidade, a divulgação da crônica da segunda-feira só ter sido possível ontem.

Quando digo assuntos de ordem geral, não quero afirmar estranhos ao nosso meio mas apenas indico cousas referentes à comunidade e não a pessoas, separadamente.

Falo assim, para lembrar tão só o propósito que me impus desde o começo o que é: cantar a glória da minha terra e gemer a dor da minha gente.

Não me interessa a seara alheia, se a nossa é tão farta e magnifica.

No entanto, ao final desta crônica, abro um pequenino espaço para atender a um pedido de ontem, de caráter particular.

Dia do Professor! Só de louvor? Só de gratidão? Não, de louvor e de gratidão, até mesmo de arrependimento e desculpas.

Por mais que se procure, ninguém conseguirá ter a dimensão exata e sublime do mestre, do educador.

Seria mister para isso que encontrássemos medidas precisas para avaliar a grandeza da pessoa humana.

O trabalho específico do mestre e do educador é no sentido de dar a cada ser humano aquela estatura alta que ele tem condições de atingir, aquele grau de beleza, de que é capaz.

O costureiro apenas veste o corpo, o fotógrafo apanha a realidade existente de um rosto bonito ou feio, o pintor transpõe para a formosura da tela o que já possui o ser vivo, o médico preserva a saúde ou a recupera, o psicólogo penetra na consciência para surpreender o nosso intrincado mundo interior, mas nenhum deles acrescenta uma nova forma de beleza a um ser já de si empolgantemente belo. Só o mestre e o educador, de parceria com crianças, adolescentes e jovens, ensejam-lhe oportunidades de crescerem de perfeição, de aumentarem de beleza.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Obrigado, Marly!

A sua carta, Marly, enterneceu-me pelo perfume de bondade, de que veio impressionada da primeira a última palavra.

Se não reconhecesse as larguezas da sua magnanimidade, por que, perdulária das riquezas do coração, esbanja louvores com quem não merece, leria, para enfeite desta crônica, a sua carta inteira.

Ler a sua epístola, Marly, é fazer a apologia do seu primoroso talento mas seria enrubescer-me de vergonha por não atingir a estatura alta que você me deu.

Quantas vezes a bondade das almas generosas nos cria sérios vexames, porque atribui aos outros as virtudes que lhe são próprias.

A bondade vinga-se dos outros, pintando-os da mesma beleza, com que se enfeita. É que a bondade até a vingança é dimensão de amor.

Imagino-a, pelo teor da sua missiva, encantadoramente inteligente e fascinantemente generosa.

Presumo-a, pelo menos, diplomada – mestra ilustre e educadora emérita, tais os primores literários e os matizes humanos da sua mensagem.

Forma literária perfeita, linguagem correta e fluente, segurança e elevação de conceitos, extrema bondade e, sobredoirando tudo, uma autêntica fé cristã – eis o resumo ou a síntese da admirável carta da jovem Marly de Medeiros.

As referências nela contidas a estas pobres crônicas, que unicamente se salvam pela intenção de fazer o bem, na verdade, comoveram-me; e comoveu-me ainda mais a certeza que você procurou inspirar-me – do proveito que estão tendo aí, na sua querida terra, Ipueira, Rio Grande do Norte.

Sei que tudo foi a sua bondade que ditou mas nem, por isso, deixo de inclinar-me, agradecido e confundido, diante dessa bondade.

A bondade não mente, quando aumenta, porque não aumenta por mentir mas tão só até as simples intenções converte

em realidade formosas.

A sua carta não é a exaltação do modesto cronista, é antes o testamento antecipado da beleza de alma da jovem missivista.

De qualquer modo, estou sumamente grato pelo estímulo e conforto no prosseguimento dos meus trabalhos e canseiras.

Conheci a sua terra há alguns anos passados, quando, em trânsito, por aí demorei um pouco. Achei-a simples e encantadora pelo espírito de comunidade que guardava naquele tempo, em que todos se entendiam e se queriam bem, trabalhando por um objetivo comum.

Por aquela época, Ipueira ainda tinha a doçura do campo mas já possuía uns ares de cidade, mistura esta de campo e de cidade que faz o encanto de qualquer aglomerado humano.

Como seria bom que as nossas cidades nordestinas, especialmente, as nossas urbes sertanejas sempre conservassem, de mistura com os perfumes da civilização os aromas silvestres dos nossos baixios e tabuleiros.

Assim nunca nos descaracterizaríamos do que o Brasil tem mais puro e mais seu.

Guardaríamos, em qualquer tempo e lugar, a marca da terra, rica ou pobre, modesta ou brilhante, que nos garantiria a beleza e o orgulho de uma fisionomia própria.

Um povo sem rosto é um povo sem formosura, sem grandeza moral, sem consistência histórica, sem afirmação de personalidade.

Mais do que o indivíduo, a comunidade há ter o seu caráter, a sua marca distintiva, o seu semblante inconfundível.

Neste sentido, desfigurar já é impor ignomínia ou dar morte.

Uma Pátria mais do que uma jovem bonita, deve ir ao espelho todos os dias para assegurar-se da sua beleza específica.

Mais do que receio de que nos levem as riquezas do País, deve ser o mosso temor de que nos desfigurem o rosto de Nação.

Um Brasil brasileiro há de ser a nossa aspiração suprema.

Pouco importa que sejam o Pinhara seco e Sabugi sem água ou o Amazonas caudaloso como o suor da Pátria no esforço de ser grande. O que importa é que tudo isso são cousas do Brasil.

Antes que admirem os outros, é mister que nos amemos a nós mesmos.

Creio que, para orgulho dos seus habitantes e agrado de todos nós, Ipueira ainda é um lindo pedaço deste formoso País.

E você, minha caríssima jovem, com a beleza moral de sua alma e a pureza de sua inspiração humana, certamente é um dos ornamentos mais expressivos da sua gente e uma das esperanças mais ridentes da sua terra.

Agradecendo-lhe a carta, feita com as tintas do coração e com as cores da bondade, só me resta dizer: Obrigado Marly!.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Zelai que é Vosso

Voltando ao assunto de ontem, aqui estou novamente com a mesma disposição de não ferir nem agradar ninguém; de só ferir quem se fere com a verdade, de só agradar quem se agrada com a justiça.

Uma pergunta. Qual a razão que motivou, já que toda atividade humana é motivada, a atitude daqueles que danificaram, em parte, os serviços municipais de ajardinamento de nossas avenidas?

Que houve motivo, houve, uma vez que, em tese, ninguém se opõe ao embelezamento da cidade.

Pode ter sucedido o que acontece com essas mocinhas raivosas que quebram jóias ou queimam vestidos só por ódio ao doador, transferindo para os objetos a vingança que gostariam que recaísse sobre a pessoa do antigo namorado ou ex-noivo.

Todos querem o aformoseamento da nossa urbe mas a alguns dói que venha esse aformoseamento pelas mãos daquele, a quem odeiam.

O dano nos objetos ou nas cousas foi apenas um sinal e um fenômeno de transferência de vingança.

Como resposta a pergunta acima formulada, apenas uma conjectura ou suposição, uma vez que faltam elementos positivos de certeza.

O motivo foi odiosidade ao administrador e não à administração municipal, raiva do Prefeito Cavalcanti e não da Prefeitura de Patos.

Que circunstância, proximamente, ascendeu odiosidade tão acentuada, tão agressiva? Suponho, não garanto, foram aqueles dizeres inscritos ou gravados em cada banco, ao correr das avenidas.

Aquilo irritou realmente a certos adversários ou opositores menos amadurecidos, sôfregos no seu ódio, ainda verdes na sua experiência política, sem a paciência de esperar o dia de amanhã.

Francamente, se tivesse tido a oportunidade de saber antes, teria dado a minha opinião imparcialmente leal em sentido

contrário, embora não reconheça, de forma alguma, naqueles inscrições, razão suficiente para atitude, sob todos os aspectos, condenável.

Opinando em contrário, não pretendo impor o meu modo de pensar a ninguém, pela simples razão de respeitar a opinião dos outros.

Perdoe-me o Sr. Governador da cidade o que vou sugerir contra ele mas em favor do embelezamento da nossa urbe. Mesmo, porque não se trata de novidade, já que foi o próprio Sr, Prefeito quem, na sua fala de quarta-feira passada, alvitrou que se fizesse uma permuta: voltassem contra ele as lanças pontiagudas do ódio mas que respeitassem o patrimônio do povo, tivessem para as obras municipais de ajardinamento da cidade apenas solícitas e carinhosas mãos de fada.

Revela recordar que estamos no plano conjectural da hipotética causa que determinou a reprovável atitude daqueles que agiram na calada da noite do dia 16 deste.

Se o móvel próximo da irritação foram aqueles dizeres gravados nos bancos, que se tranqüilizem os opositores do Sr. Prefeito, deixando em paz e sem dano as obras de ajardinamento da cidade, porque, ao meu ver, aquela inscrição têm efeito propagandístico negativo, trabalhando em benefício dos adversários e não em prol do edil.

É que mesmo as pessoas ou visitantes que admirarem o embelezamento das nossas avenidas, não deixarão de olhar de soslaio para os supostamente mal fadados dizeres, arriscando um malicioso sorriso de crítica e acrescentando sempre: - isso que é vaidade, pura demagogia.

Portanto, já não existe razão de danificar, por causa daqueles dizeres, o calçamento, os canteiros, as plantas, a grama, as árvores, os bancos, a canalização d'água, o serviço de iluminação.

Deixemos os dizeres com o Sr. Prefeito e o embelezamento com a cidade.

Ninguém rasgue a bonita padronagem do vestido da Princesa. Ela tem o direito de ser bela e a obrigação de vestir-se bem.

Não lhe basta, na sua linda cabeça, a peruca fusca do sol e o laço cor de rosa do crepúsculo. Não lhe basta os brincos de ouro

e as jóias de esmeralda de sua iluminação. Não lhe bastam o seu *lencinho verde* florado da praça Getúlio Vargas. Não lhe bastam as sandálias de prata do seu calçamento. Para que a clâmide da Princesa não seja apenas a mini-saia do seu casario, acrescente-lhe ao manto, como fímbria, aquela linda ramagem dos canteiros das avenidas.

Diante disso, contemplando o embelezamento da cidade, só uma ordem é imperiosa: Zelai que é Vosso.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quando Deus nos Fecha uma Porta, Abre uma Janela

A crônica que você me pediu, Socorro, sob o título acima referido, demorou em virtude de acontecimentos imprevistos que exigiam uma palavra "no quente", isto é, sem delongas nem protelações.

Hoje, procuro dar atendimento à sua gentil solicitação, que para mim é uma ordem.

Digo que é uma ordem, não em consideração ao seu encanto pessoal, embora saiba que, no profundo sentido antológico, a beleza é o esplendor da verdade. Onde há beleza, há um sinal de Deus, porque há uma presença da verdade.

Não ainda em atenção aos seus dotes de espírito: a sua modéstia com beleza, a sua jovialidade com seriedade, a sua meiguice sem esfarelamento, a sua simpatia sem intenção de domínio, a sua contagiante alegria de viver.

O seu pedido é uma ordem para mim, enquanto representa um sinal de inquietitude do espírito, uma ânsia incontida de desvendar os mistérios da vida, uma interrogação sincera da sua mocidade.

Se não me escasseiam os minguados recursos da experiência, vou distribuindo com os outros a prata velha de casa, que Deus e o tempo me permitiram juntos. É pouca mas é a prata. Nunca chegou a virar ouro mas moedas falsas não as tenho.

Depois, cada um dá o que tem. Também os moços continuam crianças remanescentes neste particular: - pedem demais mas se contentam com pouco, contanto, que esse pouco signifique lealdade e generosidade.

Uma jovem pede ao pai a imensidade azul de um céu mas se contenta com o broche de safira que ele lhe dá.

Pois bem, Socorro, o pouco que vai aqui para você, tem a marca da lealdade e da generosidade.

O "abrir-nos Deus uma janela, quando nos fecha uma porta "significa que Deus não permite que nenhuma pessoa, por maiores que sejam as provocações e infortúnios, fique sem condi-

ções de suportar a vida e de salvar-se.

Deus prova as suas criaturas mas não a ponto de torná-las totalmente infelizes, completamente desgraçadas. Sempre deixa uma condição, uma possibilidade, sempre faz uma compensação pelo que nos tira, sempre abre uma janela, por onde a alma pode vê-lo e contemplar com simpatia a vida. Quando nos leva uma cousa, põe outra em seu lugar.

Se nos leva a saúde, dá-nos a paciência; se nos leva a riqueza, inspira-nos a pobreza resignada; se permite um acidente que nos fere gravemente, sugere-nos a prudência, com que evitaremos um desastre fatal; se permite um desastre que nos leva a vida, dá-nos a graça da perseverança final que nos salva a alma.

Olhe, Socorro, para as suas colegas, e você não encontrará uma só que não possua alguma cousa ou dom que mereça respeito e admiração.

A primeira das suas companheiras não é inteligente mas é bonita. A Segunda não é bonita nem inteligente mas possui uma voz que é um encanto. A terceira é pobre mas vende saúde. Esta é doente mas é rica. Aquela é um fracasso em matemática mas é um talento em pintura. Aquela outra possui numerosos pontos negativos mas tem, ninguém sabe por que, sorte em tudo. A sétima sem ser a mais inteligente da classe nem a mais bonita, nem a mais rica, nem a mais vigorosa de saúde, é um caso de liderança autêntica. A morena não é bonita de corpo mas olhos mais fascinantes só se encomendar. A loura tem mãos feias mas o seu sorriso é alguma cousa de feitiço. A baixinha tem complexo de estatura mas o timbre de sua voz parece uma mistura de gorjeio e de piano em surdina. A altona tem ímpeto de cortar cinqüenta centímetros de pernas mas as madeixas do seu cabelo negro parecem tranças feitas do escuro da noite.

Portanto, Socorro, ninguém existe neste mundo que não apresente uma marca da beleza e da bondade de Deus.

Deus nunca apaga todas as Lâmpadas de um espírito. Deus não queima nunca todas as esperanças de uma alma. Deus nunca estanca todas as fontes da vida. Deus nunca escurece todo o céu azul de uma pessoa.

Assim, esta esposa pranteia a saudade do esposo desaparecido, em plena juventude, mas o único filhinho que ficou do ca-

sal, dia a dia, enche de orgulho e felicidade tão honrada viuvez. Aquela mãe deplora os desatinos do seu primogênito mas não pode deixar de reconhecer, como uma bênção do céu, o marido dedicado e compreensivo, que possui.

Este homem, antes irrequieto e irreligioso, é vítima de uma doença pertinaz que o consome pouco a pouco; mas Deus lhe dá a coragem da renúncia diante da vida, que a todos edifica. É um evangelista a escrever, nas páginas da sua carne enferma, o evangelho do sofrimento cristão resignado.

Deus permite o martírio mas dá a palma do triunfo ao seu mártir e a glória do céu ao seu filho.

O certo é que Deus nunca nos leva tudo, sem antes nos fazer um presente.

Para evitar confusão, já que tantas são as Socorro, a Socorro desta crônica é Maria do Socorro Nóbrega Fernandes.

Pois bem, Socorro, não se arreceie nunca da generosidade divina nem permita que alguém o faça, não desconfie da bondade do Senhor, não vacile em aceitar a verdade consoladora desta primorosa sentença: Quando Deus nos Fecha uma Porta, Abre uma Janela.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Maio e a Santa

Como o ano passado, estou aqui, neste horário, prestando a minha homenagenzinha, em nome da Rádio Espinharas, à Virgem, Rainha de Maio.

Maio, sob todos os respeitos, é, por excelência, a quadra festiva do ano.

O clima melhora. Rarefeita a atmosfera, as estrelas brilham mais cintilantes. Os poentes desesperam-se em cores. As tintas doiradas do amanhecer são mais belas. Os campos e jardins florescem. Os pássaros clarinam e gorjeiam. As aves constróem os seus ninhos. Os rebanhos, nédios e luzidios, procuram os pátios das fazendas. Quando houve inverno, já há fartura. A canjica enfeita a mesa do pobre. O feijão verde refaz-lhe as forças. O milho assado o refestela. Amarelo de flor, o algodoal reanima-lhe as esperanças. Os namoros transformam-se em alianças de noivados. O operário celebra o seu dia mundial. E, por cima de tudo, é o mês consagrado à Mãe Santíssima de Deus e dos homens.

Nos sítios e na cidade, há mais alegria entre o povo. Pressente-se um aspecto de festa nos lares. No semblante das pessoas, espelha-se um contentamento geral.

Há perfume na atmosfera e uma suave atmosfera de misticismo em tudo.

Nas igrejas e nos santuários domésticos, cantam-se louvores, rezam-se preces, invoca-se o nome de Maria.

O que mais encanta em Maio, é um sentido unitário de família, de comunidade, entre todos.

Isso encanta mas não admira, porque os louvores e exercícios marianos, com que o povo, em Maio, exalta o nome da Santa, o faz no reconhecimento de sua maternidade espiritual. E a mãe é o elo de unidade e coesão entre os filhos.

Parece mesmo que a fraternidade nasce com o leite materno. Por bebê-lo o mesmo todos os filhos é que se fazem irmãos.

Constata-se isso praticamente. Morre a mãe e fica o pai, dentro em pouco a família está dispersa, sobretudo se aparece a pobrezinha da madrasta, tantas vezes humilde e humilhada mas

sempre aborrecida e indesejável.

O viúvo tem os seus motivos mas os filhos têm a sua razão. Uma mãe não se substitui.

Tenham-se em consideração os motivos do pai, viuvo, mas nem sempre se despreze a razão dos filhos, órfãos.

Morre o pai e fica a mãe, a família continua coesa, unida, por muito tempo. Só, ao depois, sucessivamente, é que vão saindo os filhos para constituir novos lares, outras famílias.

Perdoem-me os nossos irmãos separados, talvez uma das causas da fragmentação do seu campo religioso, originariamente uno, tenha sido a ausência do culto mariano.

Também, quem sabe se, em parte, não explique as crises de unidade da Igreja atual o receio descabido de que uma mais aprofundada mariologia prejudique o culto cristocêntrico do Salvador, que é o culto, por excelência, da cristandade.

Não há duvida que Cristo é o único Salvador, o centro de tudo, a fonte inexaurível da graça.

Mas haverá culto mais cristocêntrico do que o culto a Maria Santíssima!

Ninguém adora a Cristo por ser filho de Maria mas só venera a Maria por ser a mãe de Cristo, Deus, o Salvador.

Portanto, um dos meios mais adequados de glorificar o Salvador, é exaltar-lhe o nome da Mãe Santíssima.

Assim sendo, numa mais lúcida compreensão dos nossos deveres religiosos, envidemos todos os esforços para que o mês de Maio de 1969, a iniciar-se amanhã, seja, por suas solenidades e exercícios marianos, o mais concorrido, festivo, brilhante, fervoroso, de toda a nossa vida.

Que Maio volte ao seu esplendor antigo. Maria o espera. Cristo o quer.

Que filho desnaturado seria Jesus se a exaltação de sua mãe o constrangesse e ofuscasse.

Erro seria o daqueles que tal pensassem ou assim agissem.

Cresce a glória do Filho pelo louvor da Mãe, porque é por ele que este se faz.

Que um só dia não se passe, sem que, em nossos lares e nos templos do Senhor, alguma cousa a mais e de novo se faça em honra da Santa de Maio. Ela é a nossa mãe mas, sobretudo, é

ela a mãe de Jesus Cristo, o Filho de Deus, o nosso Salvador.

Que se tire, no nosso modo comum de falar, o mês de Maio pelas fazendas.

Que beleza de piedade, que unção religiosa, que perfume de devoção mariana, ouvir-se, pelos campos, de moradias humildes ou da casa grande, o vozerio de preces ou a suavidade de cânticos em exaltação ao nome da Virgem de Maio, a Rainha do céu e da terra.

Como isso faz bem à alma da nossa gente, inspirando-lhe nobres e inefalíveis sentimentos cristãos, dando-lhe sossego aos dias de trabalho e tranqüilidade às horas de repouso!

Aqui, na cidade, atendamos todos aos apelos insistentes dos nossos vigários e compareçamos jubilosos às nossa igrejas matrizes, a fim de que aumente o nosso fervor mariano o brilho, em esplendor maior, a excelsa glória da augusta Mãe do Senhor.

Apostemos primazias no louvor à Virgem. Ninguém se escusa nem se cansa em enaltecer as maravilhas que Deus realizou na pessoa de sua Mãe Santíssima.

Que Patos volte aos bons tempos, aos velhos tempos, em que, com tanto entusiasmo e piedade, festejávamos: Maio e a Santa.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Virgem de Fátima

Tratando-se de visões e prodígios, de aparições ou taumaturgos, sigo a linha do comedimento e expectativa da Igreja. Nem o exagero da credulidade nem a teimosia da incredulidade, Nem fácil de crer nem difícil de crer. Mas uma atitude de equilíbrio, por sinal, a mais custosa e rara, por ser vertical e eqüidistante.

Não se transfigurem em milagres as possíveis maravilhas das forças ocultas da natureza. Sabemos até onde estas não podem chegar mas ignoramos até onde poderão chegar. Portanto, que não se ponha a marca do sobrenatural naquilo, em que a natureza, interferindo, pode explicar.

Fátima, mesmo com a clarividência de suas provas e a agressividade de seus detalhes, recebeu igualmente a costumeira e prudente trituração por parte das autoridades eclesiásticas.

Esse "cozinhar" lento, terminando na aceitação, tem a grande vantagem de aumentar a segurança e o fervor da crença.

Fátima, sob todos os aspectos, impôs-se à fé ardente, ao piedoso enlevo, ao respeito e reverência de toda a cristandade.

Negar-lhe os pródigos seria cetismo ou estultício; atribuir-lhe causas outras que não o sobrenatural – é temeridade e escárnio.

As maravilhas de Fátima são tão brilhantes que empolgaram a atenção do mundo e encheram de luz os olhos da Igreja.

Um novo perfume mariano trescalou suave e revitalizador por toda a cristandade.

Fátima reacendeu em todos nós a certeza do céu e da presença maternal de Maria junto à humanidade.

Por isso, é com a maior exultação que nos lembramos, neste mês, de que a nobre cidade de Patos, a ilustre sede episcopal da Diocese, consagrou à Virgem de Maio um templo e uma paróquia, sob o título de Nossa Senhora de Fátima, confiados ao zelo apostólico e à piedade mariana dos Reverendíssimos Padres Salvatorianos.

Que os paroquianos de Fátima sejam reconhecidos ao privilégio, com que foram aquinhoados, recebendo por excelsa

Patrona aquela que, em terras lusitanas, para glória do Senhor, ascendeu sóis e fez florir roseiras.

Maio, por ser o mês dedicado especialmente a Maria, deve valer uma convocação geral para toda a Paróquia.

Que, à noite, na matriz da Santa, para os exercícios marianos, se registre a presença de todos os fiéis, no fervor das preces e no ardor dos hinos.

Fátima é um marco histórico na vida da Igreja. cabe-nos a obrigação de assegurar, entre nós, a influência benéfica dessa providencial intervenção de Maria Santíssima no mundo.

Jordões de graças, com essa interferência da Virgem, fluíram para a terra e para as almas. Pois então que nos ajudem os céus para agradecermos, pela bondade de mãe e pelos cuidados da intercessora: À virgem de Fátima.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Que os Filhos sejam Dignos da Mãe!

Que não decresça, com o correr dos dias, o fervor mariano da cidade.

O ardor em louvar a mãe deve reacender-se em cada filho, à medida que mais a louva e venera. Portanto é justo esperar que este final de Maio se caracterize por uma mais ardente devoção a Maria Santíssima.

Que aumente, de noite a noite, o interesse dos fiéis no comparecimento aos piedosos exercícios do mês.

Mais gente em nossas igrejas, mais respeitoso silêncio na casa do Senhor, mais vibração nos cânticos, mais fervor nas preces, mais freqüência aos sacramentos, mais autêntico testemunho de vida, tudo isso é o que de nós espera a Mãe do Salvador, a Santa de Maio.

A religião não é apenas uma filosofia de vida; é sobretudo uma ética de vida. Não basta apenas a idéia, o princípio, a iluminação. É mister a lei, a norma, o roteiro. Não chega só a fé, Impõe-se consequentemente a prática da fé. O justo vive da fé, diz São Paulo.

Não basta apenas amar, se o amor é meramente afetivo. Urge o amor efetivo, aquele que se concretiza em atos, em realizações, em obras. "Aquele que me ama, guardará a minha palavra", afirma Jesus.

Assim, é necessário e urgente, indispensável e inadiável o testemunho de vida em corroboração da nossa crença. Ninguém é sinal de Deus, se antes não se tornou sinal coerente de si mesmo.

A dupla personalidade em matéria de religião é mais danosa do que a mesma diversificação de comportamentos no plano social, porque põe em descrédito as mesmas verdades da fé.

O que se impõe, é o mandato do Senhor: "Que a vossa luz brilhe diante dos homens para que eles glorifiquem o Pai que está nos céus".

Fé e vida é a síntese do cristão.

Fé e vida na igreja, no lar, na sociedade, em tudo.

Por isso, é de esperar que esse afervoramento mariano durante o mês de Maio resulte numa purificação maior dos nossos costumes sociais, num aprimoramento da nossa vida cristã.

Na sua condição de intercessora, Maria quer razões mais fortes e convincentes para, interferindo junto ao seu Filho Divino e Mediador dos homens, obter, em benefício de seus filhos na terra, graças mais eleitas e favores mais abundantes.

A nossa conduta irrepreensível diante de Deus enternece o coração da Virgem e atrai as benções do céu.

O zelo pela glória do Senhor inclina-o complacente para as nossas almas. Move-o indulgente para nos ajudar nos sacrifícios de nossa existência terrena e nas renúncias heróicas da nossa santificação pessoal.

Pela formosura espiritual de cada cristão é que a Igreja de Cristo apresentará ao mundo toda a sua face fulgente de beleza.

Já que o mistério da Igreja foi revelado no tempo por força de Cristo, cabe ao homem dar-lhe a plenitude da dimensão humana que ele postula e impõe.

No centro desse espetáculo de esplendor, a imagem da Virgem surge e avulta como o mais belo ornamento da família humana e o mais brilhante adorno da cristandade.

A grandeza e o poder, que lhe conferiu a maternidade divina, ela os usa junto a Cristo no cumprimento de sua sublime e augusta missão de intercessora.

A grandeza de Maria é o orgulho da humanidade; o seu poder, a nossa confiança.

Ter no céu, junto Deus, Maria, é ter a tranqüilidade de filho no regaço da mãe.

O respeito à santidade e à ternura do seu amor obriga-nos a dizer: Que os Filhos sejam Dignos da Mãe!

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Pela Terceira vez, Pêsames Pombal

Sessenta e nove, se não está sendo um ano aziago para a velha e nobre cidade de Pombal, já se tornou, na história da sua gente, uma fase de dolorosas e permanentes tristezas pela perda de três dos seus mais expressivos valores humanos.

Morre o Mons. Oriel Antônio Fernandes, vigário da paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Era natural de Uiraúna mas de há muito estava fortemente vinculado a Pombal, como um dos seus melhores condutores espirituais.

Desaparece depois o clínico renomado, que foi o Dr. Antônio Ferreira da Nóbrega.

Por fim, e Deus permita que assim o seja, para que as lágrimas e o luto outra vez não voltem a Pombal – por fim, leva a morte esse belo rapaz, sextanista de medicina, Alcides Macena. Uma rica esperança que se desfez. Uma grande promessa que findou.

Mesmo possuindo outros que substituam os valores desaparecidos, não deixa de ser, pela magnitude dos extintos, uma grande lacuna perder, em poucos meses gente do vulto do Mons. Oriel Antônio Fernandes, do médico Antônio Ferreira da Nóbrega e do doutorando Alcides Macena Dantas.

A sorte está adversa para Pombal, este ano. Que é que há contra a antiga Povoação das Piranhas!

Conjuram-se poderes secretos contra a boa gente? Conspiram forças ocultas contra a nobre cidade?

Nada disso. São meras coincidências históricas que, por serem lamentáveis, não deixam de ser apenas coincidências.

Hoje, somente do médico que do doutorando e do padre já tratei.

Quase seis anos nascido antes dele, conheci Antônio Ferreira da Nóbrega ainda criança, na cidade de Pombal, dadas as relações de amizade entre as nossas duas famílias. Por sinal, João Ferreira ou João Cota, seu genitor, homem de bem a toda prova, era meu padrinho.

Embora "Ferreira" ambos os nosso pais, não éramos parentes.

O meu maior e mais diuturno conhecimento de Antônio Ferreira foi em 1936, quando trabalhamos juntos no Colégio "Padre Rolim", de Cajazeiras, ele como professor e tesoureiro e eu na qualidade de diretor.

Lembro-me muito bem dele, alto, avermelhado de rosto, olhos pequenos que fechava, quando ria ou gargalhava estrondosamente, o que fazia com freqüência. Tinha o sestro de sacudir ligeiramente a cabeça, quando iniciava uma conversa, e o hábito de andar de fronte semi-caída para frente.

Seus movimentos eram rápidos e nervosos.

Impulsivo de temperamento, coibia-se nas explosões de cólera, embora fosse ferino nas críticas e no desdém.

Tinha o arrojo dos homens fortes e a vocação quase suicida dos temerários.

Cuidava-se bem no cabelo penteado e no vestir quase sempre de branco mas era desarranjado em seus pertences.

Não vão dizer que a convivência entre nós dois fez a ambos semelhantes neste detalhe.

É que ele, como lá diria o romancista francês, preocupado em pôr ordem na cabeça, se esquecia de pôr ordem em suas cousas.

De acentuada curiosidade intelectual, era um tipo inato de pesquisador. Enfastiava-o o caminho já perlustrado por outro. Tinha o espírito de aventura, pois lhe era de sumo agrado abrir roteiros. Ardia-lhe a febre da originalidade.

Era uma inteligência quase brilhante e inquieta.

De espírito arrogantemente independente e acentuado senso de justiça, não suportava humilhações. Revoltava-se contra injustiças. A prepotência o indignava, por isso, era amigo dos simples e dos humildes.

Embora houvesse sido cuidadosa e marcantemente cristã a educação doméstica que recebeu, era meio relaxado nas práticas da religião, se não avesso, sem ser, no entanto, materialista ou ateu.

A facilidade em aprender não fazia dele um rapaz sistematicamente estudioso. Estudava de veneta. Talvez fosse a mesma

facilidade em aprender que o levava a acumular, para a última hora, as obrigações do estudo pela certeza, que tinha, de dominar, em curto prazo, as disciplinas ou matérias.

Fruto da educação no lar, não era tímido mas retraído. Por isso, apesar de alegre, era meio fechadão. Falta-lhe espontaneidade nas reuniões sociais. Em parte, também o era pelo desprezo que dava ao convencionalismo.

No entanto, nos círculos mais estreitos e menos exigentes de suas amizades, ganhava naturalidade numa espécie de compensação e desafogo por certo acanhamento que ainda carregava consigo.

Se não fora a sua educação de infância, presa e excessivamente cuidadosa, seria uma alma totalmente destelhada, de janelas abertas, sem sombras.

Na intimidade, era agradável e cordial a sua convivência, por alegre e comunicativo que se tornava.

Desprendido e generoso, era quase perdulário.

Marcante, a sua prestimosidade.

Foi esse moço assim, dotado de rica personalidade, que conheci em Cajazeiras e com quem convivi em 1936, no Colégio "Padre Rolim".

Era uma brilhante promessa. Por mais que haja rendido a sua vigorosa inteligência, deu um pouco mais da metade, do que era capaz.

Sei que, na cidade e município de Catolé do Rocha, onde viveu quase todos os seus 27 anos de médico, era estimado, tendo conceito e real fama como clínico.

Sob esse aspecto do exercício da sua nobre profissão de médico, ele é mais de Catolé do Rocha, onde viveu todo o tempo, do que de Pombal, onde apenas nasceu, passou a infância e parte de sua juventude.

Nunca perdeu, no espírito, a marca do desprendimento e da generosidade. Prestimoso, a todos que o procuravam como médico, os atendia em qualquer lugar ou hora do dia e da noite.

Nada recebia, segundo fui informado, ou só raramente recebia proventos pela prestação dos seus serviços profissionais.

Nasceu em 1914 e formou-se em 1942, sendo o orador da turma. O talento, com que se impôs ao respeito dos seus colegas,

foi o motivo da escolha.

As cousas continuavam a prognosticar-lhe um futuro muito promissor.

Casou-se, em 1945, com Dona Cacilda Mariz. Da união ficaram cinco filhos.

Nesse mesmo ano, exerceu, pelo período de quatro meses, o mandato de prefeito de Catolé do Rocha.

Não foi uma incursão pela política, que, para a política, condições psicológicas não tinha, dadas as arestas vivas de sua personalidade, que nada as amaciava. Não se renderia a injunções partidárias, mesmo legítimas, pois a ele, que tinha o luxo da independência, qualquer exigência incomodava e feria.

Como viveu desabusado e altivo, portou-se diante da doença e se houve perante a morte.

Só tombou para cair, quando caiu de uma vez e para sempre.

Era inflexível, indomável, soberbamente forte.

Creio que a educação doméstica excessivamente cuidadosa, circundante, que lhe coibiu o madrugar cedo do espírito de iniciativa, de aventura, e o meio pouco exigente, em que viveu – perderam, em parte, o moço inteligente e promissor.

Revoltado e aventuroso, vingava-se dos excessivos cuidados da educação pelos exageros prejudiciais da altivez e independência; e, sem o estímulo forte da emulação, que o meio não tinha condições de ministrar-lhe, fazendo-o entrar em páreos para superar, pelas surpresas da originalidade e da acuidade, os diversos e possíveis competidores – acomodou-se com as riquezas de espírito que já possuía, ensarilhou as armas poderosas de luta, encolheu as asas capazes de remígios altaneiros, acendeu, em vista das suas múltiplas e vigorosas possibilidades, apenas uma lamparina, quando muito bem poderia ter feito arder uma estrela.

Esse foi o médico, humanitário e ilustre, que Catolé perdeu e que enlutou Pombal; que ambas pranteiam na sua saudade pungente e duradoura.

À nobre e querida gente de Catolé do Rocha, pela grande perda, a minha solidariedade na dor; e a Pombal, a que já tive a honra de pertencer pelo berço e continuo a pertencer pelo afeto, só tenho a dizer nessa conjuntura constrangedora: Pela Terceira Vez, Pêsames, Pombal!

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Alegria de Esperar

Há passado, futuro e presente mas rigorosamente o tempo é indivisível, não se parte, não se fragmenta, não vira pedaços

No entanto cada ano novo para nos é sempre uma fase diferente, uma era nova.

Há os sobressaltados de receios mas estes só pensam em melhores condições de vida e que lhes volte a tranqüilidade.

Há os acabrunhados de tristeza mas estes só contam com dias mais claros, em que readquiram o gosto de viver.

Há os que se julgam infelizes mas estes apenas sonham com o alívio para os seus infortúnios e com um novo raio de esperança.

Há os perseguidos mas estes só esperam a paz sobre a terra e a concórdia entre os homens.

Há os doentes mas estes estão certos de que a saúde lhes voltará e outra vez se tornarão válidos.

Há os famintos mas estes já preparam o estômago para a fartura do pão e para as surpresas da sorte.

Há o agricultor que se alvoroça com a sua seara lourejante, o pecuarista com os seus rebanhos médios, o comerciante com os seus bons negócios, o político com êxitos brilhantes, o empregado com mais aumentos e o próprio mendigo com esmolas mais abundantes e polpudas.

Todos, absolutamente todos, só esperam do ano novo surpresas agradáveis e afortunados dias.

A criança, no seu imediatismo de criança, vibra logo com a entrada ruidosa do tempo novo; jovem prefere passar a noite insone, acumulando riquezas de sonhos róseos; a velhice, até a velhice, se balança toda a requebra na gostosa presenção da volta do vigor e de um miraculoso rejuvenescimento. E a vitalina, enjoada de tanto caritó, com olho no moço quarentão ou no viuvo enxuto povoa os seus sonhos dos mais esquisitos pesadelos de bregas de faca no samba do casamento.

Que responsabilidade tremenda a do Ano Novo para não decepcionar tanta gente!

Por serem muitos os pretendentes à felicidade, não há jeito, alguns serão mesmo decepcionados mas a maioria conseguirá converter em dias alegres os seus sonhos de ventura e boa sorte.

O tempo é indivisível mas o Ano Novo não há duvida é qualquer cousa de diferente, de mais bonito, de mais alegre.

As ricas promessas que sugere e oferece, dão, pelo menos a cada um, o que já é muito: A alegria de esperar.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia Mundial da Paz

Atendendo a um insistente e veemente apelo do Sumo Pontífice Paulo VI, a Diocese de Patos vai celebrar solenemente o Dia Mundial da Paz.

Todos devemos solidarizar-nos com o desejo e intento do nosso Pastor Diocesano no seu atendimento à solicitação do Chefe da cristandade.

É uma comemoração que exige a participação pessoal de cada um de nós.

O problema da paz é universal.

Nem mesmo podemos entender a vivência plena da mensagem cristã, sem o interesse pela paz.

Cristo é o Príncipe da Paz.

A paz para os homens e a glória a Deus constituem a missão precípua do Redentor.

Que veio fazer o Filho de Deus na terra, senão, morrendo na cruz, reatar os harmoniosos laços de paz entre Deus e o homem.

Que veio fazer o Filho de Deus na terra, senão, morrendo na cruz, reparar a majestade de seu Pai, ultrajada pelo pecado do homem.

Por isso, a mensagem de Belém "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade" é o slogan angélico da missão divina do Cristo Redentor.

Por isso, nenhum cristão pode viver totalmente tranqüilo e feliz, se no mundo ainda existe guerra.

A guerra, que é a discórdia entre os filhos de Deus, é visceralmente contrária à mensagem cristã.

Não há guerra sem sangue humano derramado e matar, mesmo antes da mensagem de paz do Salvador, já era vedado por mandamento do Senhor.

Portanto ficar indiferente no sentido da consecução da paz é omitir-se perante a própria mensagem de Cristo.

Assim não se compreenderá a nossa ausência no dia primeiro do ano, quando o Chefe da Cristandade apela para todos

os cristãos, para que rezemos juntos numa prece solidária, pedindo a Deus que conceda a paz entre os homens na terra, a paz para todos e para cada um de nós.

Desse modo, vamos unir-nos ao nosso Bispo, nas solenes comemorações, do dia primeiro. Afim de a nossa prece ser uma prece coletiva e oficial da Igreja.

Marquemos a nossa presença pessoal em todas as comemorações, para que, pedindo a Deus o extermínio das guerras entre os povos, mereçamos dele para a nossa Pátria uma paz fecunda e duradoura.

Que o Príncipe da Paz, Jesus Cristo, nos inspire o gosto e o interesse em celebrar: O Dia Mundial da Paz.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Semana da Pátria

Nada mais oportuno e nobre do que e exaltação da Pátria, que se está fazendo por toda esta semana.

Tem por fim despertar em todos nós, especialmente, na juventude, a consciência comunitária de nação e um acendrado amor ao Brasil.

Essa consciência comunitária nada a deve enfraquecer ou desvigorar nem as divergências regionalistas nem os desentendimentos pessoais

A Nação não é de um só nem de um grupo, pertence a todos e todos a devem engrandecer.

A oposição respeitosa e construtiva a um regime político constituído é proveitosa na medida, em que critica possíveis erros e aponta ou sugere soluções acertadas.

Ninguém possui a verdade total, portanto cabe a vigilância de todos.

Mas já não é válida a oposição, se, pelo gosto só de opor-se, não visa aos interesses comuns do País, à garantia da sua integridade, unidade e grandeza.

Essa situação benéfica de geral preocupação pelos destinos da Pátria, só é possível, quando, viva e vibrante, existe a consciência comunitária da Nação.

Assim, é de inteira aceitação qualquer esforço no sentido de criar ou revigorar essa consciência.

A ninguém assiste o direito de opor-se ou omitir-se diante de trabalho tão fecundo e patriótico.

No dia, em que, por amor, todos os cidadãos se devotarem aos interesses da Pátria, a partir daí, começou a haver, na rigidez da sua organicidade, o sentido de nação.

Dissensões políticas ou atitudes ideológicas não devem quebrar nunca essa linha bonita de coesão e unidade.

Entre os méritos da Revolução, é força reconhecer, este é um dos maiores: a determinação sempre mais acentuada de insuflar no ânimo dos brasileiros o amor ao Brasil.

Nesse particular, o atual magistrado supremo da Nação

timbra em cuidados especiais e zelosa solicitude.

Parece mesmo caprichar num elevado propósito de congraçamento de todos os brasileiros.

Congraçar todos os brasileiros numa integração comum para o soerguimento da Pátria parece ser a sua meta prioritária.

As últimas atitudes do seu governo estão a demonstrar isso claramente.

E o mais importante é que o General Médici tem confiança em seu trabalho.

Segurança disso é a sua frase lapidar em relação ao soerguimento da Pátria: "Ninguém segura o Brasil", isto é, ninguém o impedirá de crescer.

Sabe, no entanto, Sua Excelência que isso será impossível sem uma mobilização geral dos seus concidadãos.

Por isso, procura primeiro, por sua inteireza e realizações, merecer-lhes a confiança para depois despertar em cada um a consciência comunitária de nação.

Não resta dúvida que tem esse propósito elevado e nobre: A Semana da Pátria.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Semana da Criança

Esta crônica atinge, de uma só vez. dois objetivos: é uma comemoração da Semana e do Dia da Criança e o atendimento à solicitação do nosso amigo Manuel Augusto da Costa.

Em 12 de outubro, transcorre o Dia da Criança mas toda a semana lhe é consagrada.

A importância do assunto exige mais tempo do que um só dia, a fim de que os seus múltiplos e variados aspectos sejam, se não focalizados em sua plenitude, pelo menos lembrados em sua principalidade.

Já se disse que "a educação, se não é o problema único, é o problema central da humanidade". E a criança é o objeto precípuo da educação.

Os quadros humanos universais renovam-se pelo surgimento das sucessivas gerações e cada geração começa sempre pela infância, pelo que cada época histórica será o que tiverem sido as suas crianças.

O lastreamento da personalidade, pela aquisição de hábitos bons e sadios, é posto fundamentalmente nas primeiras fases etárias.

Ao lado das tendências, são os hábitos que marcam e governam os nossos destinos.

Pois bem é na infância, desde os primeiros anos, que se vão formando os hábitos.

A razão é óbvia. O hábito supõe normalmente uma tendência que, através dele, se realiza e plenifica. É por isso que a atividade habitual é, de si, fácil e agradável.

A vida da criança é mais instintiva do que racional, o que faz que ela, sem o exercício ainda da aparelhagem da censura e do controle, siga agradavelmente as suas tendências.

A criança vai selecionando naturalmente as atividades que lhe dão prazer ou causam agrado, o que vale dizer, vai vivendo a sua vida instintiva.

Como, pela repetição dos atos, as tendências se revigoram em hábitos, está sempre presente na infância o risco da formação

de hábitos maus.

Sendo assim, a criança é um campo aberto para o bem e para o mal, que só a vigilância dos pais e dos educadores previne e acautela.

Em si mesmas, as tendências nem são boas nem são más mas somente fontes abundantes de forças que devem ser postas a serviço da formação da nossa personalidade.

Isso porque as próprias tendências que nos inclinam para o mal, podem ser canalizadas para o bem por obra da vigilância e da educação.

Só um exemplo. Um menino é buliçoso, traquino, briguento, pelo que manifesta tendência para a agressividade.

Se falha a vigilância dos pais que o deixam às soltas, entregue às suas continuadas travessuras, e se dele não cuida com empenho a educação, corrigindo-o e orientando-o – pode tornar-se um desordeiro, um assassino, um elemento nocivo para a sociedade.

Se, pelo contrário, lar e escola empreendem harmonioso trabalho de sadia e sólida formação, pode vir a ser aquela criança uma personalidade afirmativa, forte, corajosa, trazendo brilho para a sua comunidade.

Também se a criança revela sinais positivos de tendências para belas e nobres qualidades mas é deixada, sem cultivo e incentivo, na promiscuidade de companheiros maus – pode, imitando a estes, enredar-se por outros caminhos, estragando todo o lastro das suas inclinações para o bem.

Então, já que cada sociedade será o que tiverem sido as suas crianças, se concluirá daqui que toda solicitude deve ser posta na formação da infância.

Para lembrar assunto de tamanha monta, que se aproveitem cada ano o Dia e Semana consagrados à Criança.

Transfiro as considerações, aqui feitas, para o casal Manuel Augusto da Costa e Dona Maria do Socorro Albuquerque que festejou ontem o primeiro aniversário do seu primeiro filho, a interessante Miqueline Albuquerque da Costa.

Não se embeveçam os dois somente pelo encanto do primeiro fruto do seu casto amor mas que madruguem caprichosamente na formação de sua filhinha.

Se querem ver enfeitado futuramente o seu lar com uma bela jovem, que seja alegria e orgulho dos pais, cuidem cedo, através de um meticuloso trabalho de educação, de enriquecê-la sucessivamente de hábitos sadios e brilhantes qualidades.

Se não podem os pais plasmar inteiramente a personalidade de seus filhos, muito podem contribuir para isso e o devem fazer, porque é sumamente grave a responsabilidade daqueles que têm em suas mãos o destino eterno de um pequenino ser humano.

Todos os pais desejam que seus filhos sejam os melhores mas nem sempre todos os pais se esforçam para que seus filhos sejam tão perfeitos.

Que o casal, em cada novo aniversário da atual pequenina Miqueline, ao lado do enlevo pelo crescimento da filha, faça uma corajosa revisão do quanto, por ela, vem realizando em matéria de educação e aperfeiçoamento.

Nada mais nobre e valioso do que o esforço na formação de uma criança.

A família reside em Patos, à Rua Felizardo Leite.

Manuel Augusto da Costa é irmão de dois dos funcionários da nossa Emissora.

Parabenizo os pais pelo aniversário de ontem, augurando a Miqueline votos de vida longa, saúde e felicidade; e agrada-me a circunstância de, a um jovem casal, fazer estas considerações no ensejo de comemorar: A Semana da Criança.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Família de Nazaré

Um dos testemunhos mais valiosos em prol da excelência e santidade da família é a existência na terra e no tempo do Lar de Nazaré.

Só o fato de o Verbo Encarnado ter escolhido a família para a sua vivência entre nós a sobreleva e santifica, mesmo antes da elevação do matrimônio, que a institui, à dignidade de sacramento.

A exemplo da família trinitária no céu – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – o Senhor quis também a sua família na terra – Jesus, Maria e José.

Assim Nazaré é um reflexo esplendente da família trinitária e uma formosa e nobre convalidação na sociedade instituída no Éden.

Nem do restaurador da ordem no mundo – Jesus Cristo – maneira diferente de agir era de esperar, uma vez que é impossível pensar em renovação e aprimoramento de estruturas humanas, sociais, morais e cristãs, sem a estabilidade e enaltecimento do lar, embasamento, fulcro e respaldo de tudo.

Sendo assim, a Sagrada Família de Nazaré teve a excelsa destinação de servir de exemplo e de modelo para todos os lares.

Estamos fazendo estas considerações por motivo da proximidade da festa litúrgica da Sagrada Família que, sendo celebrada no primeiro Domingo após o Natal, incidiu no dia 31 de dezembro, passado.

Jesus, como filho; Maria, na qualidade de esposa e de mãe; e José, na condição de esposo e de pai – os três compendiam, em suas pessoas e vidas, em referência ao exercício de tão sublime e sagrados encargos, todas as virtudes e o equilíbrio impecável de senso de responsabilidade.

O esplendor de Nazaré não vem da riqueza, do fausto, da magnificência, pois se trata de um lar modesto, pobre mesmo, mas da verdadeira e completa felicidade que reina sob o teto da casa humilde de um operário. E tudo isso, porque os três, que constituem aquela família, cumpriam estritamente as suas obri-

gações especificadas: Jesus é o filho paradigma; Maria, de esposa e mãe, o modelo perfeito; e José é o protótipo do esposo e pai.

Pela observância em plenitude dos deveres de cada um, era uma família harmoniosa, tranqüila, perfeita, santa , feliz.

Nos dois importantes episódios, narrados pelo Evangelho, que marcarem a vida da Sagrada Família de Nazaré, todos estiveram à altura do duríssimo cumprimento das suas difíceis e sublimes missões.

Na fuga apressada para o Egito, brilha, ao extremo, no chefe da Família, a submissão total à ordem do Senhor e a plena confiança na sua ajuda.

Na fuga do Menino, ficando no templo de Jerusalém entre os doutores, esplende, com todo o seu luzir, em Maria, o senso da maternidade responsável que não se omite, por acomodamento, em qualquer circunstância, mesmo que se trate de um filho Deus.

Assim, a Virgem, quando encontrou o Menino no templo, interpela-o terna mas sentidamente: - "meu filho, por que fizeste isso conosco? Há três dias teu pai e eu te procurávamos, aflitos".

Como, nesse fato, avulta a sublimidade de Maria diante de pais submissos e mesmo, acovardados, em face a desregramentos de conduta de filhos!

Também na resposta do Menino, justificando inteiramente a sua atitude: "Não sabíeis que devo ocupar-me naquelas cousas que são da vontade de meu Pai! – num devido discernimento, tratando-se ainda de pais os mais santos, fica certo que nada pode prevalecer sobre os direitos de Deus, sobre os interesses da sua glória.

Dessa maneira, com suavidade e enternecimento, com beleza e brilho ímpar, é, para todos os lares, exemplo e modelo: A Família de Nazaré.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Louvor à Imaculada

Todos os anos, no dia 8 de dezembro, presto, neste horário, sincera homenagem à excelsa Padroeira da minha paróquia de origem, Malta; e o faço, orgulhecido da minha terra e exultante da homenagem.

Este ano, atendendo a um apelo do Vigário, o Cônego Acácio Cartaxo Rolim, estou proclamando o meu louvor alguns dias antes, para repeti-lo na data da solenidade.

Entendo e aceito o intento pastoral do apelo do Revmo. Pároco, que é motivar e incentivar mais um pouco os seus paroquianos no sentido de maior e mais fervorosa participação nas solenidades anuais em honra da Padroeira da paróquia, Nossa Senhora da Conceição.

Com audiência da nossa emissora em todo o território paroquial e municípios vizinhos, qualquer palavra divulgada de estímulo e convencimento não deixa de ajudar, sobretudo quando essa palavra de estímulo e de convencimento procura levar ou difundir uma mensagem de fé e de amor, de esperança e de alegria.

Conheço a profunda religiosidade da minha gente e a sua acendrada devoção à Mãe Santíssima de Deus e mãe nossa, sob a inovação de Virgem da Imaculada Conceição, de tal modo que qualquer empenho em exaltar-lhe o nome e enaltecer-lhe a glória lhe faz vibrar a fibra cristã.

De um lado, empolga sumamente o espírito dos patrocinados o saber que a sua ínclita Patrona, a mãe do Filho de Deus, conta, entre os títulos de grandeza da sua fulgurante coroa de Rainha, a prerrogativa singularíssima e única de ter sido concebida sem a mancha do pecado original, daí a sua Imaculada Conceição.

Creio que, em referência à Virgem Santíssima, é o seu título de Imaculada Conceição ou Nossa Senhora da Conceição, sob que é ela mais invocada e louvada pelo povo cristão.

Só com a proclamação do título, que vale dizer isenta até mesmo da mácula origem, já coincide um exultante louvor filial.

Depois disso, quero lembrar à minha piedosa paróquia de

Malta as obrigações que cada comunidade cristã contrai para com o seu Padroeiro ou Padroeira, obrigações de um culto especial de veneração e de louvor, que devem ser cumpridas, a fim de ter direito também aos favores de um patrocínio especial.

Assim, fica afirmado que a paróquia de Malta, por ter, como Patrona, Nossa Senhora da Conceição, está obrigada a venerá-la sempre com um culto mais ardoroso, em que louvores mais expressivos e mais solenes homenagens devem ser prestados na sua maior festa litúrgica do ano, no dia 8 de dezembro.

Esse dever de culto especial ao Patrono ou Patrona no caso de Malta, a Nossa Senhora da Conceição, atinge, de modo particular, a paróquia toda, como comunidade, mas obriga também a cada um, pessoalmente.

Com a consciência do agradável dever de culto especial de veneração à nossa insigne Patrona, a Virgem da Conceição Imaculada, procuremos, por um comparecimento mais volumoso e uma participação mais interessada, marcar a nossa presença nestes últimos dias do novenário, sobretudo nas solenidades do dia 8, dia da Festa.

Desse modo, podemos pensar na recíproca do patrocínio, que é o nosso direito ao amor e à proteção especial de Nossa Senhora da Conceição, além da sua bondade de mãe, da sua solicitude de rainha, dos seus cuidados de co-redentora, da vigilância de medianeira.

Nós estamos obrigados a cultuá-la mais do que os outros; ela está obrigada a cumprir o seu ofício de Padroeira, a mais dos seus encargos comuns.

De uma cousa, estejamos seguros e é: se cumprimos os nossos deveres de patrocinados, ela cumprirá as suas obrigações de Patrona.

Que sirva, hoje e no dia 8, estas palavras, embora modesta e descolorida, como uma homenagem filial, como um ardoroso: Louvor à Imaculada.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Um Cenáculo e um Novo Pentecostes

No Cenáculo de Jerusalém, reuniram-se os discípulos para esperar, segundo a promessa de Jesus, a vinda do Espírito Santo.

A presença da Virgem Santa dava-lhes ânimo e confiança na palavra do Mestre.

Foram dez dias de preparação e expectativa num orar ininterrupto e fervoroso.

No décimo dia, explodiu o esplendor do Paracleto, como fruto e triunfo total da oração.

Realmente, só os que oram, se encontram com Deus. Só a oração nos abre o coração e a mente para as luzes e a graça do Espírito Santo.

Há de ser oração verdadeira, em que, no silêncio profundo de nossas almas, falamos a Deus e, mais do que isso, deixamos que ele nos fale.

Orar não é uma atitude unilateral, em que apenas nos dirigimos ao Senhor. É uma ação de dois, em que é preciso também que Deus se dirija a nós.

Muitos falam mas nem todos esperam que Deus fale, nem todos escutam a sua voz.

Se muito temos que dizer a Deus das nossas necessidades muito mais tem ele que nos dizer das riquezas do seu amor e dos portentos da sua misericórdia.

Não ouvimos a voz do Senhor no meio do tumulto e da azáfama. Só distinguimos a sua voz na solidão de nossa alma, quando, por um silêncio profundo e uma profunda reflexão, ficamos a sós com ele.

Assim, os dois se encontram e se falam, se entendem e dialogam – Deus e o homem.

Essa, sim, é a verdadeira oração, a que o Espírito Santo não resiste mas se inclina dadivoso, derramando a superabundância das suas luzes e das suas graças. Essa é a oração que abre a alma para o céu, para o olhar e para benção do Pai!

A flor de pétalas fechadas não recebe, em sua corola, o

orvalho do alto nem os raios vivificantes do sol.

Se a chuva apenas molha a superfície do solo, a semente não brota, a roseira não floresce, as plantas não safrejam, não há perfume nos campos, não há beleza na terra.

A verdadeira oração opera um novo Pentecostes, em que a graça do Espírito Santo penetra até o íntimo da alma, fazendo brotar o trigo de Deus.

Outra cousa não foram, senão isso, os três dias de retiro em nosso Colégio Diocesano de Patos.

A luminosidade experiência de oração, orientada pelo ilustre e virtuoso pregador, converteu aquele recinto num verdadeiro Cenáculo, em que, sob a direção do Sr. Bispo de Cajazeiras, quarenta sacerdotes se prepararam pelo silêncio e pela prece, para receber novas luzes e novas forças do Espírito Santo, com que melhor cuidem do pastoreio dos seus rebanhos e das suas tarefas apostólicas.

Não há negar foi um retiro diferente, que espero fecundo e sumamente proveitoso.

Os frutos hão de vir, pois o Espírito Santo não deixará amortecer o sopro que insuflará nem apagar-se a chama do incêndio que ateou.

Além do Sr. Bispo Diocesano de Cajazeiras, Dom Jacarias Rolim de Moura, e do pregador do retiro, Pe. João Gardenal, jesuíta do Colégio "Antônio Vieira", de Salvador, Bahia, estiveram presentes ao retiro os seguintes sacerdotes e seminaristas:

Da Diocese de Cajazeiras:

(1) Mons. Abdon Pereira, atualmente residindo em João Pessoa; (2) Côn. Francisco de Assis Sitônio, vigário da Paróqui de Nossa Senhora de Fátima; (3) Pe. Gervásio Queiroga Fernandes, coordenador da Pastoral Diocesana; (4)Côn. Luís Gualberto de Andrade, vigário da Catedral, diretor da Faculdade de Filosofia e do Colégio Diocesano "Padre Rolim"; (5) Pe, Levi Rodrigues de Oliveira, atualmente vigário da Paróquia de São José de Piranhas e regente da Paróquia de São João Bosco; (6) Côn. Francisco Linhares, vigário da Paróquia de Bonito de Santa Fé; (7) Pe. José de Sousa Neto, vigário da Paróquia de Conceição; (8) Pe. Valdomiro de Paulo e Silva, vigário da Paróquia de Itaporanga; (9) Pe. José Sinfrônio de Assis, diretor do Ginásio Diocesano "Dom

João da Mata", de Itaporanga; (10) Pe. Nelson de Araújo Pereira, vigário *da Paróquia* de Boqueirão dos Cochos; (11) Pe. Domingos Cleide Claudino, vigário da Paróquia de Uiraúna; (12) Pe. José Mangueira Rolim, vigário da Paróquia de Santana, em Sousa; (13) Côn. João Cartaxo Rolim, vigário da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, de Sousa; (14) Pe. Dagmar Nobre de Almeida, vigário da Paróquia do Bom Jesus Aparecido, de Sousa; (15) Pe. Solon Dantas de França, vigário das Paróquias de Nossa Senhora do Bom Sucesso e de São Pedro, de Pombal, e da Paróquia de Paulista; (16) Pe. Martinho Queiroga Salgado, vigário da Paróquia de Jericó, diretor do Hospital Maternidade de Pombal e da Faculdade de Direito de Sousa; (17) Côn. Francisco Ferreira de Andrade, vigário cooperador da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso; (18) Pe. Raimundo Lins Rolim, vigário da Paróquia de Brejo do Cruz. Ao todo 18 sacerdotes.

Da Diocese de Patos:

(1) Mons. Manuel Vieira, atualmente residindo em João Pessas; (2) Pe. Luís Laíres da Nóbrega, vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Guia e coordenador da Pastoral Diocesana; (3) Côn. João Noronha vigário da Paróquia de Santa Antônio, em Patos; (4) Pe. Hilário Leite Grangeiro, salvatoriano, vigário da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima;(5) Pe. Valdomiro Batista de Amorim, vigário da Paróquia de São Sebastião; (6) Pe. Carlos Marques Vieira, salvatoriano, vigário cooperador da Paróquia de Fátima e capelão do Hospital Regional de Patos; (7) Pe. Nelson Moreira Mota, vigário cooperador da Paróquia de Nossa Senhora da Guia; (8) Pe. Luís Gonzada Callou, vigário das paróquias de Piancó e Catingueira; (9) Pe. Aloísio Ferreira dos Santos, vigário da Paróquia de Santana dos Garrotes; (10) Pe. José Lopes Sobrinho, vigário da Paróquia de Nova Olinda; (11) Côn. Acácio Cartaxo Rolim, vigário da Paróquia de Malta; (12) Pe. Boleslau Biernaski, vigário da Paróquia de Teixeira; (13) Pe. João Rocha, vigário da Paróquia de Imaculada; (14) Pe. Joaquim de Assis Ferreira, capelão do Colégio "Cristo Rei" e diretor da Rádio Espinharas de Patos. Ao todo 14 sacerdotes.

Da Congregação do Divino Salvador:

Além dos padres Hilário Leite Grangeiro e Carlos Marques Vieira, que pertencem a comunidade religiosa de Patos, participaram os seguintes sacerdotes salvatorianos:

(1) Pe. Agostinho Mascarenhas, superior da comunidade religiosa de Barbalha, Ceará, na Diocese do Crato; (2) Pe. Eusébio

de Oliveira Lima, vigário da Paróquia de Barbalha; (3) Pe. Paulo de Sá Gurgel, diretor do Colégio "Santo Antônio", de Barbalha; (4) Pe. João Scopel, vigário da Paróquia de Parangaba, Ceará, na Arquidiocese de Fortaleza; (5) Pe. Ambrósio Mascarenhas, vigário cooperador da Paróquia de Parangaba; (6) Pe. Alípio José Santiago de Oliveira, professor da Faculdade de Filosofia de Limoeiro, Ceará. Ao todo, seis sacerdotes salvatorianos.

Com o Sr. Bispo Diocesano de Cajazeiras e o pregador do retiro, foram 40 sacerdotes que participaram este ano do retiro anual do clero..

Além dos sacerdotes, tomaram parte também no recolhimento espiritual oito seminaristas:

(1) José Aírton Teixeira, salvatoriano, terceiro ano de teologia; (2) Olezil Bezerra de Vasconcelos, clérigo; (3) Quinídio Medeiros de Lucena, curso de filosofia; (4) Raimundo Noberto da Silva, curso de filosofia; (5) Cristino Medeiros, curso cientifico; (6) João Medeiros de Sousa, curso ginasial; (7) Antônio Felizardo, curso ginasial; (8) Albeni de Paulo Galdino, curso ginasial. Os sete últimos pertencem à Diocese de Patos.

No silêncio e numa experiência de oração, esses 48 participantes do retiro espiritual no Colégio Diocesano de Patos fizeram, por três dias, daquela casa de educação: Um Cenáculo e um Novo Pentecostes.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Apóstolo do Brasil

Em virtude do transcurso, no próximo Domingo, dia 9, da data de Anchieta, não o quero esquecer nestas crônicas.

Em verdade, Anchieta é a figura olímpica de apóstolo, que deu ao Brasil a maior contribuição de serviços relevantes e inestimáveis.

Tudo o que se fez depois dele, em nossa Pátria, no plano da catequese, é como que um desdobramento da sua personalidade escultural, um crescimento da moldura da sua alma luminosa e inflamada.

Para compreendermos com justeza o vulto do trabalho apostólico de Anchieta, devemos situá-lo na realidade histórica da sua época. Dentro dessa configuração, é que ele ostenta toda a sua grandeza suprema.

Desfiguraríamos a chama do seu devotamento e diminuiríamos o porte do seu heroísmo, se o tomássemos hoje, em nossos tempos atuais de civilização.

Bastaríamos pô-lo em confronto com o maior missionário do Nordeste brasileiro, o nosso querido Frei Damião de Bozzano, para nos convencer-mos da sublimidade do seu sacrifício e da heroicidade só seu denodo.

Se, com todas as facilidades que os nossos tempos apresentam, o pequenino e santo Missionário empolga as multidões por sua integridade de costumes, pelo desprendimento da sua generosidade, pela tenacidade do seu serviço incansável, pelo seu ardor evangélico das almas e da glória de Deus – que não dizer agora de um Anchieta com os mesmos atributos raros, acompanhado só de si e de Cristo, a palmilhar indomável as regiões selváticas desta parte das Américas!

Ponham-se, em lugar de gente já cristianizada, tribos sem nenhum vislumbre de civilização, com as suas usanças e ritos arraigados; ponham-se, em lugar de áreas salubres e descampadas, florestas virgens e inóspitas; ponham-se, em lugar de cidades bonitas e dotadas de serviços públicos, tabas de aborígenes primitivos e incultos, sem nenhum requinte de conforto;

ao invés de ferrovias, rodagens, pistas de asfalto e aeroportos – rios perenes, riachos periódicos, lagoas e igarapés; ao invés do avião, do automóvel, do trem e, mesmo, do cavalo baixeiro ou esquipador - balsas e pirogas, igaras e igaraçus; ao invés de um idioma estilizado e culto – dialetos indígenas, expressivos mas arrevessados; em troca da calorosa convivência social, o trato amedrontado de selvícolas; em troca do hospital e da medicina científica, a cabana do pajé e a mezinha empírica; em troca da cozinha moderna, a dietética do índio. Faça isso e você verá que o brilho do missionário do Nordeste fará crescer o fulgor do missionário das nossas selvas. Faça isso e você verá que a figura exponencial de Damião aumentará a imagem olímpica de Anchieta.

Assim encherá de beleza e sublimidade os nossos olhos: O Apóstolo do Brasil.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O dever Missionário

A partir de hoje, será realizado, na Catedral de Nossa Senhora da Guia, um tríduo de preparação para o Dia das Missões, que transcorrerá no próximo domingo, 21.

O movimento religioso destina-se a reacender em todos nós o nosso dever apostólico em decorrência da prioritária vocação missionária da Igreja, já que, inseridos em Cristo pelo batismo, dela somos partes integrantes.

A Igreja de Jesus Cristo é fundamentalmente missionária, porque é essencialmente universal. Nasceu para crescer.

Ela não foi constituída para certos grupos ou castas privilegiadas mas, sim, para todos os homens. Não é um aperto de mão só a judeus ou só a pagãos, só a gregos ou só a romanos, só a sábios ou só a ignorantes, só a ricos ou só a pobres, só a civilizados ou só a selvícolas. A Igreja é um braço de amor do Cristo a toda a humanidade.

Por essa razão, Batiffol, o teólogo e ilustre escritor francês, disse com acerto e com primor: "A cristandade já nasceu católica", isto é, universal, o que vale dizer, para todos os homens.

Pouco importava a sua origem humanamente modesta, se a sua pujança divina era incontrolável, se a sua força viva de expansão aceita obstáculos mas não conhece impedimentos.

Por isso, Jesus Cristo, o divino missionário, ordenou aos discípulos, missionários também: "Ide e pregai a todas as nações, ensinando-as a observar tudo o que eu vos ensinei".

A Chama de Pentecostes ardeu em Jerusalém mas para iniciar o incêndio universal que o Filho de Deus veio atear na terra.

São Paulo afirma, em referência à Igreja, corpo místico do Senhor, que Cristo crescerá até a idade de varão perfeito, isto é, até que o último de nós seja inserido nele pelo batismo e adesão da fé.

Em face de considerações tão fortes e conseqüentes, é de concluir-se que a Igreja, se possível fosse, deixaria de existir no dia, em que parasse o seu impulso missionário, em que acabasse a sua vocação apostólica.

A Igreja é um organismo vivo permanentemente em crescimento, em que não crescer seria morrer.

Não esqueçamos, no entanto, que o crescimento da Igreja é em dupla dimensão: no sentido extrínseco da sua expansão e no sentido intrínseco do seu aprimoramento espiritual – apostolado e santidade.

A vocação apostólica da Igreja não está apenas em mandar missionário às selvas, às regiões pagãs, ao campo dos infiéis, para recristianização de batizados, embora isso seja objetivamente certo, mas igualmente em cuidar da santificação de todos os seus membros, a fim de que, pelo mérito da sua vida e das suas preces, consigam a expansão do reino de Deus por uma pronta e mais generosa disponibilidade daqueles que devem receber a fé e o batismo e pela obtenção da graça que suscita novas vocações missionárias.

Os missionários que vão a pregar, são a vanguarda de exército de Cristo Redentor a desfraldar, à frente de todos, o vexilo da Cruz, seja Anchieta no Brasil ou Francisco Xavier nas Índias. Nós outros, que ficamos a rezar e a contribuir com os nossos óbolos, constituímos a preciosa reserva e a valiosa retaguarda que ajuda decisivamente para o êxito das missões.

Nem se venha dizer que maior é o mérito do que vai e menor o mérito do que fica. Deus é quem sabe e quem tudo mede.

Não asseguram que a Santa Teresinha do Menino Jesus, a missionária mística, coroa as suas preces, com os seus sacrifícios e a sua vida santa, converteu mais infiéis do que São Francisco Xavier nas Índias!

É bom que se lembre nesta oportunidade o nome de Santa Teresinha que é patrona das Missões e tem, em 1973, o seu centenário de nascimento.

Por tudo isso, nos convençamos da necessidade e da excelência das nossas preces e da nossa ajuda material para os trabalhos apostólicos da Igreja.

Com o sinal da nossa presença e com o fervor das nossas orações, neste tríduo a iniciar-se hoje em nossa Catedral Diocesana, procuremos todos cumprir o que a cada um urge com força de vocação, que é : O Dever Missionário.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Padre, Pai, Estudante e Advogado

Com o título desta crônica, estamos nos referindo às quatro datas comemoradas: uma hoje – Dia do Padre – e três no próximo Domingo, 11 – Dia do Pai, Dia do Estudante e Dia do Advogado.

O Dia do Padre, o primeiro, por uma comunicação do sacerdócio de Jesus Cristo sobretudo para o sacrifício do altar, é um intermediário entre Deus e o homem.

É a linha de horizonte, em que se tocam e enlaçam o céu e a terra, a prestimosidade do Criador e a insuficiência da criatura, a infinita misericórdia divina e a desmedida miséria humana.

O Padre, por mandato especialmente recebido, é o ecônomo dos tesouros da Redenção, particularmente através da administração dos sacramentos da Igreja, pois não foi para si que ele foi constituído ministro do Senhor mas em favor de seus irmãos.

Ë do mesmo barro comum daqueles, em benefício dos quais é elevado mas, uma vez elevado, é barro comum com chamas cintilantes de sol, com explosões fulgentes de divindade.

Envolve-o um halo brilhante de dignidade que, mesmo desconhecido ou não aceito pelos homens, não se desfaz nunca, nunca se desmancha aos olhos de Deus.

Digo isso não para o seu enaltecimento pessoal mas para lembrar-lhe a tremenda responsabilidade, de que está investido e revestido.

Se não existe religião, da mais rudimentar à mais sublime, sem sacrifício, também não há sacrifício sem sacerdócio que é a função ou ministério sagrado incumbido do relacionamento entre as criaturas e o seu Criador, entre os homens e a divindade.

Da grandeza do sacrifício, é que dimanda a excelência da religião e do seu sacerdócio.

Portanto nada mais sublime do que a excelsitude da religião cristã e do seu sacerdócio por ser divina a grandeza do nosso sacrifício, perpétua continuidade da imolação na Cruz do próprio Filho de Deus, feito homem.

Sendo assim, devemos respeito, admiração e estima aos

nossos sacerdotes, embora tenhamos todos o direito de exigir deles nobreza de intenções e santidade de vida.

Pelo menos, que disso todos nós – sacerdotes e cristãos – nos lembremos hoje, Dia do Padre.

O dia da segunda data, que lembra o Dia do Pai, é uma comemoração cara ao nosso coração de filhos.

Na constituição da família, instituição divina, o homem e a mulher receberam a incumbência de gerar filhos – "crescei e multiplicai-vos"- incumbência que representa uma participação da própria onipotência do Criador.

Que cousa mais sublime do que fazer florir, do seu próprio ser, outro ser vivo e semelhante!

Transmitir o seu rosto a outro rosto, a sua vida a outra vida, a sua formosura vezes a outra formosura maior, a sua grandeza vezes a outra grandeza mais elevada!

O sol fulge mas não gera outros sóis; o diamante fascina mas não gera a beleza de outros diamantes; o raio fulmina vidas mas não gera vidas.

Só o homem e a mulher, na nobreza do lar, têm a prerrogativa suprema de gerar outro ser, imagem e semelhança de Deus.

Portanto, a seu pai e a sua mãe deve cada um o privilégio de existir, o apanágio exclusivo de ser, na terra, a mais bela criatura de Deus.

Isso no plano da geração mas, em linha de educação e sobrevivência, que é que temos que não se deve aos pais?

De mãe, que não se tenha a alegria e a honra de ser falar hoje, que só do pai é a comemoração do domingo.

O pai, esse homem de cara austera e dura, de coração forte e impetuoso, de braços vigorosos e realizadores, vaidoso, soberbo e indomável, insatisfeito, insaciável e exigente; o pai, esse homem que tem vergonha de chorar e vezes até acanhamento de rir; o pai, esse homem assim, vira carinho diante do pimpolho, doçura diante da criança, meiguice diante do rebento, até tolice diante do filhinho.

Como é bela e nobre a imagem do Pai, acompanhando a evolução do pequenino ser! Se o filhinho cresce, ele sorri; se o filhinho sorri, ele se desmancha em ternura; se o filhinho sofre, ele chora; se o filho triunfa, ele se orgulhece e bate palmas.

Essa figura escultural de Pai é que sempre devemos guardar viva em nossa memória, para, especialmente, no próximo Domingo, manifestarmos a nossa veneração ao nosso genitor, rezando por ele, se já morto, ou presenteando-o, se ainda vivo.

Dia do Pai, também no Domingo 11, tem o seu Dia o Estudante.

O estudante, criança, adolescente ou jovem, é o arco-íris da nossa esperança e do orgulho da Pátria.

Arco-íris de todas as cores; esperança de todos os matizes!

No encadeamento sucessivo das geração, a infância, a adolescência e a mocidade constituem as promessas mais ricas e alvissareiras de todos os povos e nações.

Nem se conceberia a sobre-existência de um país e da própria humanidade, sem essa permanente renovação das gerações adultas.

Portanto, pensando na sua continuidade, crescimento e grandeza, é para essa gente nova que cada nação se volta.

Daqui resulta a grave responsabilidade de ambas. Da nação, porque não pode cogitar em termo de sobrevivência e desenvolvimento, se se descura da educação e aprimoramento da sua gente nova; e desta, porque só, por força de uma luminosa inspiração de amor à Pátria, é que se decide à aceitação do sacrifício de uma formação perfeita e adequada ao futuro desempenho das suas insubstituíveis tarefas.

É por isso que o nosso amor à Pátria, quando consciente e esclarecido nos obriga ao interesse vigilante pela mocidade, a um acendrado devotamento ao Estudante.

O Estudante não é só uma esperança colorida de beleza, uma promessa enriquecida de brilhantes acenos. É a própria Pátria, renascendo de si mesma, como a Fênix mitológica, para tornar-se sempre nova e mais formosa.

Que pensem nisso os nossos caríssimos estudantes, que nisso também pensamos nós, para, alegres e confiantes, comemorarmos conjuntamente essa data brilhante, 11 de agosto.

O Dia do Advogado

Por fim, neste mesmo segundo domingo de agosto, tem o advogado a sua data conspícua e festiva.

A ilustre classe dos homens da advocacia merece, por igual, o nosso acatamento e estima.

Em espécie, o advogado é o arauto da lei, o defensor do

direito, o proclamador e guardião da justiça.

Pouco importa que ele seja um demônio flamante, quando na vigilância da causa adversa, se ele, por seu saber e habilidade, é um anjo da guarda, quando nos acoberta e defende.

Se, na balança simbólica, o magistrado, o juiz, é o pesador perito e severo – o advogado, por sua devoção à lei e ao direito, é a tara da justiça que faz descer ou subir as conchas.

Dada a maldade humana, o que seria de nós sem essa presença valente e luminosa na sociedade!

O poder então seria a lei, a riqueza, o direito, a ambição, a justiça.

Para aquilatarmos do valimento e grandeza dos representantes, intérpretes e defensores da lei, do direito e da justiça, bastaria pensarmos na via-crúcis que está atualmente vivendo o presidente da mais poderosa nação do mundo, os Estados Unidos.

E em tudo isso a figura do advogado, faz-se ouvir o timbre cortante da sua voz.

Espero que me desculpem os caríssimos rádio-ouvintes o alongamento desta crônica, pois já sugeria a demora o seu título pomposo e quase extravagante: Padre, Pai, Estudante e Advogado.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Exaltemos o Nome do Senhor!

Celebra amanhã a cristandade talvez a mais augusta das suas solenidades litúrgicas – a Festa de Corpo de Deus ou Corpus Christi.

Este ano, a Igreja no Brasil o faz numa circunstância especial de esplendor e vibração.

Com a Festa de Corpus Christi, tem a sua abertura solene o Congresso Eucarístico Nacional, em Brasília, quando será feita também a consagração da sua majestosa catedral.

Portanto é como católicos e brasileiros que deve ser vibrante amanhã o nosso júbilo cristão.

Quem há que pode medir a maravilha do Deus Eucarístico!

Que Deus brilhe na majestade dos céus rebrilhantes, entende-se!

Que Deus brilhe no mistério e na beleza da vida. compreende-se!

Que Deus brilhe na fulgência da luz, não estranha!

Que Deus brilhe no delicado perfume de uma flor, não admira!

Que Deus brilhe no suave gorjeio de uma ave, aceita-se!

Que Deus brilhe na imensidade dos espaços infindos, não surpreende!

Que surpresa pode haver no fulgir de uma onipotência divina, no esplendor de uma sabedoria eterna, no brilhar de uma bondade infinita!

Mas que um Deus se faça pão para tornar-se alimento, só de joelho e em adoração é que se recebe e aceita.

Tão grande é o presente que quase a razão se recusa a admitir

Quase, sim, porque está acima das suas forças mas não contra as suas luzes.

Não nos assiste o direito de pôr limites à grandeza de Deus. Livre continua o Senhor

no seu agir e no seu presentear.

A munificência do seu amor só tem uma medida, é não ter medidas.

Não cabe ao homem ditar ao seu Criador o modo de proceder.

Impõe-se-lhe apenas a obrigação de acatar as suas ordens e agradecer-lhes as suas finezas e os seus dons.

Fica-lhe sempre o dever de receber e respeitar a sua palavra infalível.

E o Senhor falou.

Disse-nos o Mestre da Verdade que seria o alimento de nossas almas.

"Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, viverá eternamente".

Só nos resta crer, amar, adorar e agradecer.

O senhor quis na sua bondade; o Senhor bem o podia na sua onipotência; o Senhor falou na sua infalibilidade.

Só nos resta crer.

Só nos resta adorar.

Só nos resta amar.

Só nos resta agradecer.

Porque se fez o pão sagrado e o alimento divino, também garantia que habitaria na terra entre os homens e nisso tinha as suas delícias.

É, importante, a esse Deus presente entre nós – o nosso Criador e nossa Salvador – é a essa inefável maravilha da Eucaristia que o Brasil, de 27 a 31 genuflexo em Brasília, adora reverente, exaltando-lhe o prodígio e a glória.

Então, em consonância e harmonia com todos os nossos irmãos na fé façamos a nossa fervorosa adesão ao Congresso Eucarístico Nacional principalmente na próxima quinta-feira, Festa de Corpus Christi.

É o Brasil todo que adora! É a Pátria que agradece!

Exaltemos o Nome do Senhor

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Meio século de Sacerdócio

Ser padre é responder ao aceno divino para uma consagração ao serviço do altar e ao serviço das almas.

É atender ao chamamento do Senhor para deixar-se segregar do meio dos homens, a fim de ser constituído em favor dos homens no seu relacionamento com Deus.

Ser padre é aceitar o apelo do Alto para renunciar-se a si mesmo no sentido de criar um esvaziamento humano para dar espaço maior à caridade de Cristo.

Esse esvaziamento humano é um desafio à natureza que reclama do seus direitos mas se submete heróica à força onipotente da graça.

É como um celeiro antigo que se abre para troca de velho cereal por um trigo novo rico de promessas de fecundidade. Trigo que se hóstia de imolação.

É como um templo que se torna vazio para encher-se das chamas ardentes de um Pentecostes.

Ser padre é tentar desaparecer, como o fizera o Batista, para que Cristo apareça e avulte.

É pedestalizá-lo, como um tabor, para que o brilho da sua beleza continue a fulgir na terra.

Ser padre é repetir Pedro, Tiago e João, deixando as redes, para seguir a Jesus e fazer-se pescador de homens.

É reviver a sublime tragédia de uma Samaritana que, como um carvão reaceso, passa a espargir luz e a difundir calor.

Ser padre é, pela renúncia e pela humildade, cair ao chão no seu caminho de Damasco, como Saulo, para inflamar-se de Cristo, para iluminar-se de Deus.

Ser padre, finalmente, é tornar-se um outro Cristo, de olhos fitos no céu e de braços abertos para o mundo, para amar e para salvar.

É oferecer o coração para lança e ainda levantar a mão para perdoar.

A vocação sacerdotal é um segredo do Senhor, um mistério da sua predileção, um desígnio da sai preferência.

E, para que mais possa estontear o arcano da sua eleição, como gosta o Senhor de escolher, para a estátua dos seus privilegiados, em vez do mármore raro, a argila frágil e modesta! Assim esplende melhor a fineza da sua bondade e o cuidado da sua misericórdia.

Um feixe de luz no cimo de uma montanha surpreende menos do que uma réstia de sol, irisando uma pequenina gota de orvalho.

O Senhor tem os seus caprichos divinos, caprichos de amor mas caprichos também.

Então que não dizer da sorte de ser padre e de já ter exercido o ministério sacerdotal durante cinqüenta anos consecutivos, como no caso do Pe. Nelson Nogueira Mota que, no próximo dia 10, celebrará o seu meio século de consagração ao altar, comemoração entre nós antecipada para hoje, dia seis.

Hoje, cinqüenta anos depois, aquelas mãos trêmulas de emoção do dia 15 de agosto de 1914 voltam a erguer, entre o céu e a terra, o mesmo Cristo Salvador, filho de Deus Pai e filho de Maria.

Já não é o povo exultante de Independência, Ceará, que se inclina perante o seu jovem filho padre, hoje é a cidade de Patos, na Paraíba, que se dobra respeitosa diante do venerado sacerdote de 75 anos.

Não são os mesmos lábios de Nelson Nogueira Mota, ardentes de adoração e inflamados de amor, que proferem o mesmo mandato divino sobre o pão e o vinho do altar, mandato proferido pela primeira vez no dia da sua ordenação sacerdotal.

Quem pode imaginar quantas vezes, durante estas cinco décadas, as mãos sagradas do ministro do Senhor traçaram a cruz do perdão, reconciliando os pecadores! Quantas vezes ungiram os enfermos, incutindo-lhes a esperança da glória! Quantas vezes, por força das águas vivificantes do batismo, renovaram a chama vermelha de Pentecostes!

A mensagem de sabedoria e salvação, que ainda hoje transmite com poder e veemência, quantas mentes não iluminara, quantos corações não incendiou!

Vivendo verdade e a vida de Cristo, apontou a todos o verdadeiro caminho, por isso, quantos não ajudou a salvar, que hoje cantam no céu os louvores eternos do Senhor.

Para resumir a vida do venerando sacerdote, bastaria dizer que, no altar de Cristo, ela tem a cor vermelha do círio e, do lírio, a brancura do trigal de Deus.

Nelson Nogueira Mota nasceu na cidade de Independência, Estado do Ceará, em 1899.

Pertencente a uma numerosa família de vinte irmãos, filhos do casal sertanejo Francisco de Sousa Mota e Ana Mota.

Aprendeu as primeiras letras em casa e com a professora primária Raquel.

Fez a primeira comunhão na matriz da sua paróquia, em 1913.

Continuou os seus estudos no Colégio Cearense de Fortaleza, já que a viagem para estudar no Colégio do Crato foi frustada em virtude da Revolução do Juazeiro, que ocasionou o fechamento temporário do educandário.

Passou em seguida para o Seminário da Praínha, em Fortaleza, quando lhe surgiu o primeiro seguro sinal de vocação sacerdotal.

Transferiu-se posteriormente para o Seminário da cidade de Sobral, onde se ordenou sacerdote no dia 10 de agosto de 1924.

Celebrou a sua primeira missa solene na sua terra natal, Independência, no dia 15 de agosto.

De 1924 a meados de 1926, dirigiu a Seminário de Sobral, quando foi nomeado como vigário para a paróquia de Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte.

Na paróquia de Campo Grande, esteve até 1932, quando resolveu entrar na Companhia de Jesus.

É irmão de dois sacerdotes: Elício Nogueira Mota, inicialmente também sacerdote do clero secular e depois religioso lazarista, e Francisco Nogueira Mota, igualmente religioso lazarista; e de cinco religiosas, quatro dorotéias e uma irmã de caridade, respectivamente, Alda Nogueira Mota, Odete Nogueira Mota, Anália Nogueira Mota, Anete Nogueira Mota e Maria Nogueira Mota.

O lar de Francisco e Ana Mota foi realmente um canteiro de vocações, uma família predestina por Deus. sinal dos tempos e bênção dos céus.

E em tudo isso, o Pe. Antônio Nogueira Mota tem o seu grande mérito, pois foi, como primeiro e por sua vida exemplar, um poderoso incentivo para a vocação dos irmãos.

Por tantos títulos de grandeza e benemerência, bem que faz jus ao nosso respeito, admiração e estima o venerando e querido Pe. Nelson Nogueira Mota sobretudo agora, quando coroado de tantos triunfos e ornado de tantas brilhantes virtudes, celebra conosco hoje o seu: Meio século de sacerdócio

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quando Viver é Sonhar...

Pode dar-se a sonho tanto a significação de ficção ou utopia como o sentido de aspiração ou desejo ardente e isso sem falar nos fantasiosos enlaces e colorida disposição de imagens durante o período do sono.

Toma-se sonho aqui, na segunda acepção, por esses agradáveis e atrevidos projetos, com que alguém planeja a construção dos seus doirados castelos do porvir.

Para isso, duas condições são indispensáveis: desconhecer, pela falta de experiência, a dureza da vida e acreditar demasiadamente na própria força e na compreensão dos outros, condições essas que se encontram principalmente na juventude.

Carente de vivência dos embates da vida, que tanto amadurecimento nos dão ao espírito, e contando, em tudo, com o respaldo da família, o moço tem, da nossa existência terrena, uma noção adequada segundo a sua idade juvenil mas lisonjeira por demais, conforme a realidade das cousas.

Não é propriamente uma mentira de viver, é a doçura de viver.

Juntam-se a isso as ricas reservas de energias da sua idade, que valem por um afoito desafio a tudo e a todos.

Acrescente-se também a confiante suposição de que a sociedade é só compreensiva e generosa.

Tais circunstâncias fazem do jovem um inflamado e sorridente sonhador.

Contempla a vida como uma estrada alcatifada de verde e perfumada de rosas, sem a presença de tropeços escondidos sob a alfombra e de espinhos ocultos por entre as pétalas.

Vê só o que é macio de florido.

O mundo é para ele não jogo de interesses acirrados e, vezes, desleais mas uma estufa quente de afeto, em que todos se entendem e se amam.

A terra continua a ser o paraíso de nossos primeiros pais, sem a malícia da serpente nem o contraste atordoante do orgulho e da fragilidade do homem.

A humanidade, imagina ele, permanece com a pureza original do primeiro dia.

Configuradas assim as cousas, é na verdade agradável viver, é doce sonhar, e a mocidade sonha com a vida.

Não há de condenar-se a juventude por essa visão inconsistentemente eufórica diante da existência e em face do mundo, já que cada idade tem a sua mentalidade específica.

Condenáveis nos moços são a contestação e ao escárnio,

com que se escusam a enriquecer-se da experiência amadurecida de seus pais e a aceitar a orientação daqueles que, já provados pelo doce-amargo da vida, procuram ajudá-los e esclarecê-los, a fim de que evitem dolorosos insucessos e estonteantes decepções.

Os jovens deveriam, pelo menos, admitir a possibilidade de uma dose de boa vontade naqueles que lhes procuram mostrar que as cores reais da vida são diferentes das tintas só bonitas, com que eles pretendem colori-la.

Querem os pais, os educadores, as pessoas amigas já idosas, que os jovens apenas temperem a sua alegria de viver com a prudência de viver.

Que tenham da vida o seu sentido profundo de valor e seriedade.

Que não imaginem que a existência do ser humano na terra é um perene carnaval de fantasias.

O papel daqueles que, por ofício ou por devotamento, intencionam orientar a juventude, é sempre apontar-lhe o roteiro certo da verdade e o caminho seguro do bem.

Não alimento a presunção de incluir-me entre orientadores de qualquer categoria mas nem, por isso, me recuso de, aproveitando oportunidades, dirigir uma palavinha de incentivo aos moços.

Faço-o constantemente, por julgar excelente ensejo, nestas crônicas, como a de hoje, em que faço um louvor aos quinze anos de qualquer menina-moça.

A mim não me move nenhum intuito de tornar-me agradável ou de captar simpatia. Apenas pretendo ajudar aqueles que se dedicam à nobre tarefa de orientarem a juventude.

Quem mais do que uma jovenzita de 15 anos, embriagada com o fascínio da vida, precisa de um conselho leal e franco, sobretudo hoje, nesse precoce despertar da mocidade para a vida?

Para que armazenarmos ciosa e infrutiferamente, até a velhice, as riquezas da nossa experiência, ao invés de distribuirmos delas um pouco com aqueles que, por força da idade, ainda são imaturos, inexperientes?

Não vamos arrancar as nossas asas para as dar a aves implumes mas tão somente lembrar aos moços que vão trocando os seus óculos róseos por lentes claras e límpidas.

Aconselhamo-lhe que não esbanjem a pujança das suas forças de modo desatinado mas que as usem com acerto, equipando-se devidamente para as lides do futuro.

Será que de tudo isso não vai ficar alguma cousa de bom e de útil?

Sobretudo, quando aqui a referência a um só vale por uma proclamação a todas as jovens.

O que digo nesta crônica para Vânia Cavalcanti Fernandes que completou, no dia 16 do corrente, os seus 15 anos, hoje comemorados, é também ouvido por alguém na mesma faixa etária ou com pequenas diferenças para mais ou para menos.

Mostrando-lhe os seus deveres de obediência, de respeito, estima e gratidão aos pais, cujos conselhos e orientação é sempre sabedoria acatar; lembrando-lhe que, em sua vida, mais deve pesar a cabeça do que o coração, mais a realidade do que a utopia, mais as qualidades morais do que os dotes físicos, mais a beleza da alma do que a formosura do rosto, mais o estudo do que o espairecimento; recordando-lhe que honrar pai e mãe condiciona a bênção de Deus e a felicidade até aqui, na terra; sugerindo-lhe que não confunda imprudentemente juventude com vida, pois aquela é transitória, enquanto esta é permanente; é a todos os jovens que lembro as mesmas cousas.

Com estas palavras, vai para você, Vânia, a minha mensagem em louvor aos seus 15 anos.

Vânia Cavalcanti Fernandes, que nasceu em Patos, no dia 16 de outubro de1959, é filha do casal Válter do Amaral Fernandes e Iolanda Cavalcanti Fernandes.

Tem cinco irmãos, a quem, conjuntamente com os pais, dedica fervoroso afeto.

É aluna do Colégio "Cristo Rei", onde, por sua compreensão e jovialidade, tem, em cada companheira de estudo, uma amiga devota.

Seu grande ideal é ser médica e seu gosto estético inclina-se especialmente para a música.

Um metro e cinco de estatura, cor alva, olhos azuis, cabelos castanho-claros, temperamento expansivo.

Reside com seus pais, à rua Cônego Bernardo, n.º 123.

Numa idade assim, de encantamento pela juventude, é: Quando viver é sonhar. ...

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quando Sorrir é Viver

Ser jovem é ter um sorriso permanente nos lábios

Ser jovem é ter o coração perfumado de amor e o espírito iluminado de idealismo.

Ser jovem é receber o aceno de horizontes azuis cheios de beleza!

Ser jovem é seguir a estrada da vida, como quem brinca sobre uma alcatifa ou corre para um jardim!

Não há pés sangrando de espinhos perfurantes nem fronte enrugada de duras tristezas.

Para o jovem o mundo é apenas um enredo aliciante e a própria vida, alcoviteira da felicidade.

Nessa circunstância, se viver não é sorrir, sorrir já é viver.

Se tão dadivosa é a juventude, grande dívida de gratidão contraem os moços consigo mesmo, com a sociedade, com o futuro, com Deus.

Reconhecendo-se os jovens portadores de tão preciosas riquezas, não as devem esbanjar mas convertê-las em tesouros mais brilhantes.

Se lhes é vigorosa a saúde, que guardem a saúde.

Se lhes é fulgente o talento, que cultivem e desenvolvam o talento.

Se lhes é puro o coração, que conservem a sua brancura de lírio,

Se lhes são róseos os sonhos, que não lhes maculem a beleza.

Essa lealdade consigo mesmo impõe-se a cada jovem.

Cada moço é também uma promessa de renovação e de enobrecimento para a sociedade que exige o cumprimento dessa promessa para não decepcionar-se.

A mocidade tem ainda um compromisso com o futuro que dela sempre espera maior grandeza e maior esplendor.

E como não agradecer a juventude a Deus que a tornou tão brilhante, tão alegre e tão feliz.

Portanto ser jovem, que tão agradável é ser, é encher de promessas a vida e de esperanças a terra.

A humanidade vive de confiar em sua juventude.

Pensem nisso os jovens e, sorrindo, construam a grandeza do mundo, aformoseiem a casa do Senhor.

Aumentem em si a quantidade de beleza humana que já têm; façam crescer em si a parcela de perfeição que já possuem.

Sorriam mas sejam nobres; sorriam mas sejam belos; sorriam mas construam o mundo.

Não se impregnem de maldade para envergonhar a face dos homens; não se revistam de ódio para enrubescer a face dos céus.

Amem a vida no que ela tem de mais deslumbrante e sublime.

Tornem vibrante de beleza a imagem e semelhança de Deus de que são portadores.

Atendendo o seu pedido, prometi-lhe uma crônica. Etelúzia Cabral, e, embora não faça crônica social, reservei-a para o dia do seu aniversário, para hoje, quando você completa 16 anos.

Reservo a seus pais Edebaldo Cabral e Luzia Bezerra Cabral a alegria da festa; aos seus companheiros de estudo do Colégio Estadual de Patos as felicitações pela data; a São Mamede, a sua terra natal, o orgulho de você; e por Patos, onde é a sua residência, o louvor desta crônica.

Conserve sempre o seu sorriso, guarde sempre o encanto da sua alma e não desperdice nunca a nobreza da sua vida, pois só da sua idade juvenil é que é possível afirmar-se: Quando sorrir é viver.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Variedade e a Unidade na Beleza

Sem a variedade, que multiplica e diversifica, e sem a unidade, que junta e unifica, não há beleza, mesmo no conceito filosófico de beleza, esplendor da verdade.

A verdade, todos sabemos, é uma só mas são múltiplas as suas facetas brilhantes.

Deus, por exemplo, é a verdade suprema e eterna e, por isso, é, em grau infinito, a veracidade, a infalibilidade, a lealdade, o poder, a majestade, a bondade, a justiça e tudo mais que de grande e belo possamos conceber ou imaginar.

Como seria enfarenta a humanidade, se todos os seres humanos, que a compõem, fossem rigorosamente idênticos – a mesma estatura, a mesma compleição, a mesma cor, um só temperamento, um só talento, um só tipo psíquico, andar igual, falar igual, pensar e querer iguais, o mesmo comportamento, e cada homem por sua vez, fosse uma só peça sem nenhuma diversificação!

Também que cousa horrível não seria uma humanidade com todas as pessoas, que a formam, individual e inteiramente diferentes, sem nenhum traço de semelhança e um ponto sequer de convergência!

Bastaria apenas que cada um de nós falasse uma língua diversa.

Em um e outro caso, o mundo viraria um asilo de doidos varridos.

No entanto, para beleza deste mesmo mundo, há uma só humanidade, apesar de tantas raças diversas, de tantas nações diferentes, de tantos indivíduos dessemelhantes.

Se se olha para a Igreja, nela, mesmo una, o Espírito Santo não faz duas formosuras iguais, pois todos os santos têm a sua fisionomia moral própria. É como diz São Paulo: - "Os dons são diversos mas o Espírito é um só".

Uma Igreja fundamentalmente una mas vivencialmente diversa, refletindo a beleza de Cristo.

Que encanto e esplendor não é a natureza, o cosmo, na sua unidade admirável e na sua diversidade estonteante!

Tudo diferente mas ordenado, por isso, sumamente belo.

No próprio céu, os eleitos estão todos na visão beatífica de um só Deus e plenamente felizes mas para cada um peso diferente de glória, em conformidade com os seus méritos.

Todas essas considerações nos obriga a aceitar: A unidade e a variedade na beleza

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Também o Dia do Chaveiro.

O povo associou a tradição da noite de São João à noite de São Pedro, os festejos da vigília do Santo da Fogueira aos festejos da véspera do Santo Chaveiro do Céu.

Segundo a tradição e o Evangelho, existe motivação histórica para a associação.

Dizem que o sinal que foi transmitido à Virgem para identificar, na região montanhosa da Judéia, a casa de sua prima Isabel, era uma fogueira à frente da residência.

O Evangelho não fala da fogueira mas narra a visita com detalhes.

Lucas, capítulo primeiro, versículos de 39 a 56: - "Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.

Apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, exultou-lhe o menino no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo, exclamando em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre! E donde me é dada a graça que venha visitar-me a mãe de meu Senhor? Pois, logo que me chegou aos ouvidos o som de tua saudação, exultou de alegria o menino no meu seio. Ditosa aquela que acreditou que teriam cumprimento as cousas que lhe foram ditas da parte do Senhor".

Pelo que se vê, a presença do Verbo Incarnado é causa de graça, através de sua mãe, para Isabel que fica cheia do Espírito Santo e sobretudo para o Precursor que, santificado no ventre de Isabel, exulta de alegria, saudando o Salvador.

Continua o Evangelista. "E Maria disse: "segue-se o formoso cântico do Magnificat, em que a Virgem agradece ao Senhor as maravilhas que nela operara, exaltando a sua humildade de serva.

São Lucas conclui no versículo 56 do capítulo primeiro: - "Ficou Maria com Isabel cerca de três meses, voltando depois para sua casa".

A visita realmente houve, embora não se fale do sinal da fogueira, que corre por conta da tradição.

Enriquecidos assim os detalhes da visita da Virgem à sua prima Isabel com o sinal da fogueira, foi fácil a associação das duas histórias, a do Precursor e a do Chefe da Igreja, porque, na vida de Pedro, em referência à sua tríplice negação, o Evangelho fala de uma fogueira.

Ainda Lucas, no capítulo XXII, versículos 54 e 55: - "Prenderam então a Jesus, levaram-no e introduziram-no em casa do

sumo sacerdote. Pedro seguia-o de longe.

Tendo-se acendido uma fogueira no meio do pátio e tendo-se sentado todos juntos, Pedro sentou-se no meio deles".

O que se segue, é a triste história da negação do discípulo.

A fogueira, portanto, está ligada à vida e à história do Príncipe do Apóstolos.

O povo, no curso da tradição, encarregou-se, com as suas usanças, de enfeitar de beleza e riquezas folclóricas a festa do Santo da Fogueira e: Também o Dia do Chaveiro.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Enfermeiro

O calendário social registra hoje o dia dedicado ao Enfermeiro.

Tantos são os méritos daqueles que se devotam ao exercício da enfermagem que é por justiça que a sociedade lhes consagra uma data para relembrar-lhes o nome e fazer-lhes o louvor.

A importância da profissão ressalta da sua própria natureza que é o cuidado dos doentes, no esforço humanitário de restituir-lhes a saúde.

Se, no plano humano, são a vida, a saúde e a liberdade as três maiores cousas que podemos possuir e, em alguns casos, excelendo a saúde às outras duas, vê-se de pronto, entre as demais profissões, a principalidade da medicina e da enfermagem.

Considerando-se sob algum aspecto, o médico o teórico da saúde e o enfermeiro o prático da saúde, desde que ambos sejam dignos dos seus nobres ofícios, ninguém mais do que os dois merecem, da nossa parte, a simpatia, a admiração, o respeito e o reconhecimento.

O enfermeiro não é só aquele que lê a ficha do doente, que lhe aplica o remédio preceituado, que lhe toma a temperatura ou tensão arterial mas aquele que, além desses misteres, lhe acompanha com solicitude as crises, o conforta com carinho fraterno, lhe suaviza o suor da angústia, lhe enxuga as lágrimas do sofrimento.

As palavras, que dizem, são apelos incentivadores à confiança. Têm a doçura de uma carícia e quase a força de um milagre de encorajamento.

Participa da sorte dos seus doentes com o empenho que nutre e manifesta pela restituição da saúde deles e pela alegria sincera com que saúda a sua recuperação total.

Tem em plenitude a vivência da vocação cristã do bom samaritano.

É, por isso, que, perambulando pelos corredores e enfermarias de uma casa de saúde, uma enfermeira, vestida de branco, se nos afigura como um anjo da guarda, velando por todos os seus custodiados.

Um halo de luz a envolve e uma coroa de dignidade cinge-lhe a fronte.

Particularmente, a todos que, em nosso Hospital Regional, na Maternidade "Peregrino Filho" ou em clínicas particulares, se dedicam à nobre profissão, é dirigida a homenagem desta crônica hoje, quando se celebra: O Dia do Enfermeiro.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia das Mães

De todas as efemérides sociais que celebramos durante o ano – tem fulgor maior para o nosso espírito e maior enlevo para o nosso coração a data consagrada às Mães.

O brilho que pomos nas solenidades e o ardor, com que prestamos as homenagens, sobretudo, o sentido de aceitação por todos da carinhosa vassalagem, bem revelam que não se enaltece apenas uma rainha, de coroa e cetro, que nos governa, mas que se honra aquela que, sendo escrava do nosso afeto, é soberana do nosso amor.

Aos nossos olhos e diante do nosso espírito, em linha de realidade humana – a Mãe é o ser mais terno, mais puro, mais nobre, mais belo, o ser augusto, sublime!

Pouco importa a sua origem, se descende de uma obscura linhagem de cativos ou se procede de uma ilustre prosápia de reis.

É sempre senhora da mesma grandeza.

Pouco importa, conforme a diversidade de raças, a cor do seu rosto.

Ostenta sempre a mesma brancura da neve.

Pouco importa a sua situação econômica, se mendiga ou milionária.

É portadora sempre dos mesmos tesouros.

Pouco importam as suas marcas de beleza natural.

É sempre a mulher mais formosa e mais brilhante.

Parece mesmo que quanto mais humilde, mais augusta; quanto mais pobre, mais rica; quanto menos bonita, mais encantadora.

Para o pretinho da África ou para o pequenino rebento ariano da Europa, o rosto de sua mãe possui o mesmo deslumbramento de cor.

Para a poesia do nosso afeto e a doçura do nosso enternecimento, a mãe tem o esplendor de todas as constelações, o odor de todos os jardins, a limpidez de todas as virtudes, a excelsitude de todos os primores, a sublimidade de todas as prerrogativas.

É tal a singularidade de ser mãe que vezes até parece que ela é mais doce, quando chora do que quando sorri; mais terna, quando repreende do que quando afaga; mais meiga, quando castiga do que quando aplaude.

Em duas oportunidades, particularmente, é supremo o amor materno pela alegria ou na tristeza, quando a mãe se inclina exultante sobre o berço do filhinho recém-nascido ou quando, tran-

sido do pranto, se debruça sobre o esquife do filhinho morto.

No mistério da maternidade, há também dois instantes augustos, a que nem sei se a mulher deveria assistir de joelho, a agradecer, ou de pé, a entoar uma aleluia festivo: é o momento, em que o pequenino ser humano, passa a existir em seu claustro materno, e o instante, em que Deus cria para ele uma alma imortal.

São as duas oportunidades maiores na existência de uma mãe, aquela, em que ela passa a florir em uma nova vida, e aquela, em que, na intimidade do seu ser, com a criação da alma imortal, deixa Deus como que o seu rastro de criador.

Ensejos que deveriam ser festejados com enfeite de arcoíris, de clarões de sóis e de azuis de céu.

Que fiquem, pelo menos, estas considerações em louvor a tão bela e fulgente data, como é: O Dia das Mães.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Médico

Nesta semana, são comemoradas duas e efemérides sociais altamente expressivas: O Dia do Mestre e o Dia do médico, respectivamente, 15 e 18 do mês, terça e sexta-feira.

Na configuração das suas sublimes missões, tanto o mensageiro da luz e da verdade como o defensor da vida e da saúde são os protótipos dos grandes benfeitores da humanidade.

O Médico assegura a continuidade do ser humano na terra, dando-lhe vigor e bem-estar; o Mestre dá-lhe beleza e perfeição.

Um é o anjo da guarda da vida; o outro é o arcanjo portador da mensagem brilhante do mistério da encarnação do saber.

Ao Médico se lhe deve o Mestre a vida, a ciência e arte de defendê-la ao Mestre o Médico lhe deve.

Hoje dia 18, só do Médico é que se trata, já que terça-feira foi do Professor a crônica.

Toda profissão, por mais honestamente que seja exercitada, fica na alternativa de horas fulgurantes de êxito e de momentos amargurantes de decepções. Com isso, misturam-se na vida do profissional os dias de glória e de louvor com os instantes de apodo e de escárnio.

Tal cousa acontece, porque a sociedade não perdoa ao profissional nenhum deslize, como se ele fora o dono absoluto de todas os segredos e surpresas da sua arte, da sua técnica ou da sua ciência.

A perfeição absoluta é apanágio exclusivo da divindade, porque o homem é sempre deficitário em todos os seus quadros de aprimoramento ou planos de grandeza.

O Médico, como profissional, por mais insigne e consciente que seja no seu ofício, está igualmente sujeito a enganos e erros, não por desonestidade ou displicência mas por deficiência inerente ao próprio ser humano.

Não podemos exigir do Médico, como de nenhum profissional, que faça milagres e maravilhas mas apenas que execute com dignidade e a proficiência possível as suas tarefas.

Ademais nenhuma ciência, como a arte e a técnica, dado o relacionamento e interdependência dos conhecimentos humanos, possui uma auto-suficiência em plenitude, ficando sempre na expectativa de diferentes recursos externos. Se estes falham, aquela permanece deficiente.

Como poderá o artista executar com perfeição a sua obra d'arte, se não lhe põem à disposição todas as tintas, se é pintor; se lhe entregam um cinzel defeituoso, se é escultor; se lhe põem

nas mãos um instrumento desafinado, se é músico?

Como pode o técnico de um estaleiro realizar a requintada construção de um navio, se lhe ministram aço mal fundido e madeira carcomida?

Assim, dêem ao Médico todos os meios e instrumentos necessários de investigação, que todos os seus diagnósticos serão certos e exatos; dêem-lhe remédios capazes de curarem todas as enfermidades, que todas as suas receitas serão infalíveis.

No caso do Médico, na sua luta pela preservação da saúde e na defesa da vida, vale lembrar a possibilidade da morte, a que nenhum ser humano fugirá.

O fato de não salvar todas as vidas e de não curar todas as doenças não deslustra o halo de grandeza e glória que envolve a pessoa do Médico, como o grande benfeitor da humanidade.

Quando se fala aqui do Médico ou do Mestre, a referência é feita à classe, pelo que exceções que as há em todas as classes, não invalidam a beleza e a sublimidade da profissão.

Nada retira à augusta fronte do Médico a coroa da sua dignidade o diadema da sua grandeza, o nimbo do seu fulgor, a majestade da sua sublime e nobre profissão.

Sombras servem às vezes apenas para realçar a formosura do quadro, para mostrar que ser bom e belo em qualquer plano de vida humana custa sacrifício, exige renúncia, impõe heroísmo, é uma consagração de martírio.

O tamanho pequenino de uns enseja tão só a certeza da estatura alta de outros.

Se a vida e saúde não se pagam nem a peso de ouro, para demonstrar o seu apreço e a sua veneração àquele, a quem você tanto deve, aproveite a data de hoje: O Dia do Médico.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Funcionário Público

Dentro dos segmentos da sociedade, o Funcionário Publico tem o que seria falta de justiça não haver, também a sua data própria, um dia que lhe é consagrado 28 de Outubro.

Em nossos dias, dentro de uma configuração mais justa, o Funcionário Público passou a merecer, das outras classes sociais, respeito e estima, por força de uma compreensão exata das suas tarefas e encargos. Não é mais visto, como antigamente era tido, o cidadão privilegiado que, num esquema de paternalismo vivia folgadamente dos dinheiros da Nação, do Estado ou do Município.

Alguns fatores contribuíram para essa mudança de conceituação.

Exigências mais rigorosas por parte dos governos do nível mais aprimorado dos seus auxiliares e representantes.

Administrações Públicas honestas e mais eficientes que valorizam todos aqueles que, em qualquer setor de atividades, contribuem para realizá-la.

Cuidadosa disciplina de trabalho com severidade de medidas contra os omissos e displicentes.

Aceitação de que o Funcionário é um elo indispensável na rede da administração pública, sendo esta tanto mais eficaz quanto mais acentuado for o senso de responsabilidade daquele ou daqueles que executam os seus serviços ao povo.

Convencimento das aberturas financeiras dos Barnabés, sobretudo os mais modestos, em face do encarecimento da vida e uma vez que as empresas particulares, ordinariamente, oferecem salários mais compensadores ou proventos mais polpudos.

Por fim, uma consciência mais viva e forte, por parte dos Funcionários Públicos, das suas obrigações específicas em referência aos seus deveres para com a Pátria e para com o seu povo.

Há exemplos e muitos de Servidores Públicos, cidadãos do mais apurado quilate, verdadeiramente inflamados de ardor patriótico, que se sacrificam no fiel cumprimento das suas tarefas só pelo gosto de verem crescer a sua Nação.

São autênticas e generosas vocações de servir.

Tudo isso fez mudar radicalmente a imagem do Funcionário Público, de antigo parasita do Estado, como era tido, para o atual homem de bem, como hoje é considerado.

Com raras exceções, todos merecem a admiração, o acatamento e a simpatia do povo.

Reconhecimento justo, porque o Funcionário Público é fun-

damentalmente o servidor da sua gente. Para o povo, vive e trabalha. Para a grandeza do País, esforça-se e sacrifica-se.

Excluindo-me do mérito da classe, embora nela honrosamente me inclua, faço o registro deste louvor e desta homenagem da Rádio Espinharas de Patos, comemorando com redobrado orgulho e satisfação: O Dia do Funcionário Público.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Carteiro

A data dedicada ao Carteiro incidiu este ano no último sábado, dia cinco do corrente, por isso, dadas certas circunstâncias, só hoje estou tendo oportunidade de fazer o seu registro e a sua comemoração.

Na engrenagem do sistema de comunicação através dos Correios e Telégrafos, incluindo aqui também os serviços de estafeta, ocupa o Carteiro uma posição modesta mas de relevante utilidade, pois é ele que faz a complementação das tarefas de todos, uma vez que é por seu intermédio que as mensagens chegam às mãos dos seus destinatários.

Sob esse aspecto, nenhuma incumbência excele ao seu trabalho, pois perde o sentido, a sua razão de ser, uma carta ou telegrama que não chegaram àqueles, a que se destinam.

É no momento da entrega que se realiza e plenifica a comunicação.

Trabalho cansativo mas movimentado, por isso, bastante suportável, é o do Carteiro.

Todos os dias, em seus horários, lá vai ele de rua em rua, de casa em casa, onde deve haver a entrega das mensagens.

É sempre bem aceito nas moradias e cordialmente recebido pelos donos das correspondências.

Na sua faina diária, é portador, sem o saber, tanto de mensagens jubilosas ou alvissareiras como de tristeza ou de luto, ora de informações valiosas, ora de notícias preocupantes ou constrangedoras, vezes de proclamação de êxitos e triunfos vezes de comunicação de fracassos ou vexames.

Todos o saúdam e lhe agradecem pelos momentos de alegria que proporcionou e ninguém o culpa pelos instantes de tristezas que involuntariamente pode ocasionar.

De qualquer maneira, de suma valia são os seus serviços prestados à comunidade, sempre atento ao cumprimento dos seus deveres profissionais.

No plano da comunicação, é ele que, encurtando as distâncias, põe em contacto as pessoas.

Pode ser um servidor quase anônimo da sociedade mas sem deixar de ser um realizador de parcela do bem comum.

Razões são estas e muitas outras que nos levam a registrar com agrado: O Dia do Carteiro.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Motorista

Bem que merece o nosso amigo motorista a sua data própria, em que especialmente lhe cabe um louvor de todos, dada a sua importância decisiva no setor dos transportes, portanto como fator preponderante do desenvolvimento e da comunicação.

Quer como motorista de praça para os serviços urbanos ou de coletivos para a condução de passageiros no intercâmbio entre cidades e regiões quer como condutor, pelas longas estradas, de veículos pesados no transporte de mercadorias – o senhor do volante já marcou a sua posição de destaque no progresso dos povos e da humanidade, de tal modo que é impossível pensar em crescimento e civilização, sem a sua presença e trabalho qualificado.

Mesmo pensando nos outros tipos de transporte: o navio, o trem, o avião, não se dispensam os serviços específicos de motorista, porque nenhum deles leva ao destino final o passageiro ou a mercadoria, aquele à sua residência e esta ao estabelecimento comercial.

O táxi e o caminhão complementam a utilização dos outros meios de transporte.

Os dois e mais o ônibus, ora um ora outro, na mesma cidade ou entre a cidade e o campo ou entre cidades vizinhas e distantes – resolvem os problemas de locomoção e intercâmbio das comunidades.

Levam alunos e mestres para as escolas e faculdades; doentes e gestantes para hospitais, consultórios médicos ou maternidades; noivos e batizados para a igreja; o sacerdote ou o doutor em atendimento aos enfermos; funcionários para as repartições; times ou equipes para os estádios; multidões em romarias religiosas ou para concentrações cívicas ou ainda piqueniques e passeios; mercadorias ou produtos agrícolas para as feiras e, de volta, feirantes para as suas casas; e muitas e diversas outras serventias.

São eles: o automóvel, o caminhão, o ônibus e mais a camioneta e a ambulância que dão atendimento às necessidades de comunicação e intercâmbio entre os diversos comudados.

Através deles, é que se estabelecem as correntes migratórias internas.

A qualquer hora do dia ou da noite, solícito e vigilante está o motorista pronto no guidom do seu veículo para servir a sociedade.

Tantos e tão relevantes serviços prestados o credenciam ao apreço e reconhecimento de todos.

Essa também a razão deste registro e desta homenagem hoje, quando se comemora: O Dia do Motorista.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia do Radialista

Sendo hoje o Dia do Radialista, devo-lhe, pelo transcurso da data, o louvor, desta crônica.

Na minha condição de diretor de uma Emissora, esta homenagem é, antes de tudo, um ato de reconhecimento e de justiça.

Não posso honrosamente considerar-me um radialista só pelo fato de, pela imposição da obediência, botar sentido à nossa querida Rádio Espinharas.

Por isso, tudo que de bom e alto, e foi muito, a nossa Emissora realizou, nestes quase seis anos últimos, deve ser atribuído àqueles que nela trabalham com devotamento.

A eles, a quem coube o peso das tarefas, cabe o mérito das realizações.

Se lhes reconheço o suor do esforço, atribuo-lhe a palma das vitórias.

Para mim nada reservo, pois o reservar-me alguma cousa seria a mim lisonja e contra eles usurpação.

A única cousa que me atribuo, é a coragem de ser honesto na proclamação da verdade, conferindo, por justiça, a outros o que outros, por generosidade, a mim poderiam conceder-me.

Desse modo, aproveito o ensejo da data, em que a classe é homenageada, para manifestar à família radialista da Espinharas a minha admiração, o meu apreço e o meu reconhecimento.

Proclamo-lhe o merecimento e exalto-lhe a dedicação.

Sobretudo lhe enalteço o gosto de servir na linha da sua nobre vocação.

Entre as sublimes conquistas do espírito humano e como instrumento dos mais soberbos triunfos da humanidade, está a imprensa, qualquer que seja a sua modalidade ou feitio.

Das formas de imprensa, merece destaque o rádio, dado o calor da sua vivacidade, a sua força de convencimento, a rapidez da sua divulgação e a dimensão da sua audiência.

No jornal, a idéia é a centelha de luz ou a chama de incêndio mas de pavio em pavio, de vela em vela, de círio em círio. No rádio, a idéia é a centelha de luz que vira sol, de instante, porque em todas as mentes é a chama do incêndio que se alastra de vez, porque em todos os corações.

Por maior seja a tiragem de um grande jornal e por mais rápida que seja a sua circulação, não há termo de comparação entre o número dos seus leitores e o número de ouvintes atingidos, de uma só vez, pela força mesmo de uma pequena estação de rádio.

Depois, como fator de convencimento, as mensagens do rádio pode, ser levadas ao ar repetidamente, a cada momento, o que é impossível ao jornal.

Ainda, o calor da palavra falada supera a quentura da palavra escrita.

A própria televisão, que é outra modalidade de imprensa, perderia muito da sua sugestão, se ficasse confinada unicamente à imagem, excluindo a palavra falada.

Haja vista a diferença que todos reconhecem entre o cinema mudo e o cinema falado.

Pois bem, se maravilhosa é a força do rádio, grande é a responsabilidade do radialista, como homem de imprensa.

Ninguém mais do que ele, pode contribuir para o bem ou para o mal, para a virtude ou para o crime, para nobreza de vida ou para a dissolução dos costumes, para a ordem da sociedade ou para a intranqüilidade do povo, para construir ou destruir.

Dos seus lábios prudentes, pelo comedimento e elevação, pode depender a paz de uma nação ou de sua língua maldizente e insidiosa, pela provocação e açulamento, pode resultar a guerra entre países.

Como instrumento de educação, nenhum outro mais do que o rádio, consegue penetrar de cultura o povo.

O rádio é, a um só tempo, maravilha e força.

Infelizmente, o rádio tanto pode ser anjo de luz, mensageiro da verdade e do bem, como anjo de trevas, arauto da mentira e do mal.

Portanto o valor e a grandeza do radialista se inferem da determinação, com que ele vive o seu elevado ofício, e da lealdade à sua nobre vocação.

Espinhosas são as suas tarefas e quase sempre pouco reconhecida mas, se ele as realiza com dignidade, grande é a sua benemerência.

O povo e a humanidade, agradecidos, deveriam tratar os seus autênticos homens de rádio e, extensivamente, de toda a imprensa, com a admiração e, respeito, com o apreço e a estima, com o carinho e a solicitude, que eles bem merecem.

Seria um incentivo para os bons e um repúdio aos maus.

De mim confesso: é com empenho e gosto desdobrado e, mesmo, com orgulho pela gente que dirijo, que presto este louvor e esta homenagem, exaltando: O Dia do Radialista.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Dia dos Finados

Hoje é o dia consagrado aos mortos, àqueles que nos deixaram a saudade do seu desaparecimento.

Como nós que ainda vivemos, todos eles também já viveram no tempo, antes de passarem à eternidade.

Como nós, existiram em carne e osso aqui, na terra, vendo as mesmas cousas que nós vemos e ouvindo muitas falas que ainda ouvimos.

À semelhança da gente, tiveram cá também os seus problemas e as suas preocupações suportaram a sua cruz e os seus sacrifícios, verteram as suas lágrimas e derramaram o seu pranto, tiveram os seus instantes de alegria e os seus momentos de tranqüilidade.

Uns se refestelaram em opíparos banquetes, enquanto outros curtiram fome; uns viveram no fastígio e outros viveram na modéstia; uns foram senhores do mundo, enquanto outros não passaram de míseros escravos; uns tinham por mansão doirados palacetes, enquanto outros contavam por leito com a sarjeta das ruas e o relento das praças; uns erguiam o braço para mandar e outros estendiam a mão para pedir; uns, sábios; outros ignorantes; uns lúcidos, outros loucos; uns livre, outros encarcerados; este sadio, aquele enfermo; este honesto, aquele larápio; este santo, aquele pecador; este religioso, aquele ímpio; mas todos juntos perante um só Juiz justo; mas todos juntos diante de um só Pai, exaltado ou ofendido; mas todos juntos em face de um só Deus, criador e redentor.

Por tantas desigualdades, como terão sido os julgamentos! Por tantas diferenças, como terá sido a distribuição dos prêmios e a aplicação dos castigos! Por tantas disparidades, como terá sido a concessão do peso da glória e a imposição da pena eterna!

Seria bom que voltassem eles a nos falarem? Pouco adiantaria isso para os que não creram e não aceitaram, pois recusaram os profetas, o Evangelho, a mensagem do próprio Cristo.

Cousa semelhante disse Jesus em uma das suas parábolas.

Para nós que cremos, a saudade dos nossos mortos deve converter-se em preces, em sufrágios, em ajuda espiritual.

Que os podemos ajudar com as nossas orações e boas obras, é certo e, se é certo, devemos fazê-lo.

Que leve o esposo vivo à esposa morta uma lembrança de flores ao seu túmulo, nada reprovável, com tanto que, rezando por ela, não resuma só nisso a sua visita.

Que igualmente assim proceda o filho vivo para com a mãe

defunta; o irmão vivo com o irmão falecido; o parente vivo para com o parente extinto; o amigo vivo para com o amigo desaparecido.

Deste modo, continuará salutarmente, em favor dos nossos entes queridos, o nosso afeto de outrora e a nossa saudade de hoje.

As nossas preces e as nossas lágrimas resignadas, ao pé do jazido dos nossos mortos, poderão fazer brotar lírios para a eternidade.

Por uma séria reflexão sobre o nosso fim e por ardentes súplicas a Deus em favor dos nossos mortos, vivamos proveitosamente: O Dia dos Finados.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quem Corre, Cansa.

Há bastante gente que pensa que a eficiência do trabalho e o êxito da iniciativa dependem da pressa, do açodamento.

O tempo inegavelmente é sempre um fator valiosos mas, em todas as circunstâncias, nem sempre é o fator principal.

Há trabalhos, em que o planejamento meticuloso, o cálculo orçamentário, o tino administrativo, a mão-de-obra especializada, a matéria prima utilizada, a segurança na execução, a paciência em realizar, valem mais do que o fator tempo.

Tomemos um exemplo nosso, de cousa conhecida por todos, que seja a construção de um açude.

Deixando de parte outros elementos que dizem respeito à rentabilidade do dinheiro empregado e à utilidade do reservatório d'água, pensemos no quanto vale mais do que a rapidez ou pressa no construir – a escolha do material e o cuidado na execução.

O descaso de qualquer um desses dois elementos poderá determinar o arrombamento.

Pouco importa que haja maior ou menor demora na construção da barragem, com tanto que tenha sido feita com segurança e solidez.

A sofreguidão na execução dos trabalhos seria realmente ponto negativo.

Por isso também, há freqüentemente risco na realização de obras de vulto, em que a urgência impõe prazos relativamente curtos.

Embora tecnicamente planejada essas obras, sempre é possível o surgimento de pequeninas circunstâncias imprevisíveis que exigiriam mais um pouco tempo além dos prazos prefixados, o que determina, em face do rigor dos contratos, um perigoso açodamento no encaminhamento dos trabalhos.

Essas considerações são feitas em apoio e ilustração ao que aqui se afirma.

Servem elas para mostrar a certas pessoas que, esquecidas do valor da moderação ou comedimento, põem sempre pressa no seu agir, o desacerto das suas atitudes.

Costuma-se dizer que o vexame, no sentido de pressa, é doença.

Se não é doença mesmo, é, pelo menos, cousa arriscada ou perigosa.

O certo é evitar tanto o açodamento como a morosidade. Nem oitenta nem oito.

A perfeição não quer pressa, exige é paciência e tenacidade.

Os trabalhos realizados com precipitação, de afogadilho, sempre saem imperfeitos, defeituosos.

As pessoas ativas, dinâmicas, irrequietas, alvoroçadas, em sofrearem o seu temperamento, muito ganham em armazenagem reservas de energia.

Depois, na vida social, a precipitação ou vexame gera constantemente contragostos e aborrecimentos.

Para que tanta pressa nas cousas, se é certo: Quem corre cansa.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Direito ou Obrigação de Viver?

No plano natural e humano, todo ser vivo tem direito à vida mas, em relação a Deus, por sermos apenas usuários da vida, só temos a obrigação de viver, porque o direito à vida cabe a ele e não a nós.

Se existe para nós esse direito, é tão relativo que desaparece.

Tanto assim é que aquele que tira a vida ao seu irmão, prestará contas severíssimas ao Senhor, por ter usurpado um direito que a ele exclusivamente cabe.

De homem para homem, é claro, cada um tem direito à vida mas, em referência a Deus, é diferente.

De homem para homem, esse direito já resulta das nossas íntimas relações com o próprio Deus.

Por isso, é que, não tendo direito à sua mesma vida, muito menos o tem o homem quanto à vida dos outros.

Bom que assim o seja, porque só o senhor Deus sabe usar, com bondade e com justeza, de todas as cousa.

Se foi ele quem fez florir do nada o nosso ser, é a ele a quem pertence a nossa vida, de modo total e absoluto.

Se ao homem coubesse em plenitude a sua vida, podendo dela dispor ao seu talante, pouco se importaria ele de viver bem ou de viver mal, exterminando-a quando abusado, ou prolongando-a por desfastio.

Tendo a obrigação e não o direito, vive ele como quem tem de dar contas do seu tempo, que procura tornar fecundo e proveitoso para felicidade sua e dos outros e glória de próprio Criador.

Sendo de Deus o direito, temos apenas a obrigação de viver e de viver bem, honestamente, pois o dono da nossa vida é santo, é o Senhor.

Desse modo, não adianta a inconformidade, a insubmissão, a revolta ou desespero diante da morte, pois seguindo a ordem natural das cousas, ela vem, quando Deus o permite e não quando e como a gente o deseja.

O que importa, é estar sempre vigilante para o chamamento do Senhor, a fim de que seja jubilosa a prestação das contas e não motivo de infortúnio e de ruína.

Se não sabemos a hora, em que Deus vai usar o seu direito, impõe-se-nos a prudência de cumprirmos meticulosamente a nossa obrigação de vivermos bem.

Só assim evitaremos o risco de uma desastrosa surpresa.

Não adianta tentar fugir do impossível, do inevitável, da dura contingência de sermos assim.

Por tudo que aqui se disse, já vai suficiente a resposta à indagação: Direito ou obrigação de viver?

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Futuro só a Deus Pertence

Que esteja prevenido e cauteloso o homem, pois o futuro foge às suas luzes e às suas forças.

O presente nos é dado para que nos previnamos para o porvir, a fim de nos precavermos contra as surpresas desagradáveis e não desperdiçarmos as oportunidades benéficas.

É a prudência que adverte e sentencia: o homem prevenido vale por dois.

É essa soma de dois que a prudência e previdência aconselham, a fim de que não nos encontre a tempestade de porta aberta, quando já não haveria mais condições de fechá-la.

Claro que, dados os imprevistos e o curso potencialmente mutável das cousas, não há meios de nos prepararmos, de modo total e absoluto, para os tempo vindouros mas algumas providências é mister se tomem.

Enquanto não se constituir em verdadeira ciência a futurologia, temos de nos contentar como o conhecimento conjectural.

Mas prudentes conjecturas evitam muitos riscos e conseqüentes sobressaltos.

Quem nega que o homem, cauteloso na defesa e previdente no ataque, é mais forte do que o homem inteiramente de corpo aberto, como se costuma dizer.

Ninguém tem o direito de adivinhar mas tem a obrigação de prevenir-se.

Não adianta fechar a porta depois que o ladrão roubou.

É valida filosofia de vida que manda dormir de olhos abertos, quando os amigos não são certos.

Não podemos, pensando no futuro, desconfiar de tudo ou não confiar em ninguém. Seria insuportável viver.

Mas a sabedoria do povo esclarece, a fim de evitar surpresas, que não se confie numa pessoa antes de comer, pelo menos dois quilos de sal com ela.

Com isso, previne-nos a experiência dos séculos que ninguém abra e seu coração ou as portas da sua casa só pelo agrado da primeira vista.

Há pessoas quem sem pensarem em futuras complicações, mal se conhecem, passam logo a transmitir os segredos mais íntimos seus e dos outros.

Esse sistema de tornar-se alguém agradável ao seu recém-conhecido, pela revelação de intimidades, é inteiramente perigoso e condenável.

Quantas lágrimas e intrigas já não resultaram dessa imprudência e imprevidência!

Conseqüências desastrosas no futuro já advieram de pequeninas ingenuidades do passado .

O futuro não nos pertence.

Quem nega que já tenha evitado pesados prejuízos o comerciante prudente e atilado que, além dos seus balancetes regulares, procura prever, com certa antecedência, a colocação de mercadorias que adquirir ou de estoque ainda existente.

A tentação de lucro não o leva nem à imprudência de novas compras nem à temeridade de reter demoradamente e copioso sortimento.

Como o futuro não nos pertence, as previsões da ganância não dão certo.

Em outra cidade que não a nossa, há muito tempo atrás, sei de um comerciante que, incentivado por um bem intencionado amigo e protetor, fez, aproveitando a queda de preço , uma compra desusada de chapéus.

Enquanto, receosos pelo não uso de chapéu que já se iniciava, previdentes, os lojistas locais se retraiam e as fábricas colocavam, no mercado, a qualquer preço, os estoques acumulados – e nosso imprevidente comerciante foi nas águas quentes de um presumível grande lucro.

As conseqüências foram desastrosas: enorme prejuízo, de que resultou a falência.

Também, quantas tardias lamentações de certos pais diante das loucuras de um filho, rapaz, ou por conta de desatino de uma filha, moça, não resultaram da excessiva tolerância para com os mesmo no tempo de criança!

A imprudência e a imprevidência em face de um possível futuro sombrio cobriram de cabelos brancos a cabeça do pai e de traços de tristeza a face da mãe.

Já que o futuro não está ao nosso alcance, o que nos cabe, no presente, para evitar possíveis fracassos, é termos as condições adequadas os nossos êxitos e triunfos, prevenindo-nos.

Por fim, quem pode obscurecer a displicência e imprevidência de sertanejo que, curtido de tantas secas, não se previne contra seca nenhuma.

Basta a primeira ameaça de estiagem para levantar-se o clamor.

Reconheço a situação precária da nossa agricultura que daria os meios principais de prevenir-se o sertanejo centra as longas estiagens, armazenando o seu paiol de milho ou guardando os seus silos de feijão; mas é inegável o pouco espírito de poupança do nosso povo que para nada se previne e contra nada se acautela.

Essas cousas estão sendo insinuadas, como um conselho e uma advertência amiga à nossa gente.

É bom que seja feita a advertência neste segundo prenúncio de inverso, a fim de que alguma precaução seja tomada para 1971.

Se os tempos não mudaram, uma seca, entre 69 e 71, há de haver.

Não incidiu em 1969, parece afastada a ameaça para o corrente ano, então sobrevirá em 1971.

Prevenir-se não faz mal a ninguém, porque dá segurança e tranqüilidade.

Alguma cousa o nosso povo pode fazer, acautelando-se e prevenindo-se pois prudentemente o faço.

Não sou profeta de chuva nem cassandra de calamidades públicas mas não adianta teimar contra a periodicidade das secas e algumas experiências confirmadas.

Tudo isso, claro que é relativo, porque: O Futuro só a Deus Pertence.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: A Alegria de Viver

Se intenso prazer experimentamos só com a tranqüilidade na vida, que grande felicidade não é a alegria de viver!

Quando digo alegria de viver ou por viver, não estou falando apenas de alegria na vida, cousa que podemos sentir por motivos os mais diferentes e variados.

Um copo d'água que nos dessedenta de uma sede ardente; uma refeição que nos mata a fome; um agasalho que nos resguarda do frio; a carícia de uma sombra numa hora de canícula; um passeio que espairece o espírito; um animado bate-papo com pessoas amigas; o alívio pelo desaparecimento da pontada aguda de dor; um negócio bem sucedido; um golpe de sorte; um êxito e por inumeráveis outras razões, tudo isso nos causa alegria, agrado, conforto na vida mas não é propriamente a inefável alegria de viver.

A alegria de viver é o próprio gosto da vida. É sentir o agrado da vida pelo fato de viver. É o saborear dulçorosamente a néctar da existência.

De todos os regozijos, é o mais profundo e vibrante, o mais transbordante e intenso.

Esse exultante contentamento pode ter os seus períodos em qualquer idade mas é específico, de modo parcial, na infância, quando se brinca de viver, e, de maneira total, na juventude, quando esplendem o encanto e a euforia de viver.

Dessa profunda e vibrante alegria de viver, é que resultam o brilho, a exultação e a felicidade da juventude.

Isso vem de quem na idade juvenil, é que o ser humano explode em todas as suas dimensões de grandeza e exuberância.

Isso também é que gera os sérios compromissos de cada jovem para com o seu doador divino por tantos dons e primores, que lhe concede, mas que exige, dos talentos outorgados, o devido aproveitamento, dentro do esquema das suas finalidades específicas.

São riquezas que devem ser multiplicadas pelo trabalho devotado e permanente, a fim de que cada ser humano, aproveitada a fase propícia de aperfeiçoamento, aderne a obra da criação, a grande casa do Senhor, com a parcela de formosura, que intransferivelmente lhe cabe.

Para incentivá-la na forte dedicação ao estudo e ao aprimoramento da sua conduta, são estas considerações, Girlene de Oliveira, que me agrada fazer-lhe, nesta crônica em homenagem aos seus quinze anos.

Girlene de Oliveira, que nasceu em Patos, no dia 23 de novembro de 1963, é filha do casal Geraldo Chagas de Oliveira e Maria José de Oliveira.

Da irmandade – três filhas – Girlene é a primogênita.

Reside com a família em nossa cidade, à rua Augusto dos Anjos, n.º 133.

Cursa a 7ª série do primeiro grau no Educandário Diocesano de Patos.

Pretende seguir o curso de contabilidade.

Em casa, com os pais e as duas irmãs, e, com colegas e professores no colégio é excelente o seu relacionamento, dado o seu gênio jovial e comunicativo.

Com preferência para Roberto Carlos, gosta muito de música mas o seu empenho maior é mesmo o estudo.

Girlene é uma jovem cristã, de comportamento irrepreensível.

Cor morena-clara, olhos e cabelos castanhos, Girlena é dona de muita meiguice e simpatia pessoal.

Para a sua felicidade temporal e para o seu eterno peso de glória, aproveitando os dons e multiplicando os seu talentos, pode você, Girlena de Oliveira, usufruir vibrantemente, da sua idade, toda: A alegria de viver.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: O Tempo não Impede a Felicidade

Tudo neste mundo é relativo, nem goza de eternidade nem plenitude total. Só Deus, ser necessário, é que tem a plenitude absoluta e a verdadeira eternidade.

Todas as cousas criadas terão o seu termo, o seu fim, com exceção das substâncias espirituais – os anjos e a alma – que tiveram princípios mas não dotadas de uma eternidade posterior.

A razão é que tudo que é material, é quantitativo, é composto; e tudo que é composto, tende a corromper-se, a desfazer-se em partes.

Por isso, a substância espiritual, que é rigorosamente simples, goza de incorruptibilidade, não pode desfazer-se em partes. Daqui, a imortalidade da alma e a perenidade angélica.

Então não é o tempo que, no seu estirão ininterrupto, acaba com as cousas mas são as próprias cousas que, pela contingência da sua natureza, acabam todas no tempo.

Portanto é válido dizer que o tempo, que não acaba com a felicidade, muito menos o impede.

Compreende-se assim a felicidade permanente de um lar por vinte e cinco anos decorridos.

Entende-se perfeitamente que as bodas de prata de núpcias de um casal sejam uma festa da família, não só bonita nas vibrante de júbilo e de ventura.

Não é para menos rememorar tantos anos e inúmeros dias transcorridos na mais íntima compreensão e no mais fervoroso afeto.

É felicidade autêntica e transbordante recordar, sem sombra de tristeza, vinte e cinco anos depois, daquele instante sublime, aureolado de doirados sonhos de futuro, em que um rapaz e uma jovem, na presença da Igreja e sob as vistas de Deus, juraram uma união perpétua e indissolúvel em virtude e por força do vínculo matrimonial.

Gosto de repetir: até parece duas árvores, de troncos distantes, que enlaçaram os seus ramos para florir e frutificar juntas.

E quando Deus abençoou a fecundidade em dez frutos, em dez filhos, aí já são doze vozes a cantar hinos de triunfo e aleluias festivas!

Abençoados lares estes que não se amedrontam com a prolificidade natural e a educação dos filhos.

Na hora de recordar, como se sentem orgulhosos e contentes dos pais, quando se contemplam multiplicados em tantos rostos que são a imagem dos seus próprios rostos.

Olham para o seu lar com o gosto de quem olharia para um

canteiro, florindo em pleno mês de Maio.

Mas isso só é possível, quando os esposos se uniram, não como dois adversários que se aproximaram para brigar mas como dois seres ímpares que se juntaram para uma complementação total e perene.

Se os dois se integram, se totalizam, só na sagrada complementação de corpos e de almas é que reside a felicidade.

Não devem desajustar-se peças que se uniram para uma única e comum destinação.

O lar não realiza apenas uma justaposição de pessoas mas efetiva uma fusão de corpos e uma união de almas.

Qualquer fuga a isso é uma traição. Qualquer deslealdade a isso é uma tentativa afrontosa de separar o que Deus uniu.

No entanto a vivência afetiva da complementação realizada pelo matrimônio garante a felicidade que nem o tempo impede.

É assim que as cousas se passaram e se passam com o casal Estevam Martins da Costa e Maria de Lourdes de Lucena que hoje, em Patos, comemora alegre e festivamente os seus vinte e cinco anos de núpcias,

Estevam Martins da Costa, de pais já falecidos nasceu em Taperoá, em 16 de dezembro de 1923.

Passou a residir em Pato, a partit de 1945.

Dona Maria de Lourdes de Lucena, de pais também já falecidos, é natural do nosso município e um dia menos idosa do que o esposo, pois nasceu no dia 27 de dezembro de 1923.

Circunstâncias interessantes num lar, em que os esposos nasceram no mesmo mês e ano – dezembro de 1923 – e apenas com diferença de um dia, pois Estevam nasceu no dia 26 e Dona Lourdes no dia 27.

A própria natureza parece foi alcoviteira dos dois.

O enlace matrimonial realizou-se em Patos, no dia 22 de janeiro de 1948.

Houve do casal 11 filhos, tendo morrido, na idade de 9 meses, a primogênita.

Dez são vivos: Carlos Estevam, Glória de Lourdes, Lourdivam, Irandi, Estênio, Estefânio, Élcio, Maria Cecília, Hélio e Enio Antônio.

Dos dez só é casada Dona Glória de Lourdes com Marcone César Palmeira, que já deu ao casal os dois únicos netos: Marcone Palmeira Filho e Manuel Alexandrino Neto.

Apresento as minhas sinceras felicidades ao distinto casal que, na comemoração dos seus vinte e cinco anos de núpcias, das suas bodas de prata de casamento, pela saudade, com que recorda, e pela alegria que sempre viveu, está a proclamar: O tempo não impede a felicidade.

Crônica das 12
Hoje, sob o título: Quando o Tempo Vira Ouro

Meio século de convivência no lar, se em harmonia, constitui para um casal o suave degustar dos deliciosos frutos da paz; se em discórdia, representa para ele o travo de um longo martírio. Se enobrecido de amor, é luz doirada de amanhecer; se eriçado de incompreensão e ojeriza, é sombra opressiva de crepúsculo. Se em alegria permanente, é felicidade; se em constante dessabor, é infortúnio.

Então cinqüenta anos de núpcias, quando tudo correu bem, fazem o tempo virar ouro.

Ouro nessa circunstância quer dizer contentamento perene e ventura ininterrupta.

Efetivamente, quando dois – um homem e uma mulher – realizam pelo matrimônio uma complementação perfeita, na medida, em que um se sente totalizado pelo outro, existem condições bastantes para uma felicidade perene.

O segredo dessa felicidade perene está no reconhecimento de ambos de que, separados ou desleais, se tornam seres imperfeitos e incompletos. Então buscam ardorosamente, pelo amor que une e pela felicidade que aperta ainda mais a união, uma integração afetiva total e permanente.

Na proporção, em que os dois sentem a necessidade da complementação mútua pelo amor e pela fidelidade e a procura sincera e ardentemente, aumentam, com o tempo, as condições de felicidade.

Mais um dia no lar é mais um incentivo para união. Portanto é mais uma razão para a felicidade.

Assim, se os esposos consegue converter em realidade a alta inspiração do Evangelho, tornando-se "duas almas num corpo só", a família será, em qualquer circunstância, um oásis de luz e de beleza por entre a fealdade do mundo e as trevas da terra.

A família não foi instituída por Deus apenas para propagação do gênero humano mas também para proporcionar às criaturas humanas a alegria do amor, o conforto da paz e o gosto da felicidade.

É uma investidura de responsabilidade mas com a recíproca da compensação.

Nisso, o tempo só interfere para garantir e aumentar as razões da compensação.

Desse modo, é que esposos felizes na juventude são muito mais venturosos na velhice, quando cresce em ambos o convencimento da necessidade que um sente do outro.

Se na mocidade reclamavam-se mutuamente, na velhice é

tal a dependência entre eles, a necessidade do convívio que o tempo alicerçou que, morto um, não suporta o outro a tortura da saudade, da ausência, da separação.

É valida e bonita a qualificação de bodas de ouro para os cinqüenta anos de casados.

Diga-se de passagem que esse ouro do tempo não é fruto da riqueza nem do prestígio social, pois muitas vezes, em lares modestos, é mais brilhante esse ouro do tempo, imagem da felicidade.

Tais cousa digam-se em referência ao modesto mas sumamente ditoso casal Luís Ferreira Neves e Maria Digna Ferreira que hoje comemora os seus cinqüenta anos de núpcias, as suas bodas de ouro de casamento.

Não tem riqueza mas vende felicidade.

Na modéstia do viver, são de maneira tal venturosos que nem, ao menos, a Luís Ferreira e a Dona Maria Digna aperta a saudade da festiva data do enlace matrimonial que se realizou no dia 23 de janeiro de1923.

A família reside no Sítio "Riacho de Moça", município de Teixeira.

Houve do casal três filhas, criando-se apenas a primogênita, Alcinda Ferreira Neves, que ainda muito jovem ingressou na Congregação das Filhas do Amor Divino, de que obteve posteriormente dispensa dos seus compromissos religiosos, a fim de dar uma assistência mais direta aos seus venerado velhinhos pais.

Alcinda trabalha aqui, em Patos, na Caritas diocesana.

A Luís Ferreira Neves e a Dona Maria Digna Ferreira as minhas calorosas felicitações pelo seu meio século de núpcias, pois, felizes como foram, é nesta altura: Quando o tempo vira ouro.

Novena de Nossa Senhora da Guia.

Côn. Joaquim de Assis Ferreira

Oração preparatória

Augusta Mãe de Deus! Nós que vos veneramos sob a invocação de Nossa Senhora da Guia e sob esse título vos constituímos a Padroeira da nossa Paróquia e da Nossa Diocese, estamos aqui, hoje, no novenário da vossa festa, para vos dirigirmos os nossos louvores, e reconhecidos e confiantes, proclamamos a nossa gratidão por tantas graças e favores recebidos.

Guiados pelos ardores da nossa fé ao vosso santuário e ao pé do vosso altar, excelsa Rainha do céu e da terra, nossa protetora e mãe bondosíssima, mais uma vez vos ofertamos a nossa vassalagem de servos e nosso amor de filhos.

Iluminados pelo vosso esplendor celestial, nós vos suplicamos que aceiteis as nossas homenagens pela bondade do Pai e pela graça de seu Filho Redentor, Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Amém.

I

Senhora da Guia! Vós que sois o Arco-Iris da Nova Aliança, acendei no povo de Deus a esperança da Salvação em nossa difícil caminhada para a glória do Pai. Ave Maria.

II

Senhora da Guia! Vós, que sois a estrela fulgurante no proceloso mar da nossa vida, fazei que, sendo a luz do mundo e o sal da terra, demos testemunho de vosso Filho Jesus Cristo. Ave Maria.

III

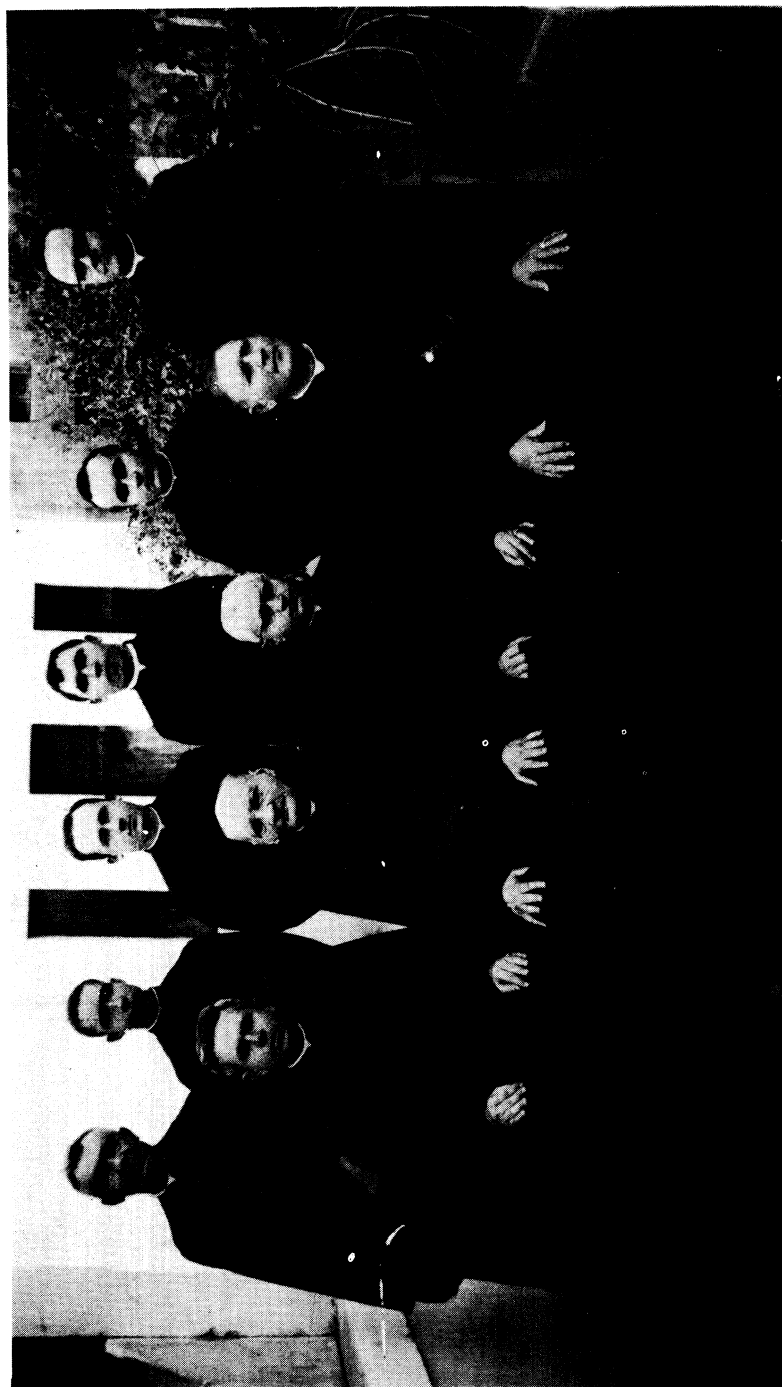
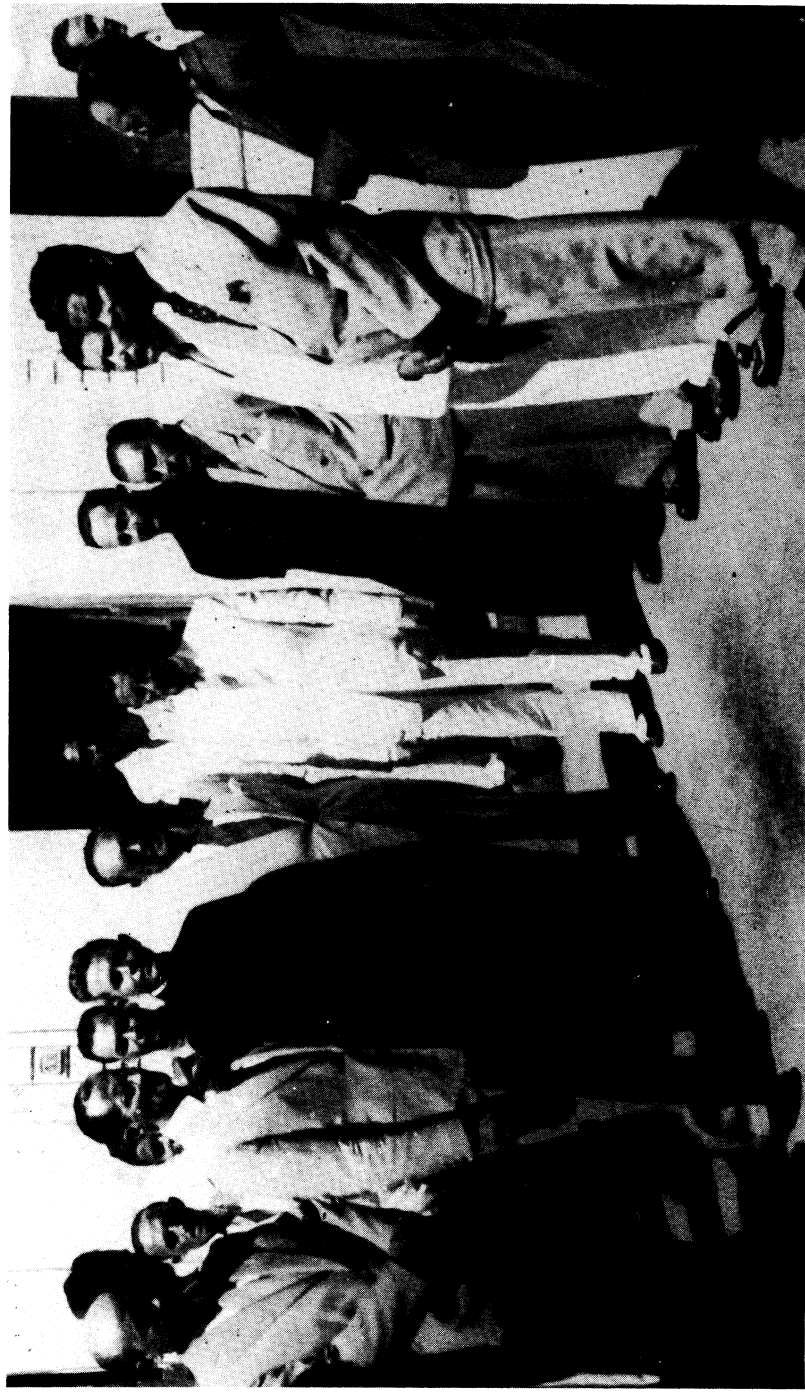
Senhora da Guia! Vós que sois a Mãe da Igreja, reuni e guardai, sob o vosso manto protetor e pelo influxo do Espírito Santo, todos os vossos filhos, a fim de que nos amemos e ajudemos, como irmãos! Ave Maria.

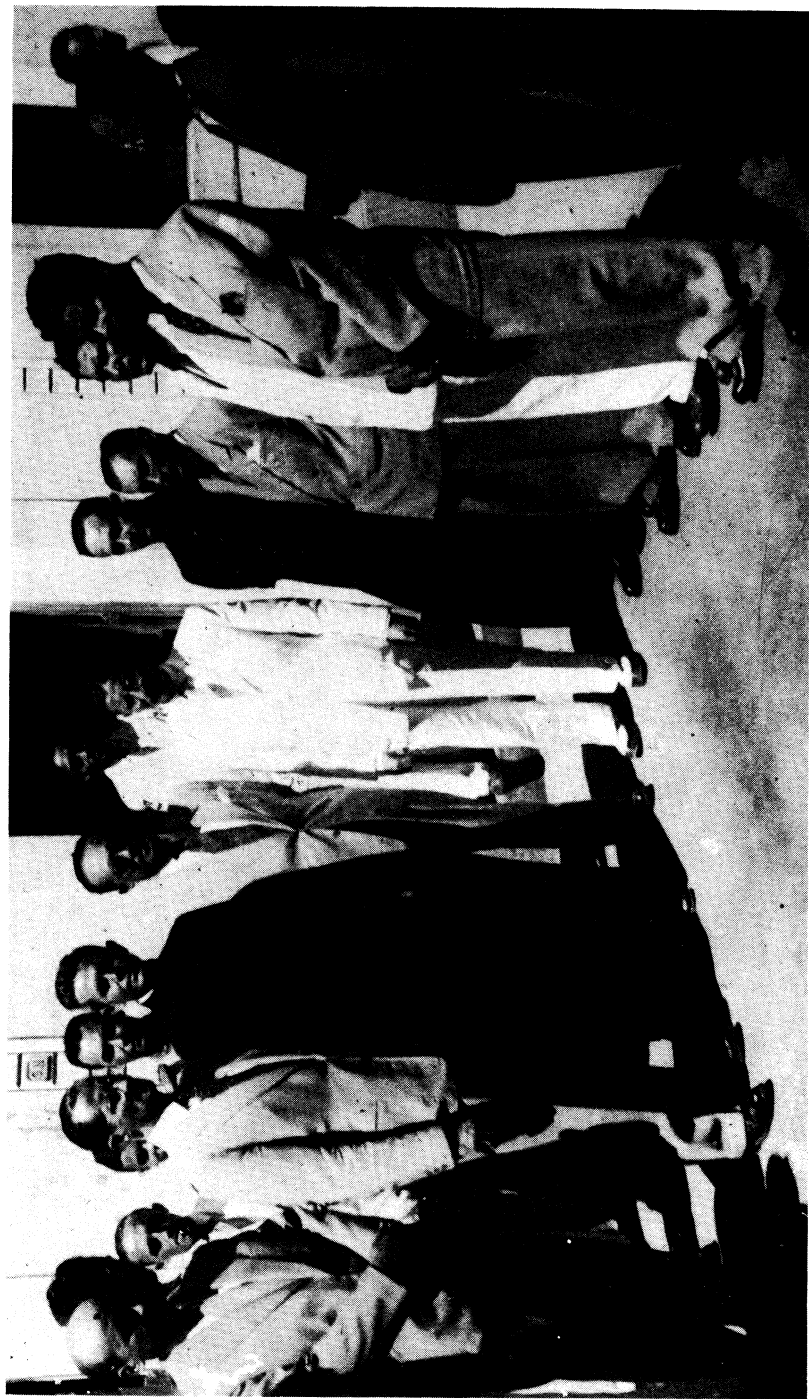
Pe. Joaquim Luis Ferreira

Testamento público que em minhas notas fêz - o Padre Joaquim de Assis Ferreira, na forma abaixo:

S A I B A M quantos este público instrumento de testamento virem, que, aos 28 (vinte e oito) dias do mês de abril - do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo - de 1987, nesta cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraiba, em meu cartório, no Palácio da Justiça, perante mim Tabelião Público do 7º Oficio de Notas e as cinco (05) testemunhas especialmente convocadas para este ato, a final nomeadas, qualificadas e assinadas, de cuja identidade e capacidade_ juridica dou fé, bem como de que da presente será enviada nota ao competente Distribuidor - compareceu como testador - o padre JOAQUIM DE ASSIS FERREIRA, brasileiro, solteiro, maior, sacerdote, domiciliado e residente na cidade de Patos, Estado da Paraiba - portador da Cédula _ de Identidade nº 43 619 - expedida pela Secretaria de Segurança Pública - do Estado da Paraiba e do CPF Nº 003.798 914 68); reconhecido pelo proprio de mim Tabelião e pelas mesmas testemunhas e no uso e gozo_ de suas faculdades mentais, como se inferio do acerto e segurança com que respondeu as perguntas que lhe foram feitas, do qe de tudo dou fé. E, pelo testador, em vóz alta e idioma nacional, me foi dito, não obstante estar bem disposto e fluindo boa saúde, sem sugestão, induzimento ou coação, desejava fazer este seu testamento e me pedio que tomasse em meu livro de notas as suas declarações de última vontade. Para' atender, como é o meu dever ao desejo, firmimente manifestado, passo a reduzir a têrmo os seus dizeres que são de teor seguinte: DISSE 1º) que nasceu em data de 24.11.1908, na cidade de Pombal, deste Estado ' da Paraíba, estando atualmente com 79 anos de idade, sendo filho dos falecidos Antonio Ferreira Lima e de Maria Olindina de Assis; 2º) que tendo herdeiros necessários, pode como lhe faculta a Lei, dispor livremente de parte de seus bens e assim o fêz de sua livre e espontânea ' vontade, isto é, sem induzimento ou influência de quem quer que seja ; 3º) que desta maneira quer instituir a ASSOCIAÇÃO PROMOCIONAL DO ANCIÃO " Doutor João Meira de Menezes" - ASPAN - Instituição de caridade ' que assiste a velhice abandonada, em regime de internato, com séde à rua Padre Pedro Serrão s/n, no bairro do Cristo Redentor - João Pessoa PB, fundada em 10 de março de 1983, registrada no Cartório Toscano de Brito sob nº 43.028 em 12 de março de 1983 e pela Lei Municipal nº 4.172 de 19.9.83 como herdeiros dos direitos autorais de toda a sua produção literária, exteriorizada de qualquer modo pelo testador, assinada com o seu nome civil completo ou abreviado, até por iniciais ,

bem como por pseudônimo ou qualquer sinal convencional; 4º) que a herdeira ora constituída, fica por este ato, com o direito de utilizar, fruir e dispor de tudo quanto produziu o testador, no campo da obra intelectual, conforme definição do Art. 6º da Lei nº 5.988 de 14.12.73; 5º) que nomeia inventariante e testamenteiro o Dr. José Tarcisio Fernandes, brasileiro, casado, advogado, domiciliado e residente à rua Silvino Chaves, nº 800 - Tambaú - João Pessoa-PB; abonado em Juízo ou fora dêle, independente de fiança ou caução para cumprimento deste testamento; 6º) que por esta forma tinha por feito este seu testamento que dá por bom, firme e valioso que para valer por qualquer forma em direito, rogando as autoridades que o cumpram e façam cumprir como nele se contem e declara. Assim o disse que dou fé me pedio este instrumento que lhe lavrei nas minhas notas, segundo me foi ditado pelo testador perante as testemunhas, achando-o ële, testador, segundo sua vontade e ditara pelo que aceita e assina com as testemunhas sempre presentes que são: 1) Dr. Antonio Elias de Queiroga, brasileiro, casado, Juiz de Direito, domiciliado e residente à rua Helena Meira Lins, nº 757 - Tambaú - João Pessoa-PB; 2) Desembargador Semião Fernandes Cardoso Cananéa, brasileiro, casado, Magistrado, domiciliado e residente à rua Aderbal Piragibe, nº 18 - bairro de Jaguaribe - João Pessoa-PB; 3) Manoel Gomes da Silva, brasileiro, casado, Procurador de Justiça, domiciliado e residente à rua João Teixeira de Carvalho, nº 349 - Conjunto Pedro Gondim - João Pessoa-PB; 4) Monsenhor Abdon Pereira, brasileiro, solteiro, sacerdote católico, domiciliado e residente à rua Arnaldo Escorel, nº 249 - Tambauzinho - João Pessoa-PB; e 5) Dr. José Paulo Meira, brasileiro, casado, dentista, domiciliado e residente à rua Amelio Rocha, nº 1.052, bairro dos Estados - João Pessoa-PB, todos comigo Tabelião, do que certifico que foram cumpridas todas as exigências e formalidades para os testamentos públicos, Eu, Jader Carlos Coêlho da Franca, Tabelião Público o escrevi e assino em testemunho da verdade JADER CARLOS COELHO DA FRANCA. ass.) PADRE JOAQUIM DE ASSIS FERREIRA. ANTONIO ELIAS DE QUEIROGA. SEMIÃO FERNANDO CARDOSO CANANEA. MANOEL GOMES DA SILVA. ABDON PEREIRA. JOSÉ PAULO MEIRA. " Está conforme com o original", do que dou fé.

Dep. José Joffili, Dom Carlos Coelho, Dom Henrique Gelain, Dr. Napoleão Nóbrega, Frei Amadeu, Monsenhor Manuel Vieira, Pe. Joaquim de Assis Ferreira, Pe. Pedro Maria Serrão, Dom Zacarias Rolim de Moura, Pref. José Xavier, MonsenhorJosé Borges, Monsenhor Silvio Celso de Melo e Monsenhor Severino Pires Ferreira

Monsenho Abdon Pereira, Pe. Edigar Toscano, Pe. Joaquim de Sousa, Pe. João Bosco, Pe. Luiz Vieira, Pe. Manoel Otaviano, Pe. Monuel Vieira, Pe. Severino Pires Ferreira, Monsenhor Vicente Freitas, Pe. Nicolau Leite, Pe. Joaquim de Assis Ferreira e Monsenhor Valeriano.

Monsenhor Manuel Vieira, Pe. Joaquim de Assis Ferreira, Professor Euclides Gomes de Brito, Professor de Manuel de Sousa Oliveira e Interventor Tertuliano Brito

Padre Pedro Maria Serrão e Monsenhor Vicente Freitas

Monsenhor Manuel Vieira, Pe. Joaquim de Assis Ferreira, Professor Euclides Gomes de Brito, Professor Manuel de Sousa Oliveira e Interventor Tertuliano Brito

Promotor de Justiça Francisco Soares de Sá, Padre Joaquim de Assis Ferreira e Monsenhor Manuel Vieira

Chegada de Fátima - Sermão do Padre Assis (Patos)

Dr. Vicente Ferreira Pinzon (irmão do Pe. Assis) e Fátima Pinzon Ferreira - Esposa